



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**Futebol espetacularizado e cotidiano: a construção social dos  
torcedores do ABC F.C. de Natal/RN na atualidade**

THIAGO VIRGINIO DE MELO

NATAL/RN  
2015

THIAGO VIRGINIO DE MELO

**Futebol espetacularizado e cotidiano: a construção social dos torcedores do ABC F.C. de Natal/RN na atualidade**

Dissertação submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, sob orientação da Professora Dr<sup>a</sup>. Josimey Costa da Silva (PPGCS-UFRN).

NATAL/RN  
2015

THIAGO VIRGINIO DE MELO

**Futebol espetacularizado e cotidiano: a construção social dos torcedores do ABC F.C. de Natal/RN na atualidade**

Dissertação submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

Área de concentração: Dinâmicas Sociais, Práticas Culturais e Representações.

Data da Defesa: 04/05/2015.

Resultado: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

Presidente da Banca  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Josimey Costa da Silva  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

---

Membro Externo ao Programa  
Prof. Dr. Allyson Carvalho de Araújo  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

---

Membro Externo à Instituição  
Prof. Dr. Edison Luis Gastaldo  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

---

Membro Suplente  
Prof. Dr. João Bosco Araújo da Costa  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho aos fascinados, independente do seu grau de intensidade, pelos diversos tipos de futebol, principalmente o espetacularizado. E também fica a minha sincera e estimada dedicatória para o ABC F.C. e todos os abecedistas nestes cem anos de construções sociais.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a DEUS.

Depois agradeço a minha família (meus pais) e amigos que acreditam em mim.

Agradeço a minha noiva, Mylena, e sua família. Também ao meu primão Joan e meu amigo Leonardo Vieira.

Gostaria de agradecer a Agência de fomento CNPq que possibilitou a realização desta pesquisa.

Agradecer a Professora Josimey por sua compreensão, motivação e ensinamentos.

Agradecer ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais da UFRN/CCHLA, destacando os ilustres Otânio e Jefferson.

E meus profundos agradecimentos a todos e todas abecedistas que contribuíram direta e indiretamente com o processo de produção da presente pesquisa.

*ABC clube do povo  
Campeão das multidões  
Serás sempre o mais querido  
Pelos nossos corações*

*Eu me orgulho ser da terra potiguar  
Quando vou para o gramado  
Ver o ABC jogar*

*É bola pra aqui  
É bola pra lá  
A turma joga com classe  
E com raça pra ganhar  
O adversário fica no campo perdido  
Salve, o mais querido*

*Salve, o mais querido  
Salve, o mais querido  
Salve, o mais querido*

**Dôzinho**

## RESUMO

O futebol é um fenômeno social que se reveste de importância significativa nas sociedades contemporâneas em razão de sua manifestação midiaticamente espetacularizada e da sua popularidade em grande escala. Para os propósitos desta dissertação, interessa apreender os torcedores como indivíduos, numa relação de interdependência com o coletivo (torcida), para quem o futebol transcende a partida em si para tornar-se uma prática que, mantendo vínculos com o universo futebolístico, apresenta impacto em diversos aspectos da vida cotidiana. A nossa reflexão parte do pressuposto de que o universo simbólico do futebol supera largamente os fatos sociais ocorridos nos estádios. Sendo assim, os aportes teóricos de análise utilizados foram o conceito de *jogo* (CAILLOIS, 2001; HUIZINGA, 2005) como elemento cultural de natureza simbólica que se reveste de fundamental importância para as relações sociais a partir de práticas cotidianas como um modo de ação do indivíduo, embora seja utilizado o conceito de *esporte* para tratar do futebol, e as noções de *fascinação* (GUMBRECHT, 2007), *pertencimento* e *imagens simbólicas*, como características elementares do processo de construção social dos torcedores. Sendo o objetivo principal de a pesquisa investigar como se constrói socialmente os torcedores do clube de futebol ABC F.C. de Natal/RN na atualidade, o recurso metodológico adotado foi uma descrição analítica dos diversos tipos de torcedores abecedistas, consistindo na realização de entrevistas semiestruturadas, aplicação de questionários *on line* e pela observação participante em algumas partidas do ABC F.C. no estádio, no rádio e na TV entre os anos de 2014 e 2015. Por fim, consideramos como resultados, que o possível surgimento histórico-social do torcedor de futebol aliado à singularidade do indivíduo que torce atualmente, verificado na realidade empírica dos abecedistas, aponta para uma necessidade lúdica cotidiana do torcer no futebol, numa perspectiva de ressignificação da tipologia dos torcedores afetada pela mídia (SILVERSTONE, 2011).

**Palavras-chave:** Futebol espetacularizado; cotidiano; construção social; torcedores de futebol; abecedista.

## ABSTRACT

Football is a social phenomenon that covers itself of considerable importance in contemporary societies because of its spectacular manifestation by the media as well as its popularity in large scale. For purposes of this dissertation, we are interested in learn fans as individuals in an interdependent relationship with the collective – the crowd – for whom football transcends the game itself to become a practice, which by keeping links with the football universe, presents impacts in many aspects of everyday life. Our reflection assumes that the symbolic universe of football greatly exceeds the social events occurred in stadiums. Thus, one of the theoretical contributions of analysis used were the concept of game (CAILLOIS, 2001; HUIZINGA, 2005) as a cultural element of symbolic nature that covers itself of fundamental importance for social relations based on everyday practices as an individual action mode. However, it is also used the concept of sports to address football, the fascination notions (GUMBRECHT, 2007), belongings, and symbolic images as basic characteristics of the process of social construction of fans. As the main objective of the research is to investigate how the fans of ABC Football Club from Natal, RN are built nowadays, the methodological approach adopted was an analytical description of the many types of ABC fans by conducting semi-structured interviews, applying online questionnaires and observing some matches at the stadium, on radio, and on TV during the years of 2014 and 2015. In conclusion, we consider as results the possible social and historical emergence of the football fan combined with the uniqueness of the individual who currently supports verified in empirical reality of ABC fans that points to a ludic need for everyday support in football, a reframing perspective of the typology of the fans affected by the media (SILVERSTONE, 2011).

**Keywords:** Spectacular football; everyday; social building; football fans; ABC fan.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Trabalho de campo: ABC e Cruzeiro, quartas-de-final da Copa do Brasil - 15/10/2014.....	20
Figura 2 – Arena das Dunas: espetáculo da torcida dos abecedistas, “Unidos Somos Fortes” .....	28
Figura 3 – Processo de tatuagem de Escudo e Hino do ABC em todo o espaço das costas do Abecedista Flávio Vicente.....	46
Figura 4 – Clássico ABC e América, no Frasqueirão - 01/03/2015.....	58
Figura 5 – Atual escudo oficial do ABC.....	62
Figura 6 – O Abecedista José Aécio registrou o filho com o nome de ABClino.....	64
Figura 7 – Alexandre Costa, seu irmão e seu pai durante doação das primeiras redes do Frasqueirão.....	65
Figura 8 – Imagens simbólicas apropriadas pelos abecedistas em seu cotidiano.....	65
Figura 9 – Vanilson e sua faixa de Campeão Brasileiro da série C - 2010.....	66
Figura 10 – Organograma da tipologia dos torcedores na atualidade.....	75
Figura 11 – Bora Porra.....	77
Figura 12 – Padre Murilo.....	78
Figura 13 – Verlânio e a Torcida Garra Alvinegra.....	80
Figura 14 – Artur e a Torcida Camisa 12.....	82
Figura 15 – Rodrigo e a Torcida Movimento 90.....	83
Figura 16 – Fachada do Bar do Vanilson.....	87
Figura 17 – Parte interna do Bar do Vanilson.....	87

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	PROCESSO DE PRODUÇÃO DE PESQUISA.....	21
3	FUTEBOL ESPETACULARIZADO: JOGO E ESPORTE.....	29
3.1	Diversos tipos de futebol: o futebol espetacularizado .....	29
3.2	O jogo como elemento da cultura: o torcedor como <i>Homo ludens</i> .....	34
3.3	Quando o torcedor aproxima-se do jogador: <i>mimicry</i> e <i>ilinx</i> .....	39
3.4	Um conceito de esporte moderno da Sociologia do esporte.....	42
4	UMA POSSÍVEL CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DOS TORCEDORES DE FUTEBOL.....	47
4.1	O surgimento dos torcedores de futebol no estádio.....	48
4.2	A assistência dos torcedores de futebol e a imprensa.....	52
4.3	A uniformização dos torcedores de futebol e o rádio .....	53
4.4	A organização dos torcedores de futebol e a TV .....	55
5	DIVERSOS TIPOS DE ABECEDISTAS.....	59
5.1	Futebol norte-riograndense: ABC, América e Alecrim.....	59
5.2	Imagens simbólicas, fascinação e pertencimento .....	62
5.3	Tipologia dos torcedores do ABC F.C.....	72
5.3.1	Abecedistas torcedor-símbolo.....	75
5.3.2	Abecedistas comuns.....	78
5.3.3	Abecedistas da torcida Garra Alvinegra .....	79
5.3.4	Abecedistas da torcida Camisa 12.....	80
5.3.5	Abecedistas da torcida Movimento 90.....	82
5.3.6	Abecedistas ouvintes .....	84
5.3.7	Abecedistas teletorcedores: “caseiro” e “de barzinho” .....	85
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
	REFERENCIAS.....	93
	ANEXO A – TABELAS E GRÁFICOS .....	97
	ANEXO B - IMAGENS DO ABC .....	102
	ANEXO C – MATÉRIAS NA INTERNET SOBRE ABECEDISTAS.....	103
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE .....	104
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO .....	105
	APÊNDICE C – ENTREVISTA INFORMAL.....	107

# 1 INTRODUÇÃO

Quando criança, eu sempre gostei de jogar bola. À medida que crescia, e entendia, a paixão pelo futebol começou a ganhar forma: acompanhar meu pai em partidas de futebol amador; praticar o esporte em escolinhas de futebol; assistir jogos pela Televisão; ouvir os jogos do ABC no rádio com a minha avô materna; passar horas no *videogame* se divertindo com jogos de futebol; brincar com meus amigos de jogo de botão; jogar nas ruas e campos de terra batida os diversos jogos com bola existentes na minha cidade; em suma, o futebol compunha uma parte considerável da minha vida e da minha imaginação infantil. Embora tudo isso tenha sido significativo para mim, o que mais me afetou subjetivamente foi as minhas idas ao estádio de futebol.

Aos meus oito anos, se não me falha a memória, meu pai me levou a uma partida de futebol do ABC Futebol Clube<sup>1</sup> no estádio Machadão<sup>2</sup>. Na ocasião era uma partida referente ao campeonato potiguar contra o seu arquirrival América Futebol Clube. Na época eu já me considerava um abecedista<sup>3</sup>, por influência de meu pai e dos artigos do ABC que recebia como presente (por exemplo: boné, caneca, caderno, entre outras coisas que tinham o distintivo do clube estampado em sua superfície). Mas foi a experiência daquele dia de jogo que me afetou: a ansiedade de acompanhar a partida durante a viagem do interior até a capital; a movimentação em torno do estádio horas antes do jogo iniciar; a maioria dos torcedores vestidos com a camisa que representava seu time de coração; as torcidas organizadas; a distribuição de adesivos com o escudo do ABC; bandeiras; as discussões sobre a escalação nas filas dos portões de entrada; as conversas sobre os lances da partida nos bares do estádio, nos banheiros e na saída da partida; etc.; juntamente com a vitória do meu clube naquele dia, cristalizou em mim

---

<sup>1</sup> Clube de Natal/RN. Vou me referir ao ABC Futebol Clube como “ABC” no decorrer do texto.

<sup>2</sup> Machadão refere-se ao Estádio João Cláudio de Vasconcelos Machado, inaugurado em 4 de junho de 1972 com o nome de Estádio Humberto de Alencar Castelo Branco, com capacidade para 42.326 torcedores, sendo conhecido como Castelão até 1989, quando ganhou a nomenclatura citada no texto. Localizava-se na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, sendo palco de jogos dos clubes potiguares, ABC, Alecrim e América. Recentemente, o Machadão foi demolido para dar lugar à Arena das Dunas, estádio construído para a Copa do Mundo da FIFA 2014.

<sup>3</sup> Como se intitulam e são conhecidos os torcedores do ABC. Também são conhecidos desta maneira os poetas repentistas populares, que são homônimos dos torcedores do ABC por fazerem abêcês e composições poéticas de versos acrósticos (fonte: <http://www.aulete.com.br/abecedista>).

certo sentimento de *pertencimento*<sup>4</sup> ao ABC. A partir daí se intensificaram as idas ao estádio Machado, e anos depois ao Estádio Frasqueirão<sup>5</sup>, permeando ainda mais os tecidos do meu imaginário, pois tudo isto extrapolava o dia de jogo e fazia parte de meu cotidiano nas histórias contadas aos amigos, em meus objetos com as cores e o escudo do ABC, no pôster do time campeão em meu quarto, nas discussões com os torcedores do América, na criação de um time de futsal por meus amigos intitulado de ABC. Vale ressaltar que todos esses elementos não eram somente meus individualmente, existiam também nos meus amigos (e nos conhecidos deles), independente do clube que eles torciam.

Sendo assim, desde o meu ingresso na graduação no curso de Ciências Sociais, o universo temático do futebol me inquietava aos olhos da sociologia, principalmente por não conhecer estudos sobre a temática. Numa tentativa de resposta para minha inquietação sempre busquei realizar trabalhos e pesquisas sobre o futebol, e lembro-me que na disciplina Planejamento de Pesquisa Social realizei um estudo sobre o futebol feminino norte-riograndense. Mas na minha trajetória acadêmica na graduação não consegui me aprofundar na referida temática, porque segui outros caminhos empíricos, o que só aumentou a minha inquietação. Embora durante a preparação do projeto de mestrado tenha encontrado poucas obras que tratavam diretamente da temática do futebol, destaco a relevância das obras de Franco Júnior (2007) e Wisnik (2008), inclusive nesta última o autor traz uma crítica do sociólogo francês Pierre Bourdieu a desdenha pelos sociólogos à sociologia esportiva, assim como o saudoso Nelson Rodrigues criticava a indiferença de nossos intelectuais, de modo geral, e de acadêmicos, em particular, em relação ao futebol, que já em sua época (1950-1970) mobilizava milhões de brasileiros.

Mas ao ler um artigo de Gastaldo (2010a) que discutia alguns aspectos da configuração política dos estudos sociais sobre o esporte no Brasil, revelando um

---

<sup>4</sup> Para Damo (2002) o futebol funciona a partir de um sistema de lealdades, em que torcer implica pertencer, e pertencer a um clube significa ser leal a ele. No caso do Brasil, o pertencimento clubístico atribui-se a vínculos identitários dos torcedores do futebol a seus times, como ocorre com o *rugby* na África do Sul, Nova Zelândia e Austrália e com o beisebol, o basquete e o *football* nos EUA.

<sup>5</sup> Popularmente conhecido como a casa e símbolo de orgulho dos abecedistas, o estádio Maria Lamas Farache foi inaugurado em 22 de janeiro de 2006 e representou a “volta por cima” do clube potiguar após 6 anos sem disputar a série B do campeonato brasileiro. O nome social do estádio do ABC faz referência a sua torcida, que é conhecida como Frasqueira por ser constituída por torcedores de camadas populares, que sempre assistiam às partidas na mesma parte da arquibancada junto à banda que animava o time e seus torcedores.

campo relativamente jovem no cenário acadêmico, tendo seus estudos clássicos<sup>6</sup> sido publicados no início dos anos 1980, o que me chamou atenção foi que apesar da superioridade numérica da educação física, áreas como a antropologia e sociologia vêm apresentando há mais de trinta anos uma consistente e relevante produção teórica e metodológica sobre fenômenos esportivos, bibliografia que exerce grande influência na própria literatura da educação física. Sendo assim, percebi que existia uma vasta produção bibliográfica sobre o futebol<sup>7</sup> no cenário acadêmico brasileiro, que atualmente se desenvolve no campo<sup>8</sup> acadêmico dos estudos sociais, e mais especificamente quando descobri essa gama de pesquisas em dois levantamentos bibliográficos sobre o futebol como temática central: *O futebol brasileiro, 1894 a 2013: uma bibliografia*<sup>9</sup> e *Levantamento da produção acadêmica sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007*<sup>10</sup>. Portanto, com os diversos estudos observados, percebi que o futebol é um fenômeno social que se reveste de importância significativa nas sociedades contemporâneas em razão de sua manifestação midiaticamente espetacularizada e da sua popularidade em grande escala. Então, a partir de uma leitura atenta dos respectivos levantamentos bibliográficos para os estudos sobre os torcedores

---

<sup>6</sup> Conforme Gastaldo (2010a, p. 3-4), desde meados dos anos 1970, alguns cientistas sociais começaram a dedicar-se à dimensão social do fenômeno social do universo futebolístico. Destacam-se neste período Roberto Da Matta, que desde 1974, em artigos para a imprensa, apontava a dimensão cultural do futebol no Brasil, Sérgio Miceli, sociólogo que publicou artigos sobre a torcida “Gaviões da Fiel” em periódicos científicos entre 1977 e 1979 e Ricardo Benzaquen de Araújo, que em 1980, defendeu dissertação de mestrado no Museu Nacional intitulada “Os Gênios da Pelota: um estudo do futebol como profissão”, orientado por Gilberto Velho. Provavelmente, a primeira dissertação de mestrado a tratar o esporte em perspectiva social no Brasil foi a de Simoni Lahud Guedes, em 1977, “Futebol Brasileiro: instituição zero”. Portanto, em 1982, foi lançado *Universo do futebol*, dos antropólogos Roberto DaMatta (organizador), Luiz Felipe Baêta Neves, Simoni Lahud Guedes e Arno Vogel, uma obra considerada tradicionalmente o marco dos estudos sociais do esporte no Brasil, que tratava de ser uma iniciativa inédita entre pesquisadores e professores para superar preconceitos, ainda não de todo suplantados, é fato, contra o tema no meio acadêmico. Nesta coletânea, o futebol é apresentado dentro de uma perspectiva antropológica da cultura, a partir de estudos etnográficos.

<sup>7</sup> Segundo Gastaldo (2010a), a partir do final dos anos 1990, os estudos acadêmicos sobre o esporte, destacando-se o futebol, seriam em número cada vez maior, começando a configurar-se, pelo número, qualidade e dispersão teórica, geográfica e institucional.

<sup>8</sup> Organizada na forma de um “campo intelectual” (BOURDIEU, 2002), noção já conhecida e sobre a qual não pretendo me debruçar.

<sup>9</sup> Levantamento bibliográfico organizado pelas bibliotecárias da Fundação Joaquim Nabuco, Lúcia Gaspar e Virgínia Barbosa, em parceria com o Ministério da Educação. Apesar de focarem em bibliografias sobre o futebol brasileiro, as autoras não se restringiram às publicações acadêmicas, incluindo no levantamento a produção jornalística e não acadêmica.

<sup>10</sup> Esta pesquisa, dirigida por Silvio Ricardo da Silva – Doutor em Educação Física e docente da UFMG - foi realizada em parceria com o Ministério do Esporte, representado pela Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer (SNDEL), em que foi feito um levantamento da produção acadêmica (teses, dissertações, periódicos, anais e livros) sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007. Fonte: [www.gefut.wordpress.com](http://www.gefut.wordpress.com).

(recorte empírico que escolhi para pesquisa), observei que a maioria dos estudos tratava o torcedor como um coletivo, ou seja, estudando as torcidas organizadas de clubes, principalmente nos momentos de ruptura e crise, quando a violência e os confrontos físicos acontecem entre os torcedores. Assim, também percebi a tendência da mídia a valorizar os conflitos entre as facções de torcedores, ignorando outras expressões culturais relacionadas ao cotidiano do torcedor, que são de igual relevância e certamente mais numerosas.

Tendo em vista esse fato, busquei estudar um elemento essencial do futebol: *os torcedores de futebol*. Para os propósitos desta dissertação, interessa apreender os torcedores como indivíduos, numa relação de interdependência com o coletivo (torcida), para quem o futebol transcende a partida em si para tornar-se uma prática que, mantendo vínculos com o universo futebolístico, apresenta impacto em diversos aspectos da vida cotidiana. Para Elias (1994) o social é concebido como um sistema de relações entre grupos e indivíduos interdependentes, onde as inter-relações e as interdependências permitem trabalhar com uma noção de torcedores individuais numa rede de relações. Para o autor o entrelaçamento das dependências dos homens entre si, suas interdependências são o que os ligam uns aos outros. Elas são o núcleo do que é aqui designado como figuração, como figuração dos homens dependentes uns em relação aos outros, tendo em vista que de certa forma eles são, inicialmente por natureza, mutuamente dependentes entre si, e depois mediante o aprendizado social e os processos de socialização, os homens só existem enquanto pluralidades, apenas em figurações. Não é o meu objetivo desenvolver o conceito de Norbert Elias, apesar de reconhecer a importância de apontar o seu entendimento para relação de interdependência entre os torcedores e a torcida. Partindo da ideia que a própria sociedade é o entrelaçamento das interdependências formadas pelos indivíduos, considero adequado para uma construção de uma tipologia descritiva na pesquisa que existem vários torcedores interdependentes que formam figurações entre si, portanto dentro de uma mesma torcida que leva o sufixo de seu respectivo clube, como, por exemplo, a torcida do ABC - os abecedistas, existem grupos que se constituem e se relacionam segundo a sua realidade social (torcedor comum, torcedor-símbolo, torcedor das torcidas organizadas, etc.). Segundo Elias (1994) o conjunto de relações é o social, onde o grupo é um todo relacional, constituinte de relações que se estabelecem, em todo o

momento, entre o conjunto de elementos que o compõe e que estão sempre em processo dinâmico. Em suma, o comportamento individual de cada um dos torcedores está orientado pela configuração das interdependências, ou seja, o que se relaciona com o modo como integram as suas posições e se diferenciam pela sua formação social (local de pertença, classe social, cor, gênero, etc.), e os fazem ligar-se uns aos outros por uma maneira específica de dependências recíprocas. Por isso, em linhas gerais somente existe sociedade no indivíduo e indivíduo na sociedade numa relação estabelecida entre os singulares.

Vale ressaltar que os torcedores não serão abordados em sua figura meramente de espectadores, embora me detivesse ao futebol espetacularizado diante dos diversos tipos de futebol<sup>11</sup>. Primeiramente vale destacar algumas definições de torcedor presentes no campo de estudo: que todo torcedor torna-se espectador no futebol profissional atual, mas não quer dizer que todo espectador possa ser um torcedor, pois se considera torcedor um indivíduo que se reconhece voluntariamente como parte de uma coletividade que o transcende, além de ter um engajamento emocional, não necessariamente pela frequência de acompanhar as partidas de seu clube, nem mesmo pelo vínculo a grupos organizados, conforme Damo (2007). Para Campos (2010, 2010, p. 6) essas pessoas podem ser denominadas espectadores ou torcedores:

De acordo com Reis (1998, p.6), o espectador de futebol “[...] é todo indivíduo que assiste aos espetáculos esportivos [enquanto o torcedor é o] indivíduo que, além de ser espectador com preferência por algum clube, é torcedor dele, e que manifesta essa predileção no decorrer dos jogos”. Essa autora ainda subdivide o torcedor em duas categorias: torcedor uniformizado e torcedor organizado. O torcedor uniformizado é aquele “[...] que usa a camisa de sua equipe, demonstrando assim sua predileção por um time de futebol [já o torcedor organizado é aquele que] faz parte de uma facção torcedora, que tem uma estrutura organizacional independente do clube pelo qual torce” (REIS, 1998, p.6). Pode-se ainda acrescentar a essas categorias o torcedor comum, representado pela pessoa que vai ao estádio torcer pelo seu time, mas que não usa nenhum símbolo que distinga o seu time.

---

<sup>11</sup> Quando usamos o termo futebol, a qual modalidade está nos referindo diante de práticas, como, por exemplo, o jogo de bola em pequenos campos de terra batida, partidas na praia, em quadras, etc.? Por isso usaremos o termo “futebóis”, utilizado por Damo (2007). O autor agrupa quatro matrizes, denominadas de espetacularizada, bricolada, comunitária e escolar. Ele não pretendeu instituir uma classificação com um fim em si mesma, mas supondo que seu uso estratégico sirva para melhor compreender a diversidade a partir das diferenças. Trataremos melhor dessa discussão no primeiro capítulo da dissertação.

Já Marques (2011) entende os torcedores como indivíduos que constituem-se no mais contraditórios e ao mesmo tempo mais ricos sujeitos desse universo esportivo, considerando que ser torcedor consiste em renunciar parcialmente a uma condição individual para compor uma personalidade coletiva. E continua: “O torcedor não existe isoladamente, ao contrário, faz parte de uma condição heterogênea de vários pontos de vista cultural, social e econômico” (MARQUES, 2011, p.15). Segundo Franco Júnior (2007) todo torcedor o é em tempo integral, mesmo longe dos estádios, pois torcer pela TV ou pelo rádio, acreditando contribuir para a vitória do seu time e acredita que “torcer supõe alterar a configuração de um evento, moldar psiquicamente um fato para adequá-lo ao espaço do desejo” (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 311). Souza Neto (2010, p. 43) remonta um possível surgimento da palavra torcida e torcedor:

Não foram encontradas fontes comprobatórias sobre a origem do sentido da palavra “torcida” para designar um grupo de pessoas com identificação afetiva a um determinado clube. No entanto, algumas versões puderam ser identificadas. Dentre elas, duas se destacam. Uma, assim explicada pelo jornalista Luiz Mendes, em uma entrevista publicada no periódico *Memória da Imprensa Carioca*: “No começo do futebol, ir ao estádio era um ato de elegância, principalmente, no Fluminense. Por isso o Fluminense até hoje tem essa fama de clube aristocrático. As mulheres se enfeitavam como se fosse ao Grande Prêmio Brasil, colocavam vestidos de alta costura, chapéus, luvas. Mesmo que a temperatura na cidade estivesse por volta dos 40º de temperatura, elas iam de luvas. Como o calor era muito grande, elas tiravam as luvas e ficavam com as luvas nas mãos, e como ficavam nervosas com o jogo, elas as torciam ansiosamente. Os homens usavam a palheta, um chapéu de palha muito comum na época, muito elegante e também ficavam com o chapéu na mão enquanto torciam. O Coelho Neto, que além de poeta e cronista era pai de dois jogadores do Fluminense escreveu uma crônica em que ele usava a expressão ‘as torcedoras’, referindo-se às mulheres e dali a expressão pegou e nasceu a torcida”. Uma outra versão, corroborada pelo historiador brasileiro Nicolau Sevckenko, aponta para o significado do termo *torcida* pela torção corporal que o sujeito apaixonado realiza ao acompanhar os lances de uma partida do seu time. No entanto, não há uma referência precisa de *quando* o termo passa a ser incorporado pelos sujeitos sociais. Porém, a palavra “torcida” tem aplicação genuinamente brasileira. Não existe, em nenhum outro país, um termo que tenha similaridade semântica ao ato de torcer por um clube. Em Portugal, os torcedores são identificados como “adeptos”, termo ligado à religiosidade. Na Espanha, a palavra “hincha” corresponde às pessoas que se “inflam” de paixão por uma equipe. Em inglês, os fanáticos (*fans*) ou os sujeitos que dão apoio a um time (*supporters*) é que definem o termo análogo ao torcedor brasileiro.

Ressalto que estou entendendo os torcedores como indivíduos que não são simplesmente como parte de um coletivo, e sim estão numa relação de interdependência, porque assim ele não se restringe apenas a partida de futebol em si como um espectador, mas transcende a partida em si para tornar-se uma prática que apresenta impacto em diversos aspectos da vida cotidiana, se influenciando pela mídia, família, amigos, entre outros fatores. Esta noção de torcedor que será abordada na pesquisa se torna relevante ao observar a presença dos elementos que extrapolam a partida de futebol em si: o uso de vestimentas ou objetos com o brasão, o nome ou as cores do seu clube do coração; apropriação de imagens que simbolizam uma experiência de vida com o futebol; as conversas em ambientes públicos, apostas, “gozações”, em termos gerais as ditas “relações jocosas futebolísticas” (GASTALDO, 2006a). Partindo disso, qual a necessidade humana e social que responde sermos torcedores de futebol? O que nos torna torcedores de futebol? Quais são as características dos torcedores de futebol?

A fim de responder essas indagações escolhi os torcedores do ABC de Natal/RN (abecedistas) como objeto de estudo. A escolha se deu por três fatores: o primeiro fator, como “estado de arte”, diz respeito à minha história e trajetória de vida de paixão pelo futebol e pelo ABC; o segundo, a exequibilidade, por tratar dos torcedores de um clube de futebol que acompanho desde a minha infância, não sendo muito difícil coletar dados que possam subsidiar a pesquisa; já o terceiro, pelo fato de serem escassas as investigações sobre o referido clube de futebol no campo acadêmico, ainda mais nas vésperas de se tornar uma instituição centenária – em 2015 comemora-se os cem anos de fundação do ABC. Esses fatores expressam a relevância da presente pesquisa, que é inédita ao que se refere ao ABC Futebol Clube da cidade de Natal/RN, podendo contribuir para realização de novas pesquisas sobre o ABC e/ou seus torcedores, além de discutir a compreensão do torcedor como ator social que transcende o jogo em si se apropriando de elementos do universo futebolísticos em seu cotidiano, figurando um torcedor que pode ser reconhecido em clubes de futebol de pequeno, médio e grande porte.

Antes de percorrer o caminho de observações a fim de chegar à questão central estudada, vale ressaltar o desafio de superar as indagações metaforizadas nas amarras da paixão futebolística no processo de produção da presente pesquisa. Sendo assim, realizei nas primeiras aproximações, uma tentativa de desconstrução

do olhar de torcedor, a fim de na postura de cientista social, perceber os elementos relevantes para a organização dos dados coletados pertinentes à pesquisa. Isso se deu quando observei que os torcedores do ABC se orgulhavam em expressar sua paixão mostrando o uso de camisetas e bandeiras do clube em algumas partidas transmitidas pela TV, e principalmente no televisoramento em canal aberto de partidas de clubes considerados de grande porte. Mesmo assim, o que mais me chamou atenção foi uma observação que fiz no site oficial do clube, mais especificamente no espaço reservado para a torcida, na parte intitulada “Mundo Abecedista”, onde tinham fotos de torcedores “anônimos” exibindo sua camisa ou bandeira do ABC em diversos lugares pelo mundo<sup>12</sup>, como, por exemplo, o Coliseu, a torre Eiffel, entre outros. Qual a relação de pertencimento destes torcedores com o ABC? O que o ABC fascina neles? Com que intensidade? Como essas imagens simbólicas estão presentes na vida cotidiana destes abecedistas? Nas primeiras observações de campo, percebi que outros elementos para além do brasão, como, por exemplo, as cores alvinegras, foto com o ídolo, adesivos, pôster do time campeão, chaveiros, toalhas, histórias, piadas, etc., estavam presentes no cotidiano dos abecedistas. Com essas considerações, encontrei o problema da pesquisa: *Como se dá o processo de construção social dos torcedores do clube de futebol ABC F.C. de Natal/RN na atualidade?* Investigarei o problema em questão.

Partindo da hipótese que o universo simbólico do futebol supera largamente os fatos sociais ocorridos nos estádios, o objetivo principal de a pesquisa é investigar como se constrói socialmente os torcedores do clube de futebol ABC F.C. de Natal/RN na atualidade. A partir disso, a presente pesquisa, está dividida em:

No *Processo de Produção de Pesquisa* da dissertação pretendo descrever a metodologia científica utilizada na presente pesquisa, ressaltando o meu envolvimento inevitável com os abecedistas, tendo em vista que sou um. Com uma metodologia de caráter qualitativo, utilizei os aportes teóricos Damo (2007), Huizinga (2000), Caillois (2001) e Helal (1990), a fim de entender a melhor relação de jogo e esporte no futebol espetacularizado. Também realizei uma revisão e pesquisa bibliográfica da área das humanidades, objetivando entender o processo de surgimento e desenvolvimento dos torcedores de futebol. Além disso, utilizei também o trabalho de campo etnográfico, mais especificamente a observação

---

<sup>12</sup> Ver imagens em: <http://abcfc.com.br/mundo-abcdista>.

participante (diário de campo, gravador e máquina fotográfica), aplicação de questionários e entrevistas com participantes da situação da pesquisa.

No terceiro capítulo inicio com a categorização abordada por Damo (2007) nas principais matrizes (*espetacularizada, bricolada, comunitária e escolar*) da “unidade futebolística”, escolhendo o futebol espetacularizado, que é o futebol de espetáculo caracterizado pela divisão social do trabalho, dentro e fora de campo. Em seguida trago a caracterização do jogo por dois autores clássicos na temática: Johan Huizinga e Roger Caillois. Com os autores entendo o jogo como elemento cultural de natureza simbólica que se reveste de fundamental importância para as relações sociais a partir de práticas cotidianas como um modo de ação do indivíduo. Mesmo assim, para tratar do futebol espetacularizado devo me deter ao conceito de esporte moderno, abordado por Ronaldo Helal, onde o esporte moderno tem como suas principais características a secularização e a racionalização, características estas da vida social moderna de forma geral, que afetam o esporte transformando-o num evento singular de nossos tempos, que incorpora elementos do jogo, mas se situa além dele.

No quarto capítulo, faço uma breve análise do possível surgimento do torcedor de futebol. A partir de uma pesquisa bibliográfica sobre a história do futebol, observamos as fases de linearidade de figurações dos torcedores de futebol desde seus primeiros aparecimentos até os dias atuais. Percebi a presença do espectador no começo do futebol, que era representado pela elite, mas com o acompanhamento das partidas os ditos assistentes passaram a escolher um dos times que se enfrentavam, constituindo um esboço da figura dos torcedores de futebol. Com a presença midiática influenciando e afetando o futebol e os torcedores, aconteceu a popularização deste esporte moderno inventado na Inglaterra industrial com os adventos da imprensa, influenciando o aparecimento dos torcedores, o rádio e os torcedores uniformizados, a TV e os torcedores organizados, e atualmente novos tipos de torcedores, apontado e categorizados no último capítulo.

Já no quinto capítulo, que é o último, é descrito um breve histórico do surgimento de três clubes natalenses na mesma época (mesmo ano e contexto, já que surgiram um em seguida do outro, com aproximadamente um mês de diferença) e que existem até hoje e completam 100 anos juntos: ABC, América e Alecrim de Natal/RN, para que se possam entender implicitamente alguns aspectos na

constituição dos abecedistas, embora não seja esta a proposta da presente dissertação nem do presente capítulo, que se intitula *Diversos tipos de abecedistas*. Também se esboça as noções de *imagem simbólica*, *fascinação* (GUMBRECHT, 2007) e *pertencimento*. A partir disto, criei um quadro tipológico de um torcedor ideal de futebol, que será aplicado aos diversos tipos de abecedistas, onde categorizei os torcedores que não acompanham os jogos do seu time na íntegra, embora o universo futebolístico esteja presente em seu cotidiano, e os demais abecedistas: torcedor-símbolo, “comum”, da Torcida Organizada Garra, da Torcida Organizada Camisa 12, da Torcida Organizada Movimento 90, “torcedor ouvinte”, “teletorcedor caseiro” e “teletorcedor de barzinho”. E por fim, nas considerações finais, apresentasse como resultados que o possível surgimento histórico-social dos torcedores de futebol aliado à singularidade dos indivíduos que torcem atualmente, apontam para uma perspectiva de necessidade lúdica do torcer no futebol afetado pela mídia.

# PROCESSO DE PRODUÇÃO DE PESQUISA



Figura 1. Trabalho de campo: ABC e Cruzeiro, quartas-de-final da Copa do Brasil - 15/10/2014.

*Os imponderáveis da vida real...*

*Malinowski*

## 2 PROCESSO DE PRODUÇÃO DE PESQUISA

Nosso trabalho está pautado em uma metodologia de caráter qualitativo. Diante desta opção metodológica, enfatizamos a revisão bibliográfica da área das humanidades, principalmente dos estudos sociológicos e antropológicos com forte destaque para a temática do futebol. A nossa relação com o tema foi descrita na *Introdução* do presente texto, deixando claro nossa paixão pelo futebol e um sentimento de pertencimento, como torcedores, ao ABC de Natal/RN – considerando-nos assim abecedistas. Vale ressaltar o processo de escrita escolhido na *Introdução*, que foi usado a primeira pessoa do singular por se tratar da apresentação da nossa experiência enquanto indivíduo torcedor e “estado da arte”, relacionado e interdependente na construção da escrita dos demais capítulos, que estão na primeira pessoa do plural por fazer referência à torcida, ou seja, a construção coletiva da presente dissertação.

Para Gilberto Velho (1978), a noção de que existe um envolvimento inevitável com o objeto de estudo não constitui um defeito ou imperfeição, pois, mesmo assim, segundo essa premissa, podemos realizar um distanciamento mínimo que garanta a objetividade das condições de nossa pesquisa. Em relação ao distanciamento tivemos dificuldades<sup>13</sup> em pesquisar as relações jocosas entre os torcedores dos ABC, América e Alecrim, pois sabemos que existe primeiramente um dualismo entre o ABC e o América, onde o ser um implica ser o não outro, e o Alecrim é o clube de menor expressão, que além de ser a escolha para torcida do ABC ou América quando enfrenta seu rival, os alecrinenses resistem bravamente e fielmente, pois no Brasil ser torcedor de futebol é uma demonstração de caráter, por exemplo quando o clube cai de divisão ou perde uma final para o rival o torcedor aumenta seu desejo e pertencimento ao clube do coração, demonstrando superação das adversidades. O Alecrim, que é conhecido por seus torcedores como o “periquito”, é visto pelos torcedores do ABC (Abecedistas) e do América (americanos) de maneira amistosa como o time histórico, constituído por torcedores mais velhos e “intelectuais” que não torcem por nenhum time de Natal/RN, e seus torcedores (alecrinenses) veem ambos como clube mais popular e clube mais elitizado, respectivamente. Os torcedores do América intitulam seu clube de “Mecão”

---

<sup>13</sup> Uma das maiores dificuldades foi encontrar bibliografia sobre o esporte potiguar, principalmente pesquisas históricas relacionadas ao futebol, como, por exemplo, o contexto histórico e social de surgimento do ABC, América e Alecrim.

e chamam os torcedores do ABC de “letrinhas” ou/e “galinhas pretas” (esta fase de pesquisa nos causou certo desconforto e dificuldade para se distanciar). Já os Abecedistas consideram o seu clube “O mais querido do Rio Grande do Norte” e denominam o seu rival de “time de vermelho” e seus torcedores de “paquitas”. Existem outras gozações relacionadas a ter um estádio ou a ter acesso à série A do campeonato brasileiro que são figurinhas velhas no jogo dos torcedores abecedistas e americanos.

Entendemos que as opções metodológicas para os objetivos de uma pesquisa devem ser orientadas a uma maior aproximação com a realidade. Partindo do cerne da pesquisa *como se dá o processo de construção social dos torcedores do ABC F.C. de Natal/RN na atualidade*, os objetivos que ditaram o trajeto da investigação foram:

- realizar um estudo sobre os conceitos de jogo e esporte, a fim de relacioná-los com a noção de futebol espetacularizado;
- realizar uma pesquisa bibliográfica sobre o surgimento e a construção histórica dos torcedores de futebol, visando descrever o contexto histórico de popularização do futebol influenciado pela mídia hegemônica de cada época;
- construir uma tipologia dos diversos tipos de torcedores do ABC F.C. de Natal/RN a partir do meio de interação entre os torcedores e as partidas de futebol com as seguintes ferramentas metodológicas: realização de observação participante em partidas de futebol do ABC no estádio, no rádio e na TV entre os anos de 2014 e 2015; aplicação de questionários semiabertos aos abecedistas em geral; entrevistar, de modo informal e roteirizado, os torcedores do ABC escolhidos na pesquisa que representem a tipologia.

Para melhor entendimento, dividimos a descrição do processo de construção de pesquisa por etapas de produção de escrita, como explicado a seguir.

Primeiramente, como corolário teórico de nosso trabalho no capítulo *Futebol espetacularizado: jogo e esporte*, nos orientamos a partir dos aportes teóricos de Damo (2007), Huizinga (2000), Caillois (2001) e Helal (1990). Percebemos

inicialmente a necessidade de circunscrever que tipo de futebol estávamos abordando, optando pela matriz denominada por Damo (2007) como *espetacularizada*. Tendo escolhido e definido o futebol espetacularizado, partimos para a escolha de uma discussão sobre esporte moderno, e para isso escolhemos o estudo de caráter sociológico de Helal (1990) a fim de entendermos como relacionaríamos o conceito de jogo, fundamental para a compreensão do processo de desenvolvimento do futebol moderno a partir das características de jogo abordadas por Huizinga (2000), no seu estudo propulsor que não poderia ser aplicado aos profissionais que atuam no futebol espetacularizado, e por Caillois (2001), que desenvolveu uma maior aplicabilidade de seu conceito de jogo, e que teve como base o próprio Huizinga. Desta maneira, podemos relacionar a dimensão agonística que está presente no conceito de esporte moderno com a vertigem e imitação presentes nos torcedores de futebol.

Partindo para o capítulo *Uma possível construção histórico-social dos torcedores de futebol*, realizamos uma pesquisa bibliográfica para tentar entender o processo de um possível surgimento dos torcedores de futebol, ou seja, “possível” porque não encontramos estudos específicos no campo da História que pudesse nos remeter a dados históricos para contextualização e análise, principalmente no contexto local do Rio Grande de Norte, que dispõe de uma escassa produção sobre a história do futebol no estado, assim como a temática do futebol de maneira geral, o que evidencia uma das principais dificuldades desta pesquisa. Dentro dessa possibilidade, apoiamo-nos nos estudos de Franco Júnior (2007), Wisnick (2008), e principalmente Toledo (1996; 2002). Para entender esse processo de surgimento dos torcedores de futebol, buscamos também entender seu desenvolvimento que, seguindo numa linha cronológica, encontramos no início do futebol a presença de espectadores nas partidas praticadas pela elite. Depois dessa fase da figura do assistente, os indivíduos começaram criar vínculos com um dos times que se enfrentavam nas partidas, esboçando o aparecimento dos torcedores de futebol e conseqüentemente das torcidas. Estas surgiram com a popularização do futebol, e neste momento observamos a presença midiática, respectivamente nesta ordem: imprensa escrita, rádio, TV e internet (esta não será abordada no presente estudo devido à proposta inicial de pesquisa, embora ressaltemos sua importância nas figurações de novos torcedores de futebol, para utilizar um conceito eliasiano). Com

a torcida interligada aos meios midiáticos hegemônicos de cada contexto histórico-social, surgiram os torcedores uniformizados, organizados, comuns e ainda, um novo tipo de torcedor, conforme a nova proposta apresentada nesta pesquisa, a de uma tipologia que abarca tanto as antigas categorias como aquelas emergentes de uma influência midiática: os torcedores de futebol que acompanham o time para além do estádio, mas também pelo rádio e pela TV e, quem sabe, num estudo futuro, poderemos investigar o torcedor da internet (redes sociais) e o espectador que não torce pelos times da partida a qual está assistindo.

Chegando ao terceiro e último capítulo, de cunho empírico, intitulado de *Diversos tipos de abecedistas*, criamos uma tipologia dos torcedores do ABC F.C. de Natal/RN (recorte empírico escolhido) a fim de descrever cada categoria utilizada na pesquisa, ou seja, o recurso metodológico adotado foi uma descrição analítica dos diversos tipos de abecedistas (realizamos um processo de transcrição literal das falas dos entrevistados, sobretudo, das torcidas organizadas, a fim de enfatizar na própria fala a construção social de cada abecedista). Reconhecemos a possibilidade de mudança com o tempo da nossa tipologia construída devido ao dinamismo dos torcedores, do futebol e das mídias, como também da sua importância no contexto atual, já que ela foi pensada a partir de observações de campo onde identificamos categorias influenciadas diretamente pelo processo de midiatização do futebol espetacularizado (estádio, rádio, TV, internet, etc.), conforme quadro tipológico criado a partir de duas matrizes (quem acompanha as partidas e quem não acompanha), podendo ser aplicado em outros clubes de futebol, salvando suas singularidades, que estão presentes na existência de “resíduos”, como, por exemplo, os abecedistas das redes sociais (Movimento Organizado Twitteiros ABCdistas) e os espectadores que vão ao estádio e não torcem pelo ABC (turistas estrangeiros que vão aos estádios *Arena das Dunas* ou *Frasqueirão* por serem espaço considerados cartões postais e de manifestação cultural local), que poderão ser desenvolvidos neste mesmo sistema de categorização numa futura pesquisa.

Para sermos mais precisos, acompanhamos as partidas do ABC em 2014 e 2015 e utilizamos algumas ferramentas metodológicas como apoio para o processo de coleta de dados a fim de facilitar a análise e escrita do presente texto, que se deu de maneira árdua e atenta. Realizamos todas as entrevistas (uma para cada categoria, somando um total de sete entrevistas, pois os dados dos torcedores-

símbolo foram coletados em vídeos e matérias na internet, conforme fonte referenciada no texto) durante as partidas do ABC, sendo algumas partidas reservadas apenas para observação participante. Já os questionários foram aplicados por e-mail ou redes sociais, de maneira *on line*, a fim de serem utilizados como suporte para a verificação e análise das características elementares do processo de construção social do torcedor de futebol (as noções de *imagem simbólica, fascinação e pertencimento*).

No ano de 2014, acompanhamos as seis partidas seguintes: Portuguesa e ABC, em 11/11/2014; ABC e Ceará, em 18/11/2014; Vila Nova e ABC, em 21/11/2014; ABC e Bragantino, em 29/11/2014, todas pelo Campeonato Brasileiro da série B; Vasco e ABC, em 26/08/2014; ABC e Cruzeiro, em 15/10/2014, ambas pela Copa do Brasil. Destas partidas, realizamos apenas a observação de campo no jogo do ABC contra o Cruzeiro no estádio (*in loco*) e Vila Nova contra o ABC na Televisão, enquanto que observamos e entrevistamos o torcedor da Garra Alvinegra e o torcedor da Camisa 12, ambos no estádio em jogos diferentes (ABC e Bragantino; ABC e Ceará; respectivamente), o torcedor ouvinte (Portuguesa e ABC no rádio), e o torcedor do barzinho (Vasco e ABC no Bar do Vanilson).

Já no ano de 2015, também acompanhamos seis partidas: ABC 5x2 Globo, 22/03/2015, 16h, no Frasqueirão (Campeonato Potiguar); ABC 2x0 Boa Vista, 19/03/2015, 19h30, também no Frasqueirão (Copa do Brasil); Baraúnas 0x3 ABC, 14/03/2015, 16h, no Nogueirão (Campeonato Potiguar); Santa Cruz 1x1 ABC, 08/03/2015, 17h, no Iberezão (Campeonato Potiguar); Boa Vista 0x1 ABC, 04/03/2015, 16h, no Eucy Resende de Mendonça (Copa do Brasil); e ABC 1x1 América, 01/03/2015, 18h30, no Frasqueirão (Campeonato Potiguar). Destas partidas, realizamos apenas observações participantes em três jogos: nos jogos do ABC contra o Baraúnas no rádio; contra o Globo na Televisão; e contra o Boa Vista no Bar do Vanilson (jogo de volta pela Copa do Brasil). Já as entrevistas com observação aconteceram com o torcedor comum e o torcedor da Movimento 90, ambos no estádio em jogos diferentes (ABC e Boa Vista; ABC e América; respectivamente), e o torcedor de poltrona (Santa Cruz e ABC na casa do entrevistado).

Os torcedores serão tratados na pesquisa como uma espécie de “informantes privilegiados”, nos termos de Whyte (2005). Para ele, é fundamental

poder contar com um intermediário para realizar a observação etnográfica. Como critério de seleção desses torcedores, levamos em conta primeiramente o seu sentimento de pertencimento ao ABC e o acompanhamento das partidas do ABC. Esses torcedores já faziam parte do mesmo universo futebolístico no qual nos inserimos, apenas restava encontrar um deles que se disponibilizasse para a pesquisa. Para tanto, foram aplicados os questionários via internet, e realizadas as entrevistas, utilizando-se gravador e, nas observações participantes, utilizou-se os recursos de máquinas fotográficas para registro e filmadoras para captação de imagens, além de diário de campo e também do gravador para reflexões (infelizmente, neste período tivemos uma pequena parte do material coletado roubado no caminho para a UFRN, ao meio-dia, constituindo-se um imponderável da vida real na presente pesquisa).

Sobre o trabalho de campo etnográfico, especificamente a observação participante, para a redação de um diário de campo etnográfico e as entrevistas com participantes da situação da pesquisa, seguimos a metodologia de pesquisa adotada por Édison Gastaldo em suas pesquisas de campo<sup>14</sup>, principalmente pela experiência e notoriedade do autor como pesquisador da área temática. Dois pontos são cruciais nas pesquisas de Gastaldo e nesta pesquisa: *o campo de possibilidades interpretativas do fenômeno analisado e a negociação de entrada na situação de campo como observador participante*. Para o primeiro ponto, devemos lidar com um “tradicional dilema da técnica etnográfica: a dificuldade de fazer comparações entre situações de campo distintas, uma vez que cada situação é única em suas especificidades” (GASTALDO, 2006a, p.8). Portanto, devemos analisar as partidas no estádio (*in loco*), no rádio e na TV como parte de um fenômeno mais geral, aprofundando a compreensão do fenômeno analisado ao ampliar cada situação de campo específica, através das observações. Já o segundo ponto, devemos enfrentar o “dilema de destruir com [minha] presença a naturalidade da situação pesquisada, tendo que conquistar o acesso e a confiança dos pesquisados a duras penas, ou então, tendo que optar pela criação de uma situação artificial de ‘experimento’” (GASTALDO, 2006a, p.8). Neste ponto, o autor sugere a leitura de Cardoso (1978), por isso, vale trazer algumas experiências vivenciadas na observação participante, descritas a seguir.

---

<sup>14</sup> Gastaldo (2005b): *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: uma experiência etnográfica*. E Gastaldo (2006b): *A recepção coletiva de futebol midiático: apontamentos etnográficos*.

Na partida ABC e Cruzeiro, na data de 15 de outubro de 2014, pelas quartas de final da Copa do Brasil, o ABC precisava de uma vitória por dois gols de diferença para se classificar para as semifinais. A partida estava marcada para iniciar às 22h, no estádio Arena das Dunas (partida de volta). Foi uma das primeiras observações participantes que fizemos na pesquisa, além de ser uma partida que nos contagiava pelas proporções midiaticamente espetacularizadas que se alcançou (seria uma ótima experiência de trabalho de campo para se vivenciar em relação à “desnaturalização” ou ao “afastamento” do familiar). Saímos às 19h30 de Cobé/Vera Cruz/RN, no carro de Vanilson (além de Vanilson foram mais dois abecedistas de outras localidades do interior do estado - Monte Alegre e São José de Mipibú).

Essa partida trouxe muitos testes, numa espécie de laboratório, como, por exemplo: as conversas informais com outros torcedores, tanto na viagem quanto no entorno do estádio; a utilização de gravador para reflexão e observações em vez de diário de campo para não “intimidar” os abecedistas durante a observação; acompanhar o informante na íntegra, todos os passos, parecendo até constrangedor em alguns momentos; legitimar e convencer os informantes conhecidos de que não se tratava de uma brincadeira; e o controle da intensidade provocada pela partida. Neste último ponto, confessamos que apenas conseguimos manter a postura de pesquisador até a virada do ABC aos 40 minutos do segundo tempo, com o gol de Alvinho, que estava no banco de reservas, onde fiz minha última gravação desta observação participante: *“No momento não consigo me distanciar... muita emoção, precisamos apenas de mais um gol, parecia impossível... estou afetado e contagiado pela experiência, por isso encerro a observação, e me entrego aos minutos finais de jogo!”*(Sic). O contexto é que o ABC perdia por dois gols no 1º tempo, e na volta do intervalo jogou muito bem, pressionou o Cruzeiro e fez três gols, faltando apenas um gol para se classificar. O que aprendemos e levamos para as demais observações foi que deveríamos anotar ou gravar as nossas impressões após o término das partidas.

# FUTEBOL ESPETACULARIZADO: JOGO E ESPORTE



Figura 2. Arena das Dunas: espetáculo da torcida dos abecedistas, “Unidos Somos Fortes”<sup>15</sup>.

*O match de minha vida, querida Clarice, tem sido um sofrido aprendizado de todos os sentimentos que murcham e florescem num jogo de futebol: o amor, o medo, o ódio, a inveja, a coragem ali estão, revestindo ou informando cada gesto da bola, cuja meta é sempre o coração – para viver uma grande alegria ou para morrer de infarto.*

*Armando Nogueira*

<sup>15</sup> Fonte: <http://canindesoares.com/comecou-abc-e-cruzeiro-na-arena-das-dunas>. Acessado em: 19/01/2015.

### 3 FUTEBOL ESPETACULARIZADO: JOGO E ESPORTE

#### 3.1 Diversos tipos de futebol: o futebol espetacularizado

Segundo Damo (2007), as práticas futebolísticas possuem em comum uma estrutura a partir da qual são socialmente reconhecidas e nomeadas como tais. Esta estrutura caracteriza-se por ter duas equipes (princípio da coletividade); perseguir o mesmo objetivo, porém, assimétricos (princípio do conflito); sendo a disputa mediada pela bola (princípio da evitação, mas não da interdição do corpo-a-corpo); um conjunto de regras (circunscrevendo o tempo, o espaço e o ilícito, dentre o qual se destaca o uso das mãos, salvo exceções do goleiro e da cobrança do lateral, sendo esta a marca diacrítica em relação a outros esportes).

A partir desta “unidade futebolística” presente em quase todos os futebóis<sup>16</sup> - à exceção do futevôlei e futebol de mesa ou de botão e suas variantes - articulam-se diferentes maneiras de praticá-lo, podendo-se agrupá-las em quatro<sup>17</sup> matrizes principais: *espetacularizada*, *bricolada*, *comunitária* e *escolar*.

A *matriz bricolada* é compreendida por se configurar pelas diversas variações a partir da “unidade futebolística”, principalmente por não haver agências, como o *football association*, para controlá-lo, sendo assim, um campo ilimitado de inventividades. O jogo bricolado não é incompleto por ter apenas três jogadores em cada equipe ou porque estes jogadores jogam descalços. “Pelo contrário, é essa bricolagem que caracteriza as peladas: joga-se com o que se dispõe, adequando-se as regras e os recursos materiais” (DAMO, 2007, p.37). De maneira geral, o tempo da bricolagem é o tempo social do lazer, do ócio, etc. A duração do jogo varia de acordo com o ânimo dos praticantes, a disponibilidade de tempo, as condições

---

<sup>16</sup> O termo “futebóis” não é um neologismo de ocasião. Segundo Damo (2007, p.35) o dicionário Aurélio contém, desde sua edição de lançamento, o plural do termo futebol. Mesmo assim o termo “futebóis” é usado de forma rara, de modo a soar estranho. Entretanto, existe um reconhecimento social das diversas práticas, expressas até na linguagem. São utilizadas, quando pertinente, referências explícitas à diversidade, tais como os futebóis compostos, por exemplo, o futebol de várzea (amador), futebol de salão (futsal), futebol-soçaito, futebol de praia, futevôlei, futebol de totó, futebol de botão, etc.

<sup>17</sup> As quatro tipologias sugeridas por DAMO (2007) possuem conotação estratégica, sendo improdutivas quando usadas como ferramentas classificatórias com um fim em si mesmas. “A ordenação da diversidade a partir do jogar foi pensada para demarcar as continuidades e descontinuidades de configurações (ou subcampos) no espectro do espaço futebolístico a partir de critérios tais como: o grau de codificação e agenciamento, a intensidade da divisão social do trabalho, a espetacularização e a presença de público, a maneira de dispor do espaço e do tempo, o equilíbrio de tensão, entre outros.” (DAMO, 2007, p.44). Um evento como a Copa do Mundo da FIFA, um clássico de futebol norte-riograndense entre ABC e América, uma final de campeonato municipal de várzea, uma aula de educação física ou uma pelada na rua pertencem ao universo futebolístico.

climáticas, as limitações de horário impostas pela locação dos espaços, entre outros. Esta matriz se torna singular frente às demais matrizes futebolísticas porque está às margens dos agenciamentos. Por exemplo, os próprios praticantes adaptam as regras e as arbitram, resolvendo os conflitos de interpretação, de maneira que variam de grupo para grupo, sendo usual a exclusão de um jogador do grupo de praticantes e não apenas do jogo, caso ele seja considerado inconveniente à dinâmica da sociabilidade como um todo.

Salvo raras exceções, a bricolagem é importante na formação e demonstração de uma imagem pública de menino e não parece menos necessária para que os homens propiciem, a eles mesmos, um raro espetáculo de hostilidade e afeto. Além da relativização da performance, da ausência de espectadores, da distorção do *football association*, das dramatizações de gênero, a bricolagem torna-se um dos espaços privilegiados onde são socializados os fundamentos do jogo, ao menos no Brasil. A bricolagem é praticada em ruas, praças, parques, terrenos baldios e outros tantos espaços à margem das instituições formais, sobretudo da Escola. Há quem acredite que o futebol-arte ou o estilo brasileiro de jogar, exibido por muitos profissionais que atuam nos principais mercados futebolísticos, seja produto da socialização primária em configurações de bricolagem. (DAMO, 2007, p.38).

Na matriz comunitária, existente entre a matriz espetacularizada e a bricolada, existe ao menos uma modalidade de futebol, vinculada ao tempo de lazer dos seus praticantes, realizada em espaços mais padronizados do que a bricolagem, mas sem as regras conservadoras do sistema FIFA-IB (*Federation International Football Association-International Board*). A melhor característica para definir o futebol intermediário, denominado de “futebol de várzea”, é a presença de quase todos os componentes do espetáculo, mas diferindo apenas em escala. Segundo Damo (2007), a divisão social do trabalho fora de campo não é nula, mas precária, além dos times de várzea terem um dirigente, um técnico e um massagista, o que os diferenciam da bricolagem. Entretanto, o técnico de várzea não é remunerado e nem treina a equipe durante a semana. O circuito comunitário não exige dos atletas o mesmo preparo físico do profissionalismo, a distancia não é tão porosa quanto nas configurações bricoladas.

A grande mídia, de alcance nacional e regional, ignora a existência do futebol comunitário ou notabiliza-o por meio de seus subprodutos - confusões, improvisos, etc. Nas cidades de menor porte, no entanto, o semanário publica a tabela, o regulamento e a classificação do certame, geralmente chamado de “municipal” ou “regional”. A “várzea” vira “amador”, galgando prestígio, e a cada

rodada as emissoras de rádio transmitem um jogo, sendo os patrocinadores da jornada pequenos empreendedores e não raro o poder público local. Há muitos ex-boleiros que dispõem seus capitais futebolísticos nesses circuitos paralelos, quando encerrada a carreira, ou mesmo em fase de reconversão. (DAMO, 2007, p.42).

O futebol praticado nas escolas, integrado aos conteúdos da educação física como parte das disciplinas legalmente constituídas, define a matriz escolar. Talvez não seja o caso do futebol jogado no recreio, pois no pátio das escolas pratica-se, quase sempre, o modelo bricolado. Não é o espaço físico, por si só, quem determina as atitudes, pois o tempo do recreio é significado de maneira diversa do tempo de aula. “São as aulas de educação física [...] justificadas a partir de valores chancelados pelo Estado e dirigidas por profissionais com diploma acadêmico” (DAMO, 2007, p.43), que impõem suas próprias visões de como deve ser usado o esporte, quando se trata de futebol também. A prática e a contemplação esportiva podem ser consideradas atos educativos, sejam eles atinentes ao domínio das técnicas corporais, das sensibilidades estéticas ou dos controles/descontroles emocionais. Educativo pode vir a ser um dos predicados do futebol escolar, mas certamente não é o único e talvez não seja sequer o principal.

Por fim, a última matriz tratada por Arlei Damo (2007) aborda o futebol espetacularizado, tema de nossa pesquisa. O futebol de espetáculo também se caracteriza pela divisão social do trabalho, dentro e fora de campo, segundo afirma o autor. Ele continua sua análise mostrando que, apesar da distinção clara e precisa entre quem pratica e quem assiste, há nesse espaço social uma trama de outras especialidades: *os profissionais*, que são todos aqueles que interferem diretamente no jogo (jogadores, técnicos, juízes, fisiologistas, preparadores físicos, etc.) ou que viabilizam a competição como espetáculo (os dirigentes e cartolas); *os especialistas*, que procuram narrar, a partir das técnicas disponíveis de cada meio midiático, o processo ritualístico em evento jornalístico, de interesse geral; *os dirigentes*, como por exemplo, os presidentes de clubes, federações e confederações ou acionistas, patrocinadores, administradores, que são aqueles que detêm o controle político e econômico do futebol de espetáculo, principalmente a extensa lista de novos gestores, produtos e produtores das últimas etapas da espetacularização do futebol, aliados ou rivais dos cartolas tradicionais; e os torcedores, nosso objeto de investigação.

O sistema de enfrentamento na esfera do espetáculo é organizado

em forma de divisões hierárquicas (A, B, C etc. ou 1ª, 2ª, 3ª e assim por diante), de tal modo a forçar o cruzamento entre os clubes mais poderosos, aqueles que detêm as preferências dos torcedores e o poder econômico para formar equipes com profissionais concorridos no mercado, e evitar o enfrentamento entre desiguais. (DAMO, 2007, p.41).

Dentre suas características, a considerada mais importante é a sua organização de forma monopolista, globalizada e centralizada através da FIFA-IB. A FIFA – que a partir da *Internacional Board* exerce o controle sobre as regras do *football association* – e suas afiliadas (confederações e abaixo delas as federações nacionais e, em países como o Brasil, estaduais) organizam eventos (campeonatos, torneios, copas, etc), estabelecem normas para as relações entre os clubes, controlam o mercado de jogadores profissionalizados e de imagens, duas das principais fontes de receita desse futebol midiático. Por isso, em todas as partes do planeta, independentemente de quaisquer variantes locais, as equipes ligadas a clubes que fazem parte do sistema FIFA-IB praticam a mesma modalidade de regras e seguem o famoso padrão FIFA.

Franco Júnior (2007, p.393) nos mostra que a FIFA reunia em 2006 mais de 140 milhões de jogadores de 300 mil clubes, em 207 países (no Brasil, 4283 clubes profissionais). Um exemplo da globalização do futebol está no Oriente, onde o futebol vem se alastrando. A China, após ter deixado a FIFA por razões políticas durante a Guerra Fria, voltou a ela em 1979, classificando-se para uma copa do mundo pela primeira vez em 2002 e fazendo investimentos altíssimos até atualmente com fins de popularizar o futebol no país. A partir disso, observamos que o futebol nos dias de hoje é um importante fenômeno social. Alguns fatores, na matriz espetacularizada, como as cifras financeiras envolvidas, o número de torcedores ou/e espectadores e o espaço midiático ocupado por este esporte são provas disso.

Atualmente, o futebol é uma paixão de multidões, cerca de 270 milhões de pessoas participam das suas várias competições<sup>18</sup>. Segundo Deloitte<sup>19</sup> Touche Tohmatsu Limited, que realizou estudos sobre esportes no Brasil, entre os mais

---

<sup>18</sup> Fonte: <http://futebolassessoria.com.br/>. Acessado em: 01/09/2014.

<sup>19</sup> Sociedade limitada estabelecida no Reino Unido. Fonte: [www.deloitte.com](http://www.deloitte.com). Acessado em: 01/09/2014. Na seguinte fonte: <http://www.deloitte.com/assets/Dcom-brazil/Local%20Assets/Documents/Estudos%20e%20pesquisas/PesquisaMuitoAlemFutebol.pdf> se encontram os Gráficos (1 e 2) e as Tabelas (1 e 2), em anexo.

praticados está o futebol, com 32% (Gráfico 1) e em relação aos esportes favoritos dos brasileiros, o futebol representa 78% (Tabela 2). Em termos de cifras:

João Havelange [(ex-presidente da FIFA)], afirmou certa feita que a FIFA é a maior empresa multinacional do mundo, pois, segundo seus cálculos, o futebol emprega direta e indiretamente 450 milhões de pessoas. Se a cada pessoa uma delas estiver ligada a uma família de cinco membros, isso representa 2 bilhões de pessoas ou quase um terço da população mundial vivendo do futebol. Ele movimentou grandes capitais, algo em torno de 180 bilhões de dólares em 1999, 200 bilhões em 2000, 250 bilhões em 2005. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.179).

Podemos ilustrar alguns exemplos: os elencos mais valiosos do futebol brasileiro em 2014 soma-se 1 bilhão e 527 milhões de reais (200 milhões é o elenco do São Paulo FC)<sup>20</sup>. Receitas (com patrocínio e material esportivo) na Itália, na temporada 2013 é, em euros, de 33,8 milhões para o Milan, 31,4 milhões para a Internazionale, 28 milhões para a Juventus, 17,2 milhões para o Napoli e 11,4 milhões para o Sassuolo<sup>21</sup>. Também entre os dez jogadores em atividade com maior fortuna<sup>22</sup> acumulada na carreira, contando-se salários e contratos publicitários, estão: Cristiano Ronaldo (148 milhões de euros), Messi (146 milhões de euros) e Eto'ó (85 milhões de euros). Vale destacar os 324,5 milhões<sup>23</sup> de reais que recebe a CBF por ano de seus 14 patrocinadores (destacando-se os 83,9 milhões de reais da Nike).

Tratando-se da mídia (considerando-se a internet como fenômeno influenciador que não abordaremos), principalmente da TV, a pesquisa Informídia 2010, com canais abertos, Sport TV, ESPN e Band Sports, mostra-nos que o esporte mais televisionado no Brasil (em horas) é o futebol, representando 65,8% (Gráfico 2). A mesma pesquisa da Deloitte, citada anteriormente, diz que o esporte mais disseminado, na opinião dos brasileiros, é o futebol com 99% da escolha dentre os demais esportes (Tabela 1). Na 1384ª edição da revista Placar, foi realizado um *ranking* dos clubes com mais seguidores no *Facebook* (em milhões), tendo o Barcelona da Espanha 45,6; o Real Madrid da Espanha 42,9; o Manchester United da Inglaterra 35,6; Galatasaray da Turquia 8,6; e o clube brasileiro Corinthians, aparece com 4,4. Já na sua edição nº. 1389, os dois clubes com mais seguidores no canal oficial do *Youtube* são Barcelona (1.282.959) e Real Madrid

<sup>20</sup> Fonte: [www.transfermarkt.de](http://www.transfermarkt.de). Acessado em: 11/09/2014.

<sup>21</sup> Fonte: Revista Placar (impressa) de novembro de 2013, edição nº. 1384.

<sup>22</sup> Fonte: [www.goal.com](http://www.goal.com). Acessado em: 13/09/2014.

<sup>23</sup> Fonte: Revista Placar (impressa) de abril de 2014, edição nº. 1389.

(1.112.579). Outro exemplo é que a TV pagará, na temporada 2016/17, 535 milhões se somarmos o valor recebido pelos 12 principais clubes do Brasil (somente o Corinthians e o Flamengo, times de maiores torcidas, receberão 170 milhões).

No caso dos torcedores, referentes à Copa do Mundo da FIFA realizada no Brasil, no presente ano, tivemos um público total de 3.429.873, com média de 53.592 pessoas por partida. A segunda maior da história das Copas, atrás apenas da Copa de 1994 nos EUA que teve média de 68.991 torcedores por partida<sup>24</sup>. No caso das médias de público pelo mundo (temporada 2013/2014), é de 43.173 torcedores por partida na Alemanha, 36.589 na Inglaterra, 26.867 na Espanha, 23.365 na Itália, 22.365 no México, 18.743 nos Estados Unidos, 18.571 na China, 17.160 no Japão, e o Brasil vem com apenas 14.951<sup>25</sup>. No Brasil, segundo a pesquisa realizada por Pluri Pesquisas Esportivas, em janeiro de 2012, o Clube de Regatas Flamengo aparece como a maior torcida, com 29 milhões de torcedores (15,2% do total), seguido pelo Corinthians com 25 milhões (13,1% do total) e São Paulo com 16 milhões (8,4% do total). Os clubes potiguares estão dentro da faixa de 5% (9,1 milhões) que torcem por outro time<sup>26</sup>.

### 3.2 O jogo como elemento da cultura: o torcedor como *Homo ludens*

Johan Huizinga (2000), no prefácio de sua obra escrito em 15 de junho de 1938<sup>27</sup>, na cidade de Leyden (Holanda), contextualiza o uso da expressão *Homo Ludens*. Para o autor, nossa espécie recebeu a designação de *Homo sapiens*, numa época mais otimista em relação à que ele vivia (Segunda Guerra Mundial). Com o passar do tempo, compreendemos que não somos tão racionais quanto a ingenuidade e o culto da razão do século XVIII nos fizeram supor e, sendo assim, passou-se a designar nossa espécie como *Homo faber*, mesmo que *faber* não fosse uma definição do ser humano tão inadequada como *sapiens*, ela é, contudo, ainda menos apropriada do que esta, por servir para designar grande número de animais. Mas existe uma terceira função, que se verifica tanto na vida humana como na vida

<sup>24</sup> Fonte: Revista Placar (impressa) de julho de 2014, edição nº. 1392.

<sup>25</sup> Fonte: Revista Placar (impressa) de agosto de 2014, edição nº. 1393.

<sup>26</sup> Fonte: [http://www.campeoesdofutebol.com.br/maiores\\_torcidas\\_pluri\\_2012.html](http://www.campeoesdofutebol.com.br/maiores_torcidas_pluri_2012.html). Acessado em: 22/09/2014.

<sup>27</sup> Huizinga, profundo conhecedor da arte e da cultura medievais, não tinha nenhuma simpatia pela modernidade. Isso se justifica pela Primeira Guerra Mundial, a ascensão do fascismo e do nazismo. A obra *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*, que foi escrita às vésperas da Segunda Guerra Mundial, representa também uma crítica do autor a todos os regimes totalitários e ao uso perverso que estes regimes fizeram do esporte.

animal e, também, é tão importante como o raciocínio e o fabrico de objetos: o jogo. Huizinga crê que, depois de *Homo faber* e talvez ao mesmo nível de *Homo sapiens*, a expressão *Homo ludens* merece um lugar em nossa nomenclatura.

Em sua obra, o autor estava convicto de que é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve, sendo o jogo a forma elementar de todas as principais manifestações do espírito humano. Por isso a sua intenção não era definir o lugar do jogo entre todas as outras manifestações culturais, mas sim determinar até que ponto a própria cultura possui um caráter lúdico, já que o princípio lúdico puro é o elemento criador da humanidade, pois é pelo compartilhar de regras e limites que a humanidade se humaniza e do qual a cultura pode resultar. O objetivo de seu estudo mais desenvolvido foi procurar integrar o conceito de jogo no de cultura.

Sendo assim, jogo é tomado como fenômeno cultural e não biológico e é estudado também numa perspectiva histórica, não somente restrita ao sentido científico. Segundo Huizinga, o jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana. Mesmo em suas formas mais simples, ao nível animal, o jogo é mais do que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico, ele “é uma função *significante*, isto é, encerra um determinado sentido. No jogo existe alguma coisa ‘em jogo’ que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação.” (HUIZINGA, 2000, p.5).

Por isso questionamos: por que motivo o torcedor<sup>28</sup> de futebol, que não é jogador, embora faça parte do jogo quando se insere no universo futebolístico, se deixa absorver inteiramente por sua paixão? É nessa fascinação e intensidade que reside a essência e a característica principal do universo lúdico do jogo, tornando-nos mais do que seres racionais, seremos também seres irracionais. Este universo lúdico habita um campo imaterial, pois reconhecer o jogo é reconhecer o espírito que, mesmo no mundo animal, ultrapassa os limites da realidade física.

Para Huizinga o ‘espírito do jogo’ preside todas as principais manifestações da cultura humana, em todas as épocas e sociedades. Entretanto, “esse princípio estaria sendo pervertido no mundo moderno, em que o trabalho assumiu aspectos de um jogo

---

<sup>28</sup> Concordo com Gastaldo (2012, p.145) que há também como participar do universo do futebol mesmo sem jogar, devido a “todas as apropriações simbólicas espontâneas feitas pelos torcedores/torcedoras fora dos estádios, em bares, casas, edifícios, empresas e escritórios, formas de interação [denominadas pelo autor] ‘relações jocosas futebolísticas’.”.

(vencer a concorrência, bater o recorde de vendas), e o mundo do jogo assumiu o caráter de trabalho (atletas profissionais, empresários, contratos, patrocinadores, confederações)" (GASTALDO, 2012, p.134).

Conforme citação acima, encontramos o jogo na cultura como um elemento dado existente antes da própria cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase de civilização em que agora nos encontramos. Segundo Huizinga, as grandes atividades arquetípicas da sociedade humana são, desde o início, inteiramente marcadas pelo jogo, como, por exemplo, a linguagem e o mito. O homem primitivo buscava, através do mito, compreender o mundo dos fenômenos, atribuindo a este um embasamento divino. Nas sociedades primitivas, o culto celebrava seus ritos sagrados e mistérios a fim de assegurar a tranquilidade do mundo, e estavam inseridos num espírito de jogo. Por isso, são no mito e no culto que têm origem as grandes forças instintivas da vida civilizada: o direito e a ordem, o comércio e o lucro, a indústria e a arte, a poesia, a sabedoria e a ciência; assim, todas elas têm as suas raízes no solo primitivo do jogo.

O jogo possui algumas características formais fundamentais, as quais poderíamos considerá-las resumidamente:

Uma atividade livre, conscientemente tomada como "não-séria" e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais com tendência a rodearem-se de segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes. (HUIZINGA, 2000, p.14).

O jogo é uma atividade voluntária e livre, que pode deixar de ser jogo, podendo ser uma imitação forçada, se sujeito a ordens. Os torcedores torcem por seus clubes numa partida de futebol porque gostam de torcer por seus clubes, por exemplo, e é isso que constitui sua liberdade, porque nunca se constitui uma tarefa, esta atividade é sempre praticada nas "horas de ócio". Está ligada a noções de obrigação e dever apenas quando constitui uma função cultural reconhecida, como no ritual e no culto.

A função do jogo pode, de maneira geral, ser definida por dois aspectos fundamentais: uma luta por alguma coisa ou a representação de alguma coisa.

Estas funções tratadas pelo autor holandês podem também confundir-se<sup>29</sup> de tal modo que o jogo passe a "representar" uma luta, ou, então, de que se torne uma luta para melhor representação de alguma coisa. O ritual é uma coisa que é feita, é uma ação. A matéria desta ação é um ato, uma ação representada num palco, que pode ser revestida na forma de um espetáculo ou de uma competição. O culto é, portanto, um espetáculo, uma representação dramática, uma figuração imaginária de uma realidade desejada.

Na época das grandes festas, o grupo social celebra os acontecimentos principais da vida da natureza levando a efeito representações sagradas, as quais representam a mudança das estações, o surgimento e o declínio dos astros, o crescimento e o amadurecimento das colheitas, a vida e a morte dos homens e dos animais. Segundo Huizinga (2000, p. 18), do ponto de vista formal, não existe diferença alguma entre a delimitação de um espaço para fins sagrados e a mesma operação para fins de simples jogo. A pista de corridas, o campo de tênis, o tabuleiro de xadrez ou o terreno da amarelinha não se distinguem formalmente do templo ou do círculo mágico. A relação entre o jogo e o sagrado não desqualifica este último, reduzindo-o ao jogo, mas, pelo contrário, equivale a exaltar o primeiro, elevando-o às mais altas regiões do espírito.

Outra característica do jogo trabalhada por Huizinga (2000) é a que afirma que dentro do domínio do jogo predomina uma ordem específica e absoluta: ele cria ordem e é ordem. Tal característica introduz na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada, exige uma ordem suprema e absoluta. A prova disso é que mesmo nas tensões extremas das competições esportivas, embora o jogo enquanto tal esteja para além do domínio do bem e do mal, o jogo confere certo valor ético (*fair play*, no futebol, por exemplo) de "lealdade". Porque, apesar do desejo pela vitória, o jogador sempre obedece às regras do jogo. Embora o jogo seja tomado como uma atividade livre "não-séria", os jogos infantis, o futebol e o xadrez são executados dentro da mais profunda seriedade, não se verificando nos jogadores a menor tendência para o riso. Vale observar que a criança joga e brinca dentro da mais perfeita seriedade que, a justo título, podemos considerar sagrada, mas sabe perfeitamente que o que está fazendo é um jogo.

---

<sup>29</sup> Na obra de Foer (2005), o futebol vive essa confusão: ele pode representar a disputa entre clubes por uma taça de campeão, como também ele pode tornar-se um confronto dos reflexos dos problemas da sociedade, como por exemplo, as partidas entre Rangers e Celtics no futebol irlandês, que representam os conflitos entre católicos e protestantes no país.

Também o esportista joga com o mais fervoroso entusiasmo, ao mesmo tempo em que sabe estar jogando. Podemos situar-nos, no jogo, abaixo do nível da seriedade, como faz a criança, embora podemos também situar-nos acima desse nível, quando atingimos as regiões do belo e do sagrado. No futebol, o qual é uma manifestação da atividade lúdica, o torcedor é capaz de sentir o ritual assistindo à partida de futebol de seu clube de coração. Ao assistir ou ouvir o jogo de futebol, quer ele exprima ou não ideias, há uma fusão entre o belo e o sentimento de sagrado, na qual é inteiramente dissolvida a distinção entre jogo e seriedade.

Huizinga (2000) afirma que “mesmo depois de o jogo ter chegado ao fim, ele permanece como uma criação nova do espírito, um tesouro a ser conservado pela memória. É transmitido, toma-se tradição.”. Por isso existe uma tendência das comunidades de jogadores geralmente tornarem-se permanentes, mesmo depois de acabado o jogo, embora isso não implique na fundação de um clube. O mesmo é válido para os torcedores, principalmente os de torcidas organizadas, que vivenciam a “sensação de estar ‘separadamente juntos’, numa situação excepcional, de partilhar algo importante, afastando-se do resto do mundo e recusando as normas habituais, conservando sua magia para além da duração de cada jogo” (HUIZINGA, 2000, p.13). O torcedor pertence ao clube tal como a chuteira pertence ao pé. Mais de uma vez se verificou como é difícil estabelecer uma separação nítida entre, de um lado, os agrupamentos sociais permanentes (sobretudo nas culturas arcaicas, com seus costumes extremamente importantes, solenes e sagrados) e, de outro, o domínio lúdico.

Por ser uma atividade dentro de certos limites de tempo e de espaço, ou seja, temporária e isolada, que tem finalidade autônoma e se realiza tendo em vista uma satisfação que consiste nessa própria realização, o jogo se apresenta como um “intervalo” na vida cotidiana, situado fora do mecanismo de satisfação imediata das necessidades. Todavia, ele se torna, por exemplo, na vida dos torcedores apaixonados por futebol, para quem ele transcende para além das quatro linhas, um acompanhamento, complemento e até uma parte integrante da vida em geral, pois ele “ornamenta a vida, ampliando-a e, nessa medida, torna-se uma necessidade tanto para o indivíduo, como função vital, quanto para a sociedade, devido ao sentido que encerra [...] em resumo, como função cultural” (HUIZINGA, 2000, p.10-11). No caso do futebol, o qual possui os elementos de repetição e alternância, os

torcedores desenvolvem conjuntamente relações sociais, em que a experiência vivenciada pelo compartilhamento de emoções vividas no presente torna-se acontecimento, que será eternizada e apropriada nas diversas maneiras de torcer, como por exemplo, por meios de imagens simbólicas.

### **3.3 Quando o torcedor aproxima-se do jogador: *mimicry* e *ilinx***

Roger Caillois foi outro autor que se dedicou ao estudo dos jogos nas suas relações com a cultura, propondo uma classificação dos jogos com base em Huizinga. Para Caillois (2001) o jogo pode ser definido numa das suas mais correntes acepções e, também, das mais próximas do seu verdadeiro significado. O termo “jogo” designa não somente a atividade específica que o nomeia, mas também a totalidade das imagens, símbolos ou instrumentos necessários a essa mesma atividade ou ao funcionamento de um conjunto complexo. O jogo deve ser compreendido como uma atividade livre, separada, incerta, improdutiva, governada por regras e fictícia.

O jogo traz consigo aspectos da vida diária como, por exemplo, competições, jogos de sorte, problemas desafiadores que precisam de força, de raciocínio, entre outros. Desse modo, Callois (2001, p. 31) classifica os jogos pelo tipo predominante em cada um deles: da competição (*agôn*), da sorte (*álea*), do disfarce (*mimicry*) e da vertigem (*ilinx*). Vale lembrar que Huizinga ocupou-se apenas do *agôn*. Essas classificações se combinam entre si para aumentar as possibilidades de jogos, não devendo ser entendidas apenas de forma isolada. Segundo o autor, o *agôn* é um conjunto de jogos que surgem para os jogadores competirem. As condições são impostas ao jogador pelo jogo e vencerá quem tiver os melhores atributos (rapidez, agilidade, força, inteligência, memória, concentração, etc.). Estes jogos criam condições ditas ideais para uma competição entre/com adversários, onde apenas um indivíduo ou um grupo será o vencedor/campeão. Por isso, podemos considerar o esporte moderno como a hipertrofia da dimensão agonística do jogo, ou seja, a *agôn* de forma socializada torna-se o esporte, pois é o jogo que permite o acesso ao esporte pelo prazer de competir que é uma manifestação lúdica.

Para os torcedores existe a mesma dimensão agonística, pois estão envolvidos como os jogadores na competição, incentivando-os durante a partida e

também competindo nas arquibancadas para produzir o melhor e mais bonito espetáculo com maior número de torcedores, mosaicos, cânticos e outras expressões, principalmente durante os clássicos, além das relações jocosas no cotidiano, onde cada torcedor ressalta os grandes feitos do seu clube numa comparação inalcançável pelo seu rival, fazem piadas nas vitórias e derrotas ou quando os clubes caem ou acessam uma divisão de um campeonato, e realizam provocações durante as partidas, em suma, a relação com o clube opositor é o jogo da sociabilidade ligado ao futebol. E embora se identifiquem diferenças entre o jogo e o esporte quanto a diversos aspectos, o esporte mantém as características essenciais do jogo, tornando-se mais do que ele, como veremos no próximo tópico, abordado pela Sociologia do Esporte.

Abandona o campeão aos seus próprios recursos, incita-o a tirar deles o melhor proveito possível, obriga-o, finalmente, a servir-se deles com lealdade e dentro de limites fixados que, sendo iguais para todos, acabam, em contrapartida, por tornar indiscutível a superioridade do vencedor. (CAILLOIS, 2001, p. 35).

Já no *álea*, Caillois (2001) considera que nessa classe do jogo o que importa para o jogador é a sorte e o acaso (o jogo de roleta, de dados, cartas, etc.). O jogador aceita as regras do jogo e assume os riscos, crendo que terá lucros através do jogo. Esta dimensão pode ser relacionada ao torcedor de futebol, pois apesar de acompanharem a partida do seu clube torcendo por sua vitória, seja contra um adversário “teoricamente” mais forte ou mais fraco, a partida de futebol é repleta de imprevisibilidade, como, por exemplo, o torcedor jogasse um dado e torcesse para que caíssem os números que dessem sua vitória.

Contrariamente ao *agôn*, a *álea* nega o trabalho, a paciência, a habilidade e a qualificação; elimina o valor profissional, a regularidade, o treino. Acaba por abolir num ápice os resultados acumulados. É uma desgraça total ou então uma graça absoluta. Proporciona ao jogador com sorte muitíssimo mais do que ele poderia encontrar numa vida de trabalho, disciplina e fadiga... Supõe da parte do jogador uma atitude exatamente oposta àquela das provas no *agôn*. (CALLOIS, 2001, p. 37).

A *mimicry* consiste em uma ilusão que é criada pelo jogo e pode ser entendida como um jogo de interpretação, pois “qualquer jogo supõe a aceitação temporária ou de uma ilusão ou, pelo menos, de um universo fechado, convencional e sob, alguns aspectos, imaginário” (CALLOIS, 2001, p. 39). Na *mimicry*, o jogador assume um personagem e vive essa vida de maneira imaginária, permitindo que o

jogador acredite que “está” em um mundo diferente do dele, porque na *mimicry* as regras e tudo o que acontece no decorrer do jogo está nas mãos do próprio jogador, que poderá utilizar a criatividade com total liberdade de imaginação durante o jogo, não podendo alterar aquelas regras fixas que existem em todos os tipos de jogos. Neste caso, os torcedores se entregam a partida de futebol vivendo naquele momento uma batalha imaginária que terá um desfecho de vitória ou derrota, reproduzindo e interpretando a partir do ato de torcer uma imitação do jogo fora das quatro linhas, falando como a jogada deveria ser feita ou atacando e defendendo com seu clube ou chutando ou cabeceando. E podemos ir além quando nos referimos às crianças e os jovens que se imaginam jogadores de futebol durante suas brincadeiras ou “peladas”, tentando imitar o estilo e forma de jogar de seu ídolo.

O termo *ilinx*, em grego, significa "torvelinho de água", do qual deriva também a palavra “vertigem”. A sensação de vertigem sempre foi buscada pelos homens, e Caillois refere-se às crianças que se divertem girando, rapidamente, o próprio corpo até perder o equilíbrio. A *ilinx* produz no indivíduo uma sensação de instabilidade provocada por algumas ações produzidas pelo jogo que desequilibram os órgãos sensórios do corpo do jogador. Podemos dizer, no caso do futebol, que o torcedor está imerso numa reação à necessidade de experimentar temporariamente uma instabilidade e desequilíbrio da percepção e da consciência, ou seja, numa tentativa de provocar sensações internas numa partida de uma final de um campeonato ou num clássico contra seu rival ou numa partida para não cair de divisão, que podem ser expressas no gol feito, quase sofrido ou sofrido.

Os torcedores sofrem com a partida, eles gritam e xingam, reproduzem os cânticos da torcida como uma catarse, em suma, se comportam na maioria das vezes de maneira diferente do seu cotidiano, se entregando a tal ponto a uma partida de futebol a poder sofrer infartos e chegar ao óbito, como já aconteceu em diversos casos com alguns torcedores apaixonados, seja no estádio, na TV ou no rádio. Nessa categoria é o próprio jogador quem busca este desequilíbrio físico e psíquico, como, por exemplo, acontece nos grandes aparatos dos parques de diversões e nos esportes radicais, amparados pelo desenvolvimento tecnológico e pela mídia (por isso, apenas com a época industrial, a vertigem pôde converter-se numa verdadeira categoria de jogos, conforme entende Caillois). Atualmente todo o

aparato tecnológico presente no futebol espetacularizado eleva a possibilidade de instabilidade do torcedor pelo mesmo está envolvido na partida como se estivesse jogando, devido à presença do *replay*, da câmera lenta, da câmera 360 graus, 3D, imagem em alta definição (Full HD), som digital, entre outros. Hoje em dia até as salas de cinema estão transmitindo algumas partidas de futebol.

Essas quatro categorias de jogos (*ilinx*, *mimicry*, *álea* e *agôn*) apresentadas acima, são as quatro formas com que Roger Callois (2001, p. 93) apresenta para classificar o jogo, porém, ele mesmo pontua que essas características podem se combinar entre si e são híbridas desde a sua criação, numa variedade de jogos.

### **3.4 Um conceito de esporte moderno da Sociologia do esporte**

Primeiramente, vale ressaltar que toda a discussão conceitual sobre esporte no presente tópico parte da construção de Ronaldo Helal, no livro intitulado *O que é Sociologia do esporte*. Para Helal (1990), o esporte é uma das instituições sociais mais sólidas do mundo moderno, embora o torcedor de futebol mais “fanático” do Brasil não se interessasse por esse esporte caso tivesse nascido e sido criado no Japão ou nos Estados Unidos. O gosto ou fascinação por um esporte não surge naturalmente quando nascemos como supõe o senso comum. “Ele existe na coletividade, em nosso meio social, que nos transmite esse sentimento da mesma forma que a escola nos ensina a ler e escrever.” (HELAL, 1990, p. 13). Portanto, o futebol tem que ser entendido como fato social, como algo socialmente construído, que existe fora das consciências individuais de cada um, mas que se impõe como uma força imperativa capaz de penetrar intensamente no cotidiano de nossas vidas, influenciando nossos hábitos e costumes.

A Sociologia do esporte faz uma distinção entre brincadeira, jogo e esporte (na língua portuguesa, o termo “jogo” engloba, geralmente, a brincadeira, apesar de Helal acreditar que a palavra “brincadeira” é a que mais satisfaz essa distinção) mas que, de certa forma, se assemelham e se inter-relacionam. Assim, ele define brincadeira como qualquer atividade espontânea, voluntária, sem regras fixas, que proporciona prazer e diversão e que não tem finalidade ou sentido além ou fora de si. Ou seja, é uma atividade que se esgota em si mesma, não havendo preocupações com resultados e recompensas extrínsecas àquela atividade (fama e dinheiro). Em suma, a brincadeira é a mais lúdica das atividades. Mesmo assim,

existem elementos da brincadeira no esporte, pois não podemos negar um prazer lúdico presente tanto nos jogadores de futebol quanto nos torcedores que se reúnem em torno de um evento esportivo. Uma vez que a Sociologia do esporte aponta o desaparecimento da espontaneidade, criatividade, improvisação, liberdade de ação e o controle da própria atividade como as principais perdas verificadas quando entramos no domínio do esporte. Deste modo, torna-se necessário o contraste entre brincadeira e esporte.

Já o jogo, por sua vez, se diferencia da brincadeira por ter uma sistematização de regras fixas, característica ausente no universo da pura brincadeira. O jogo pode ser dividido em jogos não competitivos e competitivos, em que o último está mais distante do universo da brincadeira e mais próximo do esporte. As regras têm dupla função: de ordenar a atividade em questão e de “complicar” a ação ou objetivo daquela atividade. Ao colocar obstáculos para se atingir o objetivo e ao delimitar o espaço, o tempo e o tipo de ação permitida durante o jogo, as regras funcionam como um quebra-cabeça. “Um aspecto primordial das regras: elas proporcionam graça aos jogos. Sem elas, o xadrez, o futebol, o voleibol e o tênis não teriam a menor graça e simplesmente deixariam de existir” (HELAL, 1990, p. 27).

O esporte incorpora elementos do jogo e se situa para além deste, sendo uma “competição que inclua uma medida importante de habilidade física e que seja subordinada a uma organização mais ampla que escape ao controle daqueles que participam ativamente (sejam jogadores ou torcedores) da ação” (HELAL, 1990, p.28). Existe um paradigma de um modelo ideal elaborado pela Sociologia do esporte e que serve como instrumento analítico para melhor compreender essa realidade. É um recorte arbitrário, que privilegia determinados aspectos da realidade em detrimento de outros.

Segundo Helal (1990), o esporte moderno tem como suas principais características a secularização e a racionalização, que também são características da vida social moderna de forma geral, e atenta para observar como esses fenômenos da modernidade afetam o esporte, transformando-o num evento singular de nossos tempos. O esporte moderno surge com a revolução industrial na Inglaterra, como um evento laico, profano, sem nenhuma relação com divindade. Visto que a secularização é o processo pelo qual realidades pertencentes ao

domínio religioso, sagrado ou mágico passam a pertencer ao domínio profano, no caso do futebol, além de secular, ele era elitista, pois tinha sua prática restrita às escolas da elite da Inglaterra na década de 1880. Mas com a diminuição da jornada de trabalho em 1890, o futebol já era um esporte profissional, o qual se tornou predominante na Inglaterra urbana e em quase todos os países que mantinham relação comercial com a Inglaterra, desenvolvendo-se muito rápido por quase todo o mundo industrializado, tornando-se atualmente o esporte mais popular do mundo. Com sua popularização, ele ficava mais próximo da esfera do sagrado, fazendo surgir e desenvolvendo aspectos sagrados (manto sagrado, Maracanã é o templo sagrado do futebol brasileiro, fanáticos, ídolo, defesas milagrosas, a glória de seu clube é sua glória, etc.), porque num relativo vazio espiritual do mundo ocidental e capitalista de hoje, onde supervaloriza o material e o lucro, numa lógica que cria falsas necessidades, muitos torcedores substituem antigas divindades por seus clubes de futebol.

Em relação à racionalização, que se conforma às leis da razão, “elimina considerações de ordem pessoal, afetiva ou emocional, buscando uma adaptação consciente, exata e eficaz dos meios aos fins pretendidos” (HELAL, 1990, p. 45). A racionalização carrega em si mesma a secularização e vice-versa, pois num processo de secularização o raciocínio técnico e científico predomina sobre o raciocínio místico, tradicional ou religioso. Embora elas estejam relacionadas, a racionalização só cabe na dimensão do jogador profissional de futebol, que pratica o esporte por obrigação da existência de um contrato de trabalho, numa posição de propriedade do mercado futebolístico, estando submetido ao controle de sua vida privada, à realização de treinos de alto rendimento que prejudicam sua saúde física, a ficar longe da família por causa das muitas viagens, entre outras imposições e coerções.

Fala-se em racionalização do esporte moderno na medida em que verifica-se uma ênfase cada vez maior na quantificação dos efeitos atléticos, busca-se uma maior especialização dos papéis a serem executados pelos atletas e desenvolvem-se estratégias e táticas de jogo cada vez mais formais, rígidas e calculistas, que visam, em última instância, a um melhor desempenho dos atletas e das equipes nas competições. Mas apesar de tudo isso, o esporte moderno, como o futebol, continua sendo um domínio ainda capaz de fascinar, encantar, empolgar e atrair multidões a seu redor. (HELAL, 1990, p. 59).

Para concluir, com toda a penetração de elementos profanos no seio do esporte, existe uma força de resistência que insiste em enquadrá-lo no momento especial. Por isso, o caráter de algo extraordinário, destacado e diferente da vida real ainda se evidencia, como, por exemplo, uma partida de futebol, em que ocorrem geralmente aos domingos, em estádios próprios para os eventos e a quebra de impessoalização no cotidiano (estranhos se abraçam no estádio durante o gol, ou conversam nos bares como se se conhecessem há muito tempo).

Sendo assim, entendemos o *jogo* (CAILLOIS, 2001; HUIZINGA, 2005) como elemento cultural de natureza simbólica que se reveste de fundamental importância para as relações sociais a partir de práticas cotidianas como um modo de ação do indivíduo, e que também está presente no *esporte moderno*, mais especificamente, no futebol espetacularizado.

# UMA POSSÍVEL CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DOS TORCEDORES DE FUTEBOL



Figura 3. Processo de tatuagem de Escudo e Hino do ABC em todo o espaço das costas de Flávio Vicente<sup>30</sup>.

*Pode haver futebol sem jogador, mas não sem torcida. Devíamos erguer-lhe uma estátua à porta dos estádios brasileiros. O futebol só começou a ser histórico quando apareceu o primeiro torcedor*

*Nelson Rodrigues*

<sup>30</sup> Fonte: <http://globoesporte.globo.com/rn/noticia/2014/09/torcedor-tatua-costas-com-escudo-gigante-e-hino-completo-do-abc.html>. Acessado em: 21/01/2015.

## 4 UMA POSSÍVEL CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DOS TORCEDORES DE FUTEBOL

Pensando logicamente, o surgimento do futebol pressupõe em certa instância o surgimento dos torcedores. Sendo assim, faremos uma breve análise do possível surgimento dos torcedores de futebol baseada em elementos que serão observados, em seguida, no contexto de surgimento e de desenvolvimento do futebol em escala macro (da Inglaterra para o mundo e o Brasil) e micro (no caso de Natal/RN).

O futebol, apesar de manter o seu conservadorismo nas regras, vem de forma dinâmica se metamorfoseando com os tempos por uma afetação recíproca da sociedade em contexto histórico-social e da mesma forma acontece com os torcedores, pois não existe um torcedor pronto e acabado. Com isso, devemos entender o processo de constituição dos torcedores de futebol intrinsecamente relacionado ao surgimento e desenvolvimento do esporte jogado com os pés. Sendo assim, se há uma partida de futebol, pressupõe-se que exista ali uma manifestação de torcida, mesmo nos jogos antigos com bola, os quais são cogitados como possíveis influenciadores do futebol moderno britânico. Para que esta manifestação das torcidas constitua nos indivíduos a condição de torcedores, elas devem participar ritualmente das partidas de futebol (expressando seus sentimentos e deixando-se afetar pelo jogo) exercendo um sentimento de pertencimento ao clube.

Por isso, os primeiros torcedores de futebol podem ter sido alguns dos presentes nas plateias das partidas das elites que fundaram o *football* e os únicos praticantes até o futebol se tornar popular, embora a maioria figure apenas como espectador que comparecia à partida por ser um evento da alta sociedade e não por gostar ou ter empatia pelo esporte. Estas duas últimas características estavam presentes no povo: paixão e entrega ao futebol. No caso brasileiro, inicialmente as camadas populares aprenderam por mimese e de forma inventiva e passaram a praticar o futebol desregado da *International Football Association Board*. Quando os operários negros e mestiços passaram a fazer parte das competições de futebol junto à elite, o futebol iniciou seu processo de popularização que, desde as partidas nos estádios e nas crônicas da imprensa jornalística, as pessoas já o tinham incorporado em suas vidas cotidianas. Processo este que foi catalisado

primeiramente pela presença do rádio, e posteriormente pela TV, ambos midiaticizando a espetacularização do futebol e atingindo em grande escala centenas de milhares de pessoas. Com a mídia, podemos, nesse arco temporal, já denominar essas pessoas de torcedores, os quais se apropriam de imagens e símbolos que representam o seu clube e discutem futebol em casa, nos bares, nas feiras e nas praças, ou seja, eles extrapolam o universo específico da partida de futebol em si.

Na atualidade, os torcedores transcendem o jogo em si para torná-lo uma prática que apresenta impacto em diversos aspectos da sua vida cotidiana e, ao mesmo tempo, isso os torna protagonistas, com os profissionais do futebol espetacularizado, de um elemento cultural de natureza simbólica (o jogo). O jogo se reveste de fundamental importância para as relações sociais a partir de práticas cotidianas como um modo de ação singular do próprio indivíduo, que faz parte do coletivo (ou torcida organizada, cuja dinâmica é produto do futebol espetacularizado) e paradoxalmente se diferencia em grupos por sua maneira de torcer.

#### **4.1 O surgimento dos torcedores de futebol no estádio**

Franco Júnior (2007) traz especulações sobre as possíveis origens do futebol, seja o *tsu-chu* na China (século III a.C.), o *kemari* no Japão (século II a.C.), o *tlachtli* na América Central (900 a.C.), o *epyskiros* na Grécia (século IV a.C.), o *harpastum* em Roma (século III a.C.), o *cálcio* em Florença (século XIV), o *soule* na França (século XII), sendo que nenhuma dessas modalidades desembocou em algo semelhante ao futebol ocidental moderno, por isso devemos buscar o surgimento dele e a compreensão das suas características na Inglaterra:

Porque os jogos com bola são manifestações antropológicas, não específicas de determinado povo e determinada época, enquanto o futebol tal qual conhecemos hoje resultou de um conjunto de fatores presentes apenas na Inglaterra do século XIX. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 20).

Miguel Wisnik (2008) também considera a formação dos jogos com bola e a constituição do futebol inglês, enfatizando aquilo que o fez se distinguir dos outros esportes. Logo, faz-se necessário destacar a trajetória de formação do futebol moderno através da bola. Desde as mais remotas civilizações agrárias, a esfera tem sido dotada da propriedade de reger o sol e a lua, mas essa lógica teve sua singularidade no caso inglês, como podemos observar abaixo:

Achados arqueológicos, indícios iconográficos e resíduos etimológicos apontam para essa conjugação de bola e movimentos astrais num arco amplo o bastante para ir do Oriente ao Ocidente, de chineses, japoneses, egípcios e babilônios... Diferente da maior parte das práticas lúdicas e rituais pré-modernas, o futebol inglês consome o processo de apagamento da sacralidade da bola... O complexo sistema esportivo, criado pelos ingleses na segunda metade do século XIX, obedece a uma gramática esquadrinhada em campo pelas suas regras contábeis, que se esgotam, em princípio, pela determinação do vencedor numérico. (WISNIK, 2008, p. 62).

Surgido paralelamente ao Império Britânico, para Franco Júnior (2007) o futebol teve seu destino ligado ao do império. De 1848, data da primeira uniformização de regras, até 1912, fecho de várias e importantes adaptações, o futebol foi típico representante daquela cultura. O surgimento do futebol se dá no quadro geográfico (expansão marítima e territorial) inglês da época e nem sempre no seu quadro histórico (revolução industrial). Mesmo assim, futebol e revolução industrial baseiam-se em competição, produtividade, secularização, igualdade de chances, supremacia do mais hábil, especialização de funções, quantificação de resultados e fixação de regras. Este último é fundamental, pois as restrições, de comportamentos e transgressões que permitem a vida em sociedade, controlam interesses individuais frente aos interesses coletivos.

Deste modo, em 26 de outubro de 1863 surge a *Football Assosiation* com quatorze regras simples, que davam identidade própria ao chamado *football* e, por volta de 1875, foi criada uma instituição para assegurar e legitimar as regras, a *International Football Association Board*, onde o terreno esportivo inspirava-se no terreno jurídico, principalmente no direito consuetudinário inglês. Segundo o autor, é importante sabermos que as regras não surgiram por acaso, mas sim com forte pensamento ideológico, sejam as demarcações do campo como expressão futebolística da geopolítica do período ou a penalidade máxima como punição simbólica que lembra os fuzilamentos nas guerras ou ainda o surgimento do goleiro para fazer frente ao *rugby* em termos de atração de adeptos ao esporte.

Quando o futebol supera fronteiras inglesas numa espécie de “exportação cultural”, junto à aceitação do profissionalismo pela elite dirigente inglesa (com empresas participando da fundação ou manutenção de clubes de futebol e mais tarde o próprio Estado) é fundada em Paris, mais precisamente no dia 21 de maio de 1904, a FIFA (*Federation International Football Association*) e a partir daí todas as

decisões, dentro e fora do campo, passam pelo seu crivo, como por exemplo o retrocesso do futebol feminino no pós-guerra.

Chegando ao Brasil, podemos realizar uma síntese histórica, tanto no contexto agrícola e mestiço quanto no desigual e combinado, como afirma Franco Júnior (2007, p. 61), “o futebol tornou-se desde o início um dos ingredientes mais importantes dos debates acerca da modernização do Brasil e da construção da identidade nacional”. Um esporte de bacharéis frente às desigualdades sociais; de brancos frente ao escravismo; associado ao progresso e industrialização frente à economia agrícola. Ligamos o surgimento do futebol brasileiro à figura de Charles Miller, embora já se praticasse futebol desde a década de 1880, e alguns jogos de marinheiros de folga, antes dessa data, servissem de inspiração para uma prática mimética.

O surgimento do futebol pressupõe o surgimento do torcedor de futebol em seguida, quando se iniciam as primeiras partidas oficiais onde sempre se fazem presentes as manifestações torcedoras, pois mesmo nos jogos tribais com bola e até no próprio *cálcio* (descritos anteriormente), que são apontados como possíveis originadores do futebol, já existiam as pessoas que torciam por sua tribo ou paróquia, motivando os jogadores com cânticos, além dos curiosos que figuravam de espectadores, embora esboçassem um sentimento ou empatia pelo jogo. Além desse ‘esboço’ de torcedor, podemos considerar as elites da sociedade como os primeiros torcedores de futebol, os quais acompanhavam as partidas de futebol como forma de entretenimento da alta sociedade da época.

Para Betti (2003), os primeiros espectadores surgiram na Inglaterra do século XIX, na base do processo social que viria a originar o esporte moderno: apostadores nas lutas de boxe e corridas de rua que se realizavam em Londres. No início do século XX, o espectador-apostador foi substituído pelo espectador-torcedor, fiel a uma das partes em disputa, embora ainda se tratasse, basicamente, do espectador corporalmente presente, nos estádios e ginásios. O futebol era bem visto pela classe dominante, servia para aliviar as tensões e como forma de pedagogia da elite inglesa, a mesma que fundou o esporte e que no princípio era a única a praticá-lo. A elite inglesa valorizava as restrições de comportamentos e transgressões que permitem a vida em sociedade, e isso foi aplicado, principalmente, com o surgimento da *Football Assosiation* e a criação da *International Football Association Board*,

existente até os dias atuais.

A elite brasileira se identificava como legítimos herdeiros do futebol inglês, reforçando a lógica excludente da estrutura oligarca da política nacional e assim concebia o futebol numa perspectiva pedagógica europeia de harmonia dos músculos, higienização dos corpos, etiqueta, etc. Embora ainda estivessem distantes de se comportarem como torcedores apaixonados, a assistência constituía uma admiração e uma preferência por um dos clubes, criando, assim, uma relação entre os indivíduos e as instituições esportivas.

A elite norte-riograndense teve o futebol introduzido por dois irmãos que estudavam na Inglaterra, Fabrício e Fernando Pedroza e que, em 1903, chegaram a Natal com uma bola de futebol e alguns conhecimentos das regras. Eles com outros jovens de famílias consideradas da elite da cidade fundaram o primeiro time voltado à prática do futebol no Estado do Rio Grande do Norte, o *Sport Clube Natalense*.

As regras oficiais do esporte não eram seguidas ao pé da letra, até por desconhecimento das mesmas, o que não impediu o surgimento de muitos clubes de vida efêmera, que disputavam partidas amadoras entre si. Um dos times que se destacou nesse momento foi o time do Partido Republicano Conservador, o PRC, fundado, em 1914, pelo neto do então Governador Ferreira Chaves, que realizava seus jogos no grande quintal da residência oficial. (SOBRINHO; CESAR, 2008, p. 03).

Segundo as informações de Luiz Bezerra<sup>31</sup>, somente com a vinda da Suíça do estudante universitário Alberto Roselli, conhecedor das regras do denominado *football*, é que o esporte teve uma melhor organização, quando foram fundados os primeiros clubes efetivamente organizados da capital norte-riograndense: ABC Futebol Clube, América Futebol Clube e Alecrim Futebol Clube, todos no ano de 1915. Para Toledo (2002), a popularização do futebol mostra que tal processo confrontou-se com as tentativas e estratégias de distinção social, implementadas pelas elites esportistas do início do século XX, que criaram resistência como puderam à participação mais universalizada das camadas populares no campo de jogo.

Este aspecto, em particular, aponta para a necessidade crescente de uma participação e o engajamento efetivo de outros atores que não os próprios jogadores, comprometendo desde aqueles responsáveis pela infraestrutura na viabilidade das partidas, posição que mais tarde ficaria circunscrita aos dirigentes e administradores esportivos, até mesmo aqueles que se prestavam ao incentivo e elevação da

---

<sup>31</sup> Disponíveis nos sites: [www.futeboldorn.com.br](http://www.futeboldorn.com.br) e [www.cbf.news.br](http://www.cbf.news.br).

tensão e da incerteza extra campo como elementos cruciais na fruição e ampliação da emoção por este esporte, os torcedores. (TOLEDO, 2002, p. 246).

No Brasil, a crescente popularização do futebol e a sua transformação em esporte de massa estiveram estreitamente vinculadas não somente à constituição de um campo profissional, mas, concomitantemente, aos modos como esta prática esportiva foi sendo apropriada nas variadas formas de praticá-lo e vivenciá-lo.

#### **4.2 A assistência dos torcedores de futebol e a imprensa**

À medida que as classes populares iniciaram a prática do futebol, concebida pela inventividade singular dos operários, negros e mestiços e se apropriaram dele, o tornaram um fenômeno das massas. O esporte jogado com os pés deixou de ser uma exclusividade e privilégio das elites, tornando-se popular. Esta popularização do futebol pode ser vista em alguns aspectos que tornam o torcedor com características bem semelhantes à dos atuais apaixonados por futebol e seus respectivos clubes. Podemos ilustrar o caso da República Velha (1889-1930), cuja entrada de clubes e jogadores de origem popular nas ligas amadoras significou a participação de segmentos excluídos no campo da elite brasileira.

Mas o fator determinante para o futebol tornar-se o esporte mais popular do mundo foi a crescente importância dos meios de comunicação, assunto que será abordado no segundo capítulo desta dissertação<sup>32</sup>, assim como os novos meios de transporte do século XIX (ferrovias, metrô de Londres, navegação marítima, transporte pessoal) facilitaram a propagação do futebol. Com a disseminação do futebol, primeiramente, através da imprensa e, massivamente, com o rádio, através das transmissões das partidas e também anos depois com a Televisão, surgiam os torcedores e, conseqüentemente, suas articulações em torcidas organizadas por grupos de pessoas com relação pessoal próxima ou afinidade clubista.

No Estado Populista de Vargas, destacamos a importância de Mário Filho,<sup>33</sup> com sua escrita na imprensa e as locuções de rádio, ressaltamos a sua iniciativa na chamada carnavalização do futebol ao promover concursos para bandeiras, hinos, símbolos, mascotes e grupos uniformizados, num “processo que incorporava os

---

<sup>32</sup> Ver as intenções de capítulo para entender a importância do papel da mídia no universo futebolístico.

<sup>33</sup> Irmão de Nelson Rodrigues, ele foi o idealizador do Maracanã (maior palco do futebol brasileiro), que recebeu o seu nome em 1966, em homenagem ao mesmo depois de falecer no mesmo ano.

torcedores ao universo do futebol brasileiro, estabelecendo um alargamento de sua base social, era o mesmo que incluía as camadas subalternas urbanas no jogo político nacional” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 79). Os mecanismos da diversão espetacularizada se desenvolveram rapidamente, sempre visando o público espectador, assim o transporte público passava a atender uma demanda até então inexistente. Mesmo assim, até o final dos anos 30, ainda podia-se observar a permanência de um *ethos* que vivenciava o jogo como exercício, adestramento e manutenção individual do corpo ante solicitações de uma vida moderna que despontava, conforme Toledo (2002). Por isso, a elite e a imprensa criavam manuais para “ensinar” os indivíduos a assistirem jogos de futebol, além de sua prática “correta” e regras.

Os manuais técnicos e, logo em seguida, os próprios jornais, formalizaram as primeiras iniciativas que se prestaram a orientar a participação torcedora na conduta de um público esportivo. O que, de certo modo, foi frustrado pela própria linguagem tecnicista que se queria impingir ao conjunto amplo de torcedores, que atribuíram significados próprios à fruição do jogo. (TOLEDO, 2002, p. 249).

#### **4.3 A uniformização dos torcedores de futebol e o rádio**

Movimento favorecido pela segunda profissionalização e o incremento dos meios de comunicação que aceleraram o processo de simbiose e expansão da comunidade de interesses constituída pelos *profissionais*, *especialistas* e *torcedores*, transformando o futebol em esportes de massa. (TOLEDO, 2002, p. 250-1).

Ao falar de torcedores, observamos a *metáfora religiosa* do futebol descrita por Franco Júnior (2007, p. 259) em que, na sociedade capitalista, a indústria e o consumismo superaram a natureza, mas mantem a necessidade humana de crer. Para o autor, muita gente parece substituir as antigas divindades por clubes de futebol, como se o futebol exercesse uma função sagrada: os jogadores são “ídolos”, a camisa é “o manto sagrado”, as defesas incríveis são “milagres”, e no caso brasileiro, o Maracanã é o “templo sagrado do futebol”. As causas transcendentais tornaram-se paixão de multidões, conforme Sebenelo (2012, p. 237) afirma:

Parece ser um cenário onde se exorcizam emoções, antigos rancores e amores, perfeito para encaminhar nosso psiquismo em direção à realização dos desejos, pelas forças pulsionais da imaginação... Vale sinalizar, também, os riscos desses mesmos sujeitos, sem se darem conta, renderem-se à manipulação de que podem ser objetos, abolindo toda nuance e toda reflexão que,

combinadas, podem produzir alienação.

Nesse contexto, as experiências vividas não se restringem ao espaço de duração das partidas, podendo ser apropriados em momentos da vida cotidiana desses torcedores. Então, uma das primeiras formas de torcer está relacionada ao início da nossa história do futebol, momento em que as pessoas se reuniam devido às partidas de futebol e tinham como elemento unificador a paixão, ou a simpatia, que nutriam por um ou por outro clube. As primeiras formas coletivizadas de torcer surgiram, segundo Toledo (2002), nas décadas de 40 e 50. Estes grupamentos caracterizavam-se por frequentar os estádios com camisas e uniformes iguais, em alusão à própria torcida.

Com a popularização entre as camadas desfavorecidas, as expressões em inglês do futebol foram traduzidas. O rádio passou a investir cada vez mais nas transmissões esportivas na fase conhecida como “época de ouro”, nas décadas de 40 e 50. O rádio revela-se também um importante criador de mitos dentro do campo e atrás dos microfones, transformando os locutores em ídolos, às vezes, tão famosos quanto os jogadores. As coberturas esportivas até fins dos anos 30 descreviam de maneira muito pormenorizada, quase que lance a lance, uma partida de futebol. Com o advento e popularização do rádio e, posteriormente, da televisão, as mídias impressas buscaram outras linguagens menos descritivas ao relatar e cobrir os esportes.

O palco são, obviamente, os estádios, mas torcemos também ouvindo, ou assistindo aos jogos pela televisão. O rádio foi o primeiro intermediário entre o torcedor e o que estava acontecendo em campo. Até hoje ele é valioso para porteiros de prédio e motoristas de táxi, quando não incomodados por clientes considerados ignorantes. Locutores e ouvintes estabelecem uma cumplicidade baseada na imaginação: o locutor dá às irradiações um ritmo próprio, de tal forma que é difícil perceber com certeza a qualidade do jogo, os acertos e erros do juiz, se a bola está no grande círculo ou na pequena área.

Os anos 40 são marcados por um redimensionamento significativo do futebol profissional com a inauguração do estádio do Pacaembu, que passa a congrega milhões de torcedores nas partidas, por volta de 50 a 60 mil torcedores nos jogos em que estavam envolvidos os times mais populares. Tal fato alavancou a participação popular nestes eventos esportivos, o que gerou uma maior preocupação da parte das autoridades em conter e regular a conduta torcedora. (TOLEDO, 2002, p. 252).

O papel atribuído a estes conjuntos de torcedores era preponderante e, na verdade, não era pouco propagar o futebol oficial dos clubes, dos dirigentes e demais artífices dos espetáculos futebolísticos, bem como dos ainda incipientes meios de comunicação e crônica especializada. (TOLEDO, 2002, p. 253). Segundo Toledo (2002), este modelo de assistência instituído e incrementado por estas torcidas uniformizadas perdurou de modo preponderante até o final dos anos 60, quando outra modalidade de participação, nitidamente mais popular, contendora e mais autônoma, vista de uma certa perspectiva, ganhou significativos espaço e apelo entre torcedores, sobretudo entre os oriundos das classes populares.

#### **4.4 A organização dos torcedores de futebol e a TV**

De acordo com Toledo (1996), as formas coletivizadas do torcer modificaram-se, surgindo novos grupamentos, que não apenas identificavam-se por camisas e uniformes, mas que detinham uma maior organização e autonomia em relação ao clube, eram as chamadas “torcidas organizadas”. Vale frisar que o surgimento das torcidas organizadas não leva, necessariamente, ao fim das torcidas uniformizadas. O crescimento das torcidas organizadas alcançou seu *boom* nas décadas de 70 e 80, com o aumento tanto no número de associados quanto à expansão no surgimento destas agremiações. O momento maior de uma torcida organizada é o próprio período das partidas de futebol. Para Toledo (1996, p. 56), a condição de ser um torcedor organizado aciona as marcas distintivas dos grupos, ou seja, marcas de identificação, visibilidade, e oposição entre torcedores e torcidas organizadas.

Ainda conforme Toledo (2002, p. 254), a autonomia se expressava no plano da reivindicação e maior compreensão dos fundamentos técnicos, pois os torcedores formaram comunidades de pressão mais efetivas, passando a reivindicar, de modo mais permanente nos jogos e de modo cotidiano nos treinos, as qualidades técnicas dos *profissionais*, o exercício e o compartilhamento constantes das representações em torno das *formas* do jogar. Este outro modelo ficou conhecido como torcida organizada, que originalmente surgiu também numa conjuntura de efervescência política, como foi o caso da primeira agremiação torcedora, a Gaviões da Fiel.

Para além desses engajamentos mais explícitos, reveladores de disputas simbólicas pelos significados do torcer, cristalizados nas manifestações populares como as *assistências* aos jogos no regime amador ou a atuação das *torcidas organizadas* a partir das décadas de 70, ou aquelas orientadas por outros critérios, tais como observadas no modelo das *torcidas uniformizadas*, “inventadas” nos anos 40 e sua contrapartida nos *sócios torcedores* da segunda metade dos anos 90, existem ainda outras expressões da mobilização torcedora que revelam experiências marcadamente menos institucionalizadas, do ponto de vista do engajamento político, e menos racionalizadas, de um ponto de vista mercadológico, mas que igualmente mostram-se relevantes quando observadas e destacadas do domínio da sociabilidade cotidiana. (TOLEDO, 2002, p. 273-4).

Em Natal, segundo Cesar e Correia Sobrinho (2008, p. 7-8), as torcidas começam a surgir nos anos 1990. A torcida Máfia Vermelha, do América, foi fundada em 08 de dezembro de 1991. Originou-se de outra torcida – a Torcida Independente do América que, ao ser extinta, os membros mais jovens fundaram a Máfia Vermelha. A escolha do nome teria sido uma decisão desses membros para contrapor à facção abecedista, Torcida Gang Alvinegra. Esta última foi fundada em 03/01/1991 e também tem sua origem da rivalidade construída por outra facção, a Garra Alvinegra (fundada em 28/01/1977<sup>34</sup>), já existente, e formada por camelôs. Atualmente, o ABC tem as seguintes torcidas organizadas: *Torcida Organizada Camisa 12*; *Torcida Garra Alvinegra* (Antes Gang Alvinegra); *Torcida Os ABCervejas*; *Movimento Organizado Twitteiros ABCdistas*; *Torcida Independente*; *Torcida Loucos da Frasqueira*; e *Torcida Os Metralhas Alvinegros*.

Já com a presença da televisão, o fascínio pela imagem alargou continuamente o público das partidas desde que, em 16 de setembro de 1937, houve a transmissão televisiva do filme *Arsenal contra Everton*. A TV tornara-se com o tempo uma manifestação midiaticamente espetacularizada do futebol, que só aumentaria sua popularidade em escala massiva. Desde a criação da FIFA, que promove competições internacionais, inclusive a Copa do Mundo, amistosos entre clubes de diferentes países, o futebol passou a ser espetáculo que atrai grandes públicos e se torna interesse do capital. Os meios de comunicação de massa interferem diretamente na história do futebol. Gastaldo (2004) acredita que, na gênese histórica do mundo contemporâneo, é interessante notar o surgimento quase concomitante do esporte moderno e dos meios de comunicação de massa, em fins

---

<sup>34</sup> Data encontrada no site: [www.abcnatal.com.br](http://www.abcnatal.com.br).

do século XIX. Gastaldo (2004) exemplifica que a primeira Olimpíada da era Moderna (1896) foi realizada no ano seguinte à primeira sessão pública de cinema (1895). E “a Copa do Mundo de 1938 ensejou a primeira transmissão de rádio intercontinental, enquanto a Copa de 1998 foi também a ocasião da primeira transmissão internacional de televisão de alta definição (HDTV)” (GASTALDO, 2004, p. 2). Segundo Betti (2003) a produção em massa dos aparelhos de TV e a difusão de canais por todo o mundo, criou-se no início, certa rivalidade entre a televisão e os dirigentes esportivos, porque estes temiam que o televisual ao vivo pudesse diminuir o público pagante de ingressos. Com o passar do tempo percebemos que o temor revelou-se desnecessário, e com o aparecimento do sistema de satélites para transmissões a longa distância, ao vivo, “a partir dos anos 60, esporte e televisão passaram a partilhar de uma ‘relação simbiótica’, o que significa que eles apoiam-se mutuamente, e dependem um do outro, especialmente no plano econômico” (BETTI, 2003, p. 35).

Atualmente a TV controla os campeonatos e os horários das partidas no Brasil, tendo em vista que elas pagam<sup>35</sup> aos clubes os direitos de imagem, fazendo-os refém da programação televisiva. Tendo em vista este fato, podemos pensar até que ponto a mídia influencia as maneiras de fazer e agir no futebol, principalmente para com os torcedores, que são os alvos da indústria da publicidade e ao mesmo tempo sofrem com os horários das partidas ditadas pela TV (aberta e fechada), no caso dos torcedores que costumam frequentar os estádios. Em suma, quais tipos de torcedores podem ser encontrados neste esporte midiaticamente espetacularizado? Desde um esporte elitizado com apenas assistentes para um esporte popularizado pela imprensa e pelo rádio, ambos que produziram uma grande escala de torcedores fascinados pelo futebol e com forte pertencimento a um clube, de maneira uniformizada, organizada ou individualizada. Tornando-se o futebol o esporte mais popular do mundo, principalmente com o advento da TV (ferramenta midiática que produz e reproduz imagens simbólicas incessantemente) e das demais tecnologias emergentes (principalmente a internet), que suscitam uma possível transformação das torcidas, dos torcedores e da maneira de torcer.

---

<sup>35</sup> Vide números referente a este dado na página 34 da presente dissertação.

# DIVERSOS TIPOS DE ABECEDISTAS



Figura 4. Clássico ABC e América, no Frasqueirão - 01/03/2015<sup>36</sup>.

*Numa Cidade chamada Natal existe um povo chamado ABC  
Câmara Cascudo*

<sup>36</sup><https://www.facebook.com/ABCFutebolClube/photos/pb.188250274524046.-2207520000.1428583379./1040261489322916/?type=3&theater>. Acessado em: 02/03/2015.

## 5 DIVERSOS TIPOS DE ABECEDISTAS

### 5.1 Futebol norte-riograndense: ABC, América e Alecrim

No início do século XX, quando Natal ainda era uma cidade pacata e provinciana, com uma população estimada em 27 mil habitantes, a distração daquele tempo era o cinema Politeama de “Seu Leal”, as festas religiosas, um futebol ainda muito primitivo e o tão falado circo do “Seu Striguini” que, esporadicamente, passava pela cidade. Não havia vôlei, nem basquete, nem concursos de misses, nem biquinis e nem “brejeiras”<sup>37</sup>. Também existia como forma de entretenimento da época, o Cine-Teatro Carlos Gomes, atualmente denominado Teatro Alberto Maranhão. A cidade tinha como Intendente Municipal, o comerciante e abolicionista Romualdo Galvão; e o Rio Grande do Norte acabara de eleger, em 1914, pela primeira e vez pelo voto direto, o magistrado Joaquim Ferreira Chaves, para governar os destinos do povo potiguar, acabando com a oligarquia dos Albuquerque Maranhão.

Como se dissertou no capítulo *Uma possível construção histórico-social dos torcedores de futebol* o futebol chegou a terras potiguares pelos irmãos Fabricio Pedroza e Fernando Pedroza, que estudavam na Inglaterra e trouxeram a primeira bola de futebol em 1903. Os irmãos também foram os responsáveis pela criação do primeiro clube potiguar, denominado Sport Club Natalense, em 12 de outubro de 1904. Naquela época, o futebol era praticado em terrenos descampados, em localidades onde hoje estão, por exemplo, as praças André de Albuquerque (Rua Grande) e Pedro Velho. O conhecimento das regras e a sua aplicação no território potiguar com mais propriedade se deu, segundo o historiador Luiz G. M. Bezerra<sup>38</sup>, com a chegada a Natal, do estudante universitário Alberto Roselli, que tendo conhecido o *football* na Suíça, trouxe uma maior organização à prática deste esporte no estado do Rio Grande do Norte, tendo atuado inclusive como árbitro em várias partidas. Este tipo de organização amadora duraria até 1915, quando foram fundados os primeiros clubes efetivamente organizados: o ABC, o América e o Alecrim, todos na cidade de Natal/RN.

---

<sup>37</sup> Relatou o ex-presidente do ABC, José Tavares, em conferência proferida por ele na comemoração do 44º aniversário do ABC, em 1959. Fonte: [www.abcfc.com.br](http://www.abcfc.com.br).

<sup>38</sup> Fonte: <http://futebolriograndense.webnode.com.br/futebol-rn/>. Acesso em 06/05/2015.

Esse era o cenário de Natal em meados da década de 1910. Quando no dia 29 de junho de 1915, mais precisamente às 13 horas, jovens da elite do Rio Grande do Norte reuniram-se na Avenida Rio Branco, aos fundos do Teatro Carlos Gomes, hoje Teatro Alberto Maranhão, para decidir sobre a criação da primeira equipe organizada de futebol do Rio Grande do Norte. A reunião para oficializar a fundação do clube ocorreu na residência do coronel Avelino Alves Freire - respeitado comerciante e presidente da Associação Comercial do RN. O fato interessante de ser destacado é que, embora tenha sido fundado em 1915, o ABC só adquiriu personalidade jurídica a partir de 13 de dezembro de 1927, quando a Liga de Futebol registrou seus estatutos. Sendo assim, ABC Futebol Clube passou a ser uma associação esportiva brasileira, fundada como clube de futebol por um grupo de jovens da elite potiguar, no bairro da Ribeira, na cidade de Natal.

A primeira providência do encontro foi a de escolher um nome para a agremiação que nascia. E, por sugestão do sócio-fundador José Potiguar Pinheiro, o primeiro clube do RN adotou o nome de ABC Futebol Clube, aprovado por unanimidade. O conjunto de letras ABC prestou uma justa homenagem ao pacto de amizade fraternal, amparado diplomaticamente pelos países Argentina, Brasil e Chile, que visava à cooperação mútua entre esses três países e fora sacramentada com a assinatura do Pacto do ABC, cujas letras fazem referência às iniciais dos três países. Ainda ficou decidido, por proposta do filho do coronel Avelino Freire, João Emílio Freire (primeiro presidente do ABC), que as cores preta e branca seriam adotadas como oficiais pelo clube a partir daquele momento.

Vale ressaltar a história do casal Vicente Farache Netto (1902-1967) e Maria do Rosário Lamas Farache (1906-1949)<sup>39</sup>. Juntos e presentes nas atividades do clube por quase 15 anos, enquanto foram casados, de 1935 a 1949, ano da morte de Maria Lamas; o casal protagonizou um intenso caso de amor com o ABC. O natalense Vicente Farache (filho do italiano José Farache e da brasileira Maria Carmina Farache) sempre teve uma condição financeira privilegiada pelo fato de seu pai ser um comerciante de prestígio em Natal, no início do século XX. A chilena Maria Lamas Farache (filha do casal de palestinos Elias e Mercedes Lamas, radicalizado no Chile) também era de uma família bastante conceituada em Natal,

---

<sup>39</sup> Atualmente ambos dão nome ao complexo de futebol e ao estádio de futebol do ABC, respectivamente, como forma de homenagem à sua paixão e os serviços prestados por eles ao clube potiguar.

proprietária de respeitadas casas comerciais no tradicional bairro da Ribeira – A Chilenita e o Armazém Elias Lamas. Vicente Farache, aos 18 anos, foi jogador do time que conquistou para o ABC o primeiro título de campeão potiguar. Em seu retorno a Natal, em 1928, após viajar para estudar, dedicou-se exclusivamente à condição de dirigente. Contratava jogadores de outros lugares, treinava, comprava o material de treino e de jogo, dispensava os jogadores segundo os seus critérios, pagava os salários, empregava jogadores em suas duas lojas na Ribeira (a de sapatos e tecidos “Vicente Farache Netto” e uma joalheria, uma pista do início da profissionalização do futebol potiguar), além de hospedar e alimentar os atletas em dias das partidas. Para isso, contou com a ajuda dos quatro irmãos, principalmente de Antônio, o Tonho Farache, que com o seu antigo “Ford” transportava os jogadores para onde fosse necessário. Vale ressaltar que, como diretor técnico, Vicente Farache conquistou dez campeonatos potiguares seguidos, de 1932 a 1941.

O América Futebol Clube<sup>40</sup> foi fundado em 14 de julho de 1915, na residência do juiz Joaquim Homem de Siqueira, situada na Rua Vigário Bartolomeu. Seu primeiro presidente foi o amazonense radicado em Natal, Francisco Lopes de Freitas. Sobre a oficialização jurídica do clube tem uma história curiosa, onde existe uma versão que diz que o então Coronel Júlio Canavarro de Negreiros Melo, no dia 3 de junho de 1918, furou a única bola que o clube tinha para treinar e jogar, tendo sido o América obrigado a possuir personalidade jurídica para poder entrar com uma ação indenizatória. Para tanto, os Estatutos foram registrados pela primeira vez no dia 3 de julho de 1918, no Primeiro Ofício de Notas, em documento assinado pelo então presidente Oswaldo da Costa Pereira. Os jogadores do América eram provenientes do bairro da Cidade Alta. Nos seus primeiros sete anos de existência, os recursos financeiros do clube vinham em grande parte do bolso de Aguinaldo Tinôco (zagueiro e capitão do time na época), um dos seus fundadores. O primeiro título americano veio em 1919 no primeiro campeonato de futebol promovido pela Liga de Desportos Terrestres no estado.

O Alecrim Futebol Clube<sup>41</sup> foi fundado no dia 15 de agosto de 1915 por um grupo de rapazes formado por Lauro Medeiros, Pedro Dantas, Cel. Solon Andrade, José Firmino, Café Filho (ex-Presidente da República e ex-goleiro do Alecrim em 1918 e 1919), Humberto Medeiros, Gentil de Oliveira, José Tinôco, Juvenal Pimentel

---

<sup>40</sup> Fonte: <http://www.americadenatal.com.br/o-america/>. Acesso em 07/05/2015.

<sup>41</sup> Fonte: <http://www.alecrimfc.com.br/clube/>. Acessado em 08/05/2015.

e Miguel Firmino, em reunião realizada na casa do Cel. Solon Andrade, no então longínquo bairro do Alecrim, próximo da atual Igreja São Pedro. A ideia inicial que motivou a fundação do clube esmeraldino tinha como objetivo principal ajudar de forma filantrópica as crianças pobres do bairro que lhe deu origem. Segundo o jornal A República n.º 215 no bairro do Alecrim, alguns moços fundaram o Alecrim Foot Ball Club, que mantinha uma escola noturna gratuita para o ensino às crianças pobres daquele bairro. A cidade do Natal se concentrava praticamente na Ribeira, e o Alecrim – chamado de bairro novo – localizava-se na zona rural de Natal, e na época, os jogadores e os torcedores de ABC e de América faziam parte da elite da cidade, enquanto o Alecrim F.C. era composto basicamente de negros e descendentes de índios.

## 5.2 Imagens simbólicas, fascinação e pertencimento

Façamos a descrição de uma imagem: um distintivo predominantemente na cor preta, constituído por uma listra de cor branca na diagonal, na qual figura a inscrição ABC F.C., em cor preta. Na parte superior esquerda da listra branca temos quatro estrelas amarelas, bem como uma quinta estrela da mesma cor, de tamanho maior, localizada na parte inferior. E, por fim, acima do distintivo, uma estrela dourada. Com certeza criaremos em sua mente *uma imagem*, bem próxima à exibida abaixo:



Figura 5. Atual escudo oficial do ABC.

Sabemos que a *imagem* mostrada anteriormente, se for contextualizada no universo futebolístico, ou para quem reside na cidade de Natal/RN, representa um

clube de futebol: ABC. Se considerarmos um estudo da imagem, em que a inscrição ABC F.C. faz referência ao nome do clube, que significa uma homenagem ao pacto de amizade fraternal, amparado diplomaticamente pelos países Argentina, Brasil e Chile, assinado em 1903, as quatro estrelas amarelas localizadas na parte superior esquerda da listra branca simbolizam a conquista dos campeonatos de futebol nas categorias infantil, juvenil, aspirante e profissional, no ano de 1954; a quinta estrela da mesma cor, de tamanho maior, localizada na parte inferior, simboliza a conquista do campeonato do futebol profissional no ano do sesquicentenário da Independência do Brasil; e a estrela dourada cima do distintivo simboliza o título de campeão brasileiro da Série C de 2010, ela torna-se um símbolo na sociedade. E mais, se esse símbolo estiver presente numa camisa de um torcedor abecedista guardada com cuidado e resistindo ao tempo, por representar uma inesquecível experiência vivida em alguma partida de futebol? Esta, consideramos uma imagem simbólica presente em vestimentas, canecas, bandeiras, etc.. A partir desse exemplo, realizaremos um breve estudo.

Podemos considerar *imagem simbólica* uma construção feita através de técnicas artísticas ou mentais expressadas culturalmente, cujo significado é atribuído pelas pessoas que a usam, expõem ou comentam a fim de representar a sua impressão sobre determinada coisa ou ser. Tendo em vista que ela possa ser tudo aquilo que ocorre numa dimensão infinita de produção de imagens dentro do cérebro humano, abordaremos, em nossa pesquisa, como práticas mentais, apenas as experiências vivenciadas pelos torcedores que dão sentido à imagem simbólica apropriada em sua vida cotidiana. Observaremos a reprodução visual de símbolos do ABC e de suas cores alvinegras, sobre uma superfície de maneira estática em diferentes meios, como, por exemplo, vestimentas, pôsteres, pinturas, fotografias, bandeiras, etc., e também no próprio corpo humano através das tatuagens, apropriados singularmente ao cotidiano dos torcedores. Podemos exemplificar algumas imagens simbólicas que permeiam o imaginário dos abecedistas, assim como alguns fatos que evidenciam o impacto do universo futebolístico na vida cotidiana dos abecedistas através do escudo, do nome ou das cores alvinegras do ABC.

Na memória (imagens mentais) dos abecedistas, principalmente os mais jovens, é bem presente a imagem simbólica dos gols do atacante Wallyson (potiguar

e prata da casa) na final do campeonato potiguar de 2007 contra o arquirrival América e na campanha de acesso a série B do mesmo ano, principalmente, no último jogo do octogonal, contra o Bragantino no estádio Frasqueirão. Encontramos alguns fatos curiosos de paixão pelo ABC, como: a tatuagem do escudo e do hino feita nas costas do abecedista Flávio Vicente, 21 anos; o abecedista José Acácio, que registrou o filho com o nome de ABClino, já que não pôde registrar ABC, pois foi impedido pela funcionária do cartório; a fotografia guardada até hoje, de um de nossos entrevistados, que simboliza a doação do primeiro par de redes para o Frasqueirão, que foi arrancada pelos abecedistas no acesso à série B de 2007, quando invadiram o estádio; a faixa de campeão Brasileiro da série C de 2010, de um de nossos informantes, Vanilson, que para o mesmo (e para muitos abecedistas) representa o maior título conquistado pelo ABC e por um clube potiguar. Outro exemplo foi de ordem metodológica: pedimos propositalmente para que os questionários fossem respondidos com caneta vermelha, cor representativa do América e todos os abecedistas pediram desculpas por não responder em vermelho, desse modo, a maioria respondeu em preto e os demais em outras cores. Além desses exemplos, observamos a reprodução de imagens do escudo, nome ou cores do ABC em objetos utilizados no cotidiano dos abecedistas, conforme figuras a seguir:

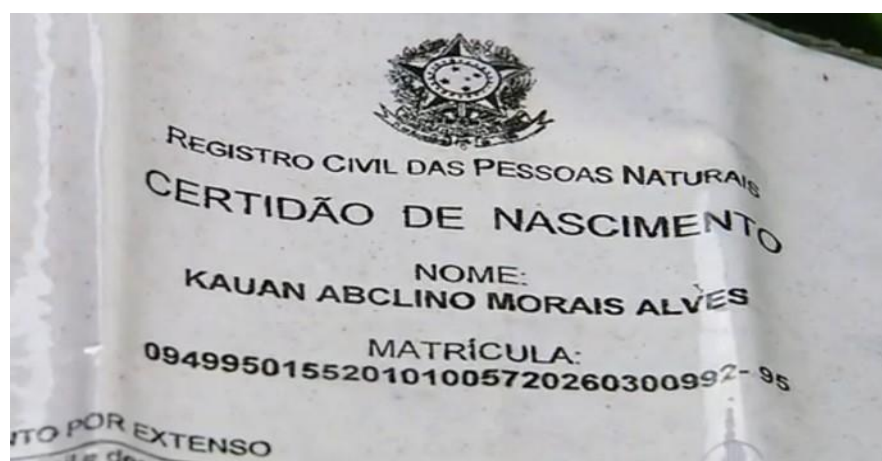


Figura 6. O abecedista José Acácio registrou o filho com o nome de ABClino<sup>42</sup>.

<sup>42</sup> Fonte: <http://globoesporte.globo.com/rn/noticia/2014/09/fanatico-coloca-nome-do-filho-de-abclino-nao-podia-abc.html>. Acessado em: 21/01/2015.



Figura 7. Alexandre Costa, seu irmão e seu pai durante doação das primeiras redes do Frasqueirão.



Figura 8. Imagens simbólicas apropriadas pelos abecedistas em seu cotidiano.



**Figura 9. Vanilson e sua faixa de Campeão Brasileiro da série C - 2010.**

De acordo com Marcondes Filho<sup>43</sup> (2014, p.239), a imagem é considerada pelo idealismo a ideia de uma coisa, ou seja, sua imagem como sendo uma projeção da mente. Já Aristóteles pensava o contrário e considerava a imagem algo adquirido pelos sentidos. Sendo assim, ele a tinha como uma representação mental de um objeto real, concepção essa que fundou o realismo. A imagem não consegue explicar a si mesma, pois adquire seu significado de uma forma diferente das palavras e da língua. Portanto, o estudo da imagem se distribui desde a arte à semiótica e às teorias da cognição.

A língua tem a possibilidade de ser explicada por si própria e gera imagens quando é posta em um contexto de diálogo. O ato de se comunicar gera automaticamente representações mentais daquilo que se comunica. Já a imagem não precisa necessariamente de uma superfície externa para ser gerada, pois ela pode ocorrer dentro do cérebro humano, tal como era utilizada pelo homem ao longo de sua história para representar a impressão ou percepção que se tinha de determinada coisa ou ser, ou seja, tornando-se meios de expressão cultural.

Para sociologia, segundo Johnson (1997, p. 206), símbolo é qualquer coisa usada para representar algo mais do que si mesmo. As palavras nada mais são do que sons (ar em movimento) ou um conjunto de marcas (letras impressas), as quais

---

<sup>43</sup> Texto de Gustavo de Castro e Silva em: MARCONDES FILHO, Ciro (org.). **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2014.

é impossível de discernir totalmente sua importância na vida social. Tal como todos os outros aspectos da vida social, o efeito depende do contexto social. Embora a maioria dos símbolos tome a forma de palavras usadas na linguagem escrita e falada, eles podem assumir também outras formas. Objetos como bandeiras e artefatos religiosos são usados como símbolos, como também alguns movimentos físicos (gestos), tais como acenar adeus, enfiar o dedo no nariz ou fazer o sinal de “tudo bem” com o polegar para cima. Os símbolos constituem o núcleo dos sistemas culturais, pois é com eles que formamos pensamentos, ideias e outras maneiras de representar a realidade para os outros e para nós mesmos.

Já segundo Marcondes Filho<sup>44</sup> (2014, p. 424-5) símbolo em seu sentido etimológico vem do latim *symbolum*, que é aquilo que representa ou substitui outra coisa. O estudo do símbolo se distribui por diversas áreas, como por exemplo, na sociologia, na filosofia, na psicologia, na psicanálise, na semiótica, na antropologia, entre outras, devido a seu amplo campo semântico de discussão. Para a sociologia, ele se constitui em objetos ou abstrações cujo valor ou significado é atribuído pelas pessoas que o usam, ostentam ou professam, como anéis, bandeiras, trajes, cores, escudos, brasões, etc.; na filosofia, o símbolo é o que separa os homens dos animais, pois são históricos e polifônicos.

Para a psicologia, o símbolo engloba um conjunto de significados nitidamente distintos; a psicanálise de Freud é basicamente uma análise de símbolos, como se demonstra em *A interpretação dos sonhos*, em que símbolo é uma ideia consciente da psique que toma lugar de um processo mental no inconsciente; na semiótica, fundada por Charles Sanders Peirce, o símbolo faz parte da tríade semiótica composta por ele, ícone e índice. Mesmo dentro de uma área de conhecimento como a antropologia, existem diversas perspectivas sobre o símbolo: Gilbert Durand acredita que o símbolo também possui dimensões inconscientes e expressa traços dos arquétipos (imagens humanas originais e universais do inconsciente) influenciados pela cultura; Claude Lévi-Strauss vê o poder dos símbolos nos processos de cura xamânica, que ele denominou de eficácia simbólica; Já Mircea Eliade afirmava que o símbolo é um modo autônomo de conhecimento, capaz de revelar aspectos profundos da realidade e do ser. Apesar de tantas concepções, ficamos com a definição filosófica de Cassirer, a qual afirma que por

---

<sup>44</sup> Texto de Thiago Tavares em: MARCONDES FILHO, Ciro (org.). **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2014.

meio do símbolo o homem compreende, interpreta, articula, organiza, sintetiza e universaliza sua própria existência, seja no campo da linguagem, da religião, da arte ou da ciência:

Os fenômenos que encontramos na vida de uma determinada espécie biológica não são transferíveis para nenhuma outra espécie. As experiências - e, portanto, as realidades - de dois organismos diferentes são incomensuráveis um com o outro. No mundo de uma mosca, diz Uexküll<sup>45</sup>, encontramos apenas “coisas de mosca”; no mundo de um ouriço-do-mar encontramos apenas “coisas de ouriço-domar”. (CASSIRER, 2012, p. 45).

Cassirer (2012) questiona-se sobre a possibilidade de se fazer uso do esquema proposto por Uexküll para uma descrição e caracterização do mundo humano. Ele responde que esse mundo não é nenhuma exceção às regras biológicas que regem a vida de todos os demais organismos. No entanto, no mundo humano encontramos uma característica nova que parece ser a marca distintiva da vida humana. O círculo funcional do homem não é só quantitativamente maior, passou também por uma mudança qualitativa. O homem descobriu, por assim dizer, um novo método para adaptar-se ao seu ambiente. Entre o sistema receptor e o efetuator, que são encontrados em todas as espécies animais, observamos no homem um terceiro elo que podemos descrever como o *sistema simbólico*. Não estando mais num universo meramente físico, o homem vive em um universo simbólico. São partes desse universo a linguagem, o mito, a arte e a religião, variados fios que tecem a rede simbólica, o emaranhado da experiência humana (todo progresso humano em pensamento e experiência) é refinado por essa rede, e a fortalece. Na medida em que o homem confronta-se com a realidade imediata, não pode vê-la, por assim dizer, pois a realidade física parece recuar em proporção ao avanço da atividade simbólica do homem. Em vez de lidar com as próprias coisas, o homem está, de certo modo, conversando constantemente consigo mesmo. Envolveu-se de tal modo em formas linguísticas, imagens artísticas, símbolos místicos ou ritos religiosos que não consegue ver ou conhecer coisa alguma a não ser pela interposição desse meio artificial. Sua situação é a mesma tanto na esfera teórica como na prática.

---

<sup>45</sup> O biólogo Johannes Von Uexküll escreveu um livro em que empreende uma revisão crítica dos princípios da biologia. Segundo Uexküll, a biologia é uma ciência natural que tem de ser desenvolvida pelos métodos empíricos usuais - os métodos da observação e da experimentação. O sistema receptor, através do qual uma espécie biológica recebe os estímulos externos, e o sistema efetuator, pelo qual reage a eles, estão em todos os casos intimamente entrelaçados. São elos da mesma cadeia única que Uexküll descreve como o *círculo funcional* (*Funktionskreis*) do animal.

Mesmo nesta [na prática], o homem não vive em um mundo de fatos nus e crus, ou segundo suas necessidades e desejos imediatos. Vive antes em meio a emoções imaginárias, em esperanças e temores, ilusões e desilusões, em suas fantasias e sonhos. “O que perturba e assusta o homem”, disse Epíteto, “não são as coisas, mas suas opiniões e fantasias sobre as coisas.”. (CASSIRER, 2012, p. 48-49).

A razão é um termo muito inadequado ou insuficiente para se compreender as formas da vida cultural do homem em toda a sua riqueza e variedade, pois todas essas formas são formas simbólicas. Por isso, em vez de definir o homem como *animal rationale*, deveríamos defini-lo como *animal symbolicum*.

Discorrendo sobre a *fascinação*, Gumbrecht (2007) explica o fascínio que o esporte exerce nas pessoas ao mesmo tempo em que afirma que “em geral os prazeres não precisam de tal legitimação” ou explicação. Este perder-se na “intensidade da concentração” vem de Pablo Morales, que falou sobre o sentido de “se perder na intensidade da concentração” como a motivação que o levou a praticar esporte de alto rendimento. Para o autor, esta poderia ser uma das explicações para se entender o fascínio que o esporte pode exercer nos atletas e também nos torcedores, além da beleza dos corpos em movimento, o sentido e o valor estético de uma competição.

Descrever a experiência do esporte como a de “perder-se numa intensidade focada” sugere que o esporte pode se tornar, tanto para os atletas quanto para os espectadores, uma estratégia de reencantamento secular, uma vez que “perder-se” converge com a definição do sagrado como um domínio cujo fascínio reside no fato de ele estar separado do mundo cotidiano; epifanias pertencem à dimensão do reencantamento exatamente porque a tendência, própria da modernidade, à abstração, sempre acarretou também a tendência de se substituir as epifanias por “representações”, isto é, modos não substanciais de aparecimento; além disso, a intensidade caracteriza um nível da nossa relação com o mundo e com nós mesmos que normalmente está destinado a desaparecer na trajetória para o desencantamento (que se tornou estranhamente tão normativo para nós) – e que, ao mesmo tempo, se transforma numa condição para que o reencantamento aconteça. (GUMBRECHT, 2009, p. 02).

A partir da citação do autor, entendemos que os torcedores de futebol podem permitir-se dar vazão às suas emoções, logo, sentem-se parte de algo mais que um corpo propriamente coletivo. Este corpo pode se tornar a base para que os torcedores se sintam unidos aos jogadores de seu time e pode, em algumas raras e gloriosas ocasiões, até mesmo conquistar o outro time e seus torcedores, como afirma Gumbrecht (2009). O autor continua seu texto afirmando que as multidões

que são atraídas aos estádios e pela mídia têm crescido, e continuam a crescer continuamente nos últimos cem anos. Sendo assim, torna-se inevitável a ideia de que a história dos esportes de equipe aponta para uma nova e importante função de compensação: uma função de compensação e reencantamento secular, pois, de qualquer maneira, o esporte, com seus efeitos reencantadores, conquistou boa parte do mundo do lazer contemporâneo. Entretanto, segundo Gumbrecht (2009, p. 10), como tantos de nós perdemos, em nossas existências privadas, os horizontes religiosos tradicionais da transcendência, “a gratidão pelos grandes momentos esportivos se transforma na gratidão pelas coisas que aprovamos, desfrutamos e apreciamos nas nossas vidas cotidianas”.

Gumbrecht (2007) exemplifica que Norbert Elias explicou a ascensão do esporte no início da era moderna como um estágio da civilização ocidental que serviu para controlar e subjugar os corpos humanos. Já na análise do sociólogo francês Pierre Bourdieu, o esporte serve à causa da diferenciação e da distinção social: aprendemos com ele aquilo que sempre soubemos, que jogar tênis ou golfe é uma ferramenta útil para acelerar a ascensão social. Apesar da importância dos esportes não seja significativa “quando vista sob a ótica sóbria dos termos todos nós já ouvimos – inúmeras vezes, e acreditamos – que o que move a produção de um evento esportivo é apenas e tão somente o interesse financeiro” (GUMBRECHT, 2007, p. 28).

Gumbrecht (2007, p. 29) continua: “Roger Caillois vem sendo aclamado pela crítica [...] que pode ser resumida na ideia de que o esporte é um típico específico de drama”. Sendo assim, em virtude de o drama ter semelhança com as cerimônias sagradas que ocorrem a certa distância da vida cotidiana, o esporte deve ser uma dimensão do sagrado. Os eventos esportivos possuem uma realidade sólida e primária que vai além (ou aquém) de sua apresentação como espetáculo de mídia. Neste aspecto a *intensidade* tanto na experiência quanto nas expectativas de epifanias são acompanhadas por halos de intensidade, isto é, por estados de um grau quantitativamente alto de percepção de nossas emoções e de nossos corpos, como diz Gumbrecht (2007, p. 30):

Do mesmo modo, *intensidade* assinala um nível em nossas reações ao mundo e a nós mesmos que está normalmente destinado a desaparecer na trajetória de desencantamento (que se tornou estranhamente tão normativo a nós) – e que, pela mesma lógica, transforma-se em um predicado de reencantamento. Ainda

mais que, em alguns outros casos de reencantamento secular, parece evidente que podemos nos referir à prática de esportes e ao fato de assisti-los como “estratégias” sociais. Por enquanto ainda não é claro o que exatamente essas práticas podem substituir na cultura contemporânea, e enquanto nós não as associamos a um único propósito ou a uma função mais ampla, há uma impressão de que a crescente presença e importância dos esportes hoje substituíram algo – e devem de fato estar substituindo algo – que nós perdemos.

Em relação ao *pertencimento*, a paixão dos torcedores por seus clubes do coração já foi alvo de investigações em alguns estudos. Damo (2007) diz que os torcedores são aqueles que participam do espetáculo a partir de uma predisposição que em tudo se parece a um dom às avessas: o pertencimento clubístico, único e imutável. As diferentes modalidades de vínculos, não apenas entre os torcedores e seus clubes, mas “dos torcedores de um mesmo clube entre si, dos clubes com as cidades onde estavam sediados, com as regiões ou mesmo categorias sociais mais alargadas como raça e classe social, para o caso dos clubes brasileiros.” (DAMO, 2007, p. 63)

O futebol funciona a partir de um sistema de lealdades, em que torcer implica pertencer e pertencer a um clube significa ser leal a ele. No caso do Brasil, o pertencimento clubístico atribui-se a vínculos identitários dos torcedores do futebol a seus times. A noção de pertencimento clubístico atravessa as noções comuns do torcer, gostar, amar, ser apaixonado, etc. e “especifica, no espectro do torcer, um segmento de público militante, não necessariamente pela frequência aos estádios, nem mesmo pelo vínculo a grupos organizados, mas pelo engajamento emocional” (DAMO, 2007, p. 52). Para Damo (2007), ainda que usados como sinônimos, como afirma o autor, *torcer* e *pertencer* não são exatamente a mesma coisa. Nesse caso, torcer serviria para caracterizar tanto adesões duradouras quanto as eventuais e o pertencimento clubístico denotaria uma modalidade de envolvimento intensa, caracterizada como uma relação identitária do torcedor com o seu clube do coração.

Para especificar, no espectro do torcedor, um segmento de público militante, não necessariamente pela frequência aos estádios, nem mesmo pelo vínculo a grupos organizados, mas emocionalmente engajados a ponto de se estenderem as emoções vividas no espaço-tempo do jogo pra além dele. (DAMO, 2007, p. 65-66).

Em sua inserção nos grupos sociais, o indivíduo se reconhece como parte de uma comunidade que o transcende. Para Toledo (1996), dentro de uma ‘comunidade de sentimento’, o indivíduo passa a integrar uma totalidade que o

engloba. Sozinho rompe-se com o sentimento de pertença e retorna ao anonimato da individualidade, por isso o pertencimento clubístico é uma expressão de coletividade exclusiva. Outro aspecto a ser levado em consideração, quando se trata do pertencimento clubístico é, para além do amor ao time do coração, a necessidade de se odiar o grande rival. Também se pensam entre si, enquanto totalidade, uma comunidade de sentimento que simboliza uma nação, permitindo-se expressar os antigos e, ao mesmo tempo, atuais sentimentos regionalistas.

### 5.3 Tipologia dos torcedores do ABC F.C.

De modo genérico, os torcedores do ABC são identificados como abecedistas. Estes podem ser tipificados de diversas maneiras, de acordo com o critério de categoria utilizado na presente pesquisa que será a *matriz midiática*: a partir de como os abecedistas acompanham as partidas do ABC, mais precisamente no estádio, no rádio e na TV, além de outros meios de veiculação de informações sobre o universo futebolístico do ABC no cotidiano. Vale salientar que o perfil típico-ideal não seja, de fato, aquele que caracterize e prepondere entre os abecedistas, porque é muito mais complexo do ponto de vista social do que se pode notar nas representações estereotipadas<sup>46</sup>. Antes de tudo, iniciamos uma discussão sobre o tipo ideal de torcedor de futebol pelos informantes envolvidos na pesquisa:

“Aquele que torce incondicionalmente para seu time de coração, não importa de que forma. Entretanto, sem ser desrespeitoso com torcedores de times rivais incitando a violência.” (Felipe).

“Uma pessoa que apenas torce e admira a arte do futebol. E que não seja estúpido o suficiente para se irritar com erros humanos e discussões desnecessárias.” (Laerte).

“Torcedor ideal equilibra razão e emoção. Deve ser capaz de entender que o futebol, acima de tudo, é apenas um jogo, uma fonte de entretenimento, não uma causa de vida ou morte e, portanto, não deve ser encarado com extremismo, algo que tem causado brigas, mortes e o esvaziamento dos estádios. O torcedor deve acompanhar as novidades do time, assistir os jogos, ir ao estádio sempre que puder e respeitar os profissionais que estão em campo, apoiando-os nas vitórias e derrotas.” (Luis).

---

<sup>46</sup> Para efeito comparativo, na seguinte fonte: <http://globoesporte.globo.com/platb/teoria-dos-jogos/category/rio-grande-do-norte/> se encontram as Tabelas de 3 a 8, em anexo, que representam uma realidade sobre os abecedistas segundo uma pesquisa realizada pelo blog “Teoria dos jogos”, onde observamos no perfil dos abecedistas as seguintes características: Clube de futebol do Rio Grande do Norte com maior torcida no estado e na capital, porém, atrás de clubes de grande porte da região Sudeste; com grande público feminino na capital; tendo a maioria de seus torcedores acima de 35 anos, de baixa renda familiar, esboçando uma discrepância em relação à instrução, com grande número de analfabetos ou com ensino fundamental incompleto e superior completo.

“O torcedor que o clube ajudasse a tê-lo em campo, torcendo, como acontece na Europa. Não tenho restrições com relação aos fanáticos ou às torcidas organizadas. Mas acho que o clube tem que favorecer a torcida a estar nos estádios. Não existe futebol sem torcedor.” (Alexandre).

“Qualquer tipo de torcedor é bem vindo, até os chatos. O fanatismo é uma questão de cada torcedor, cada um tem seu tipo, como: vestir sempre a mesma camisa todos os jogos, cueca da sorte... entre outras coisas.” (Joan).

“Acredito que existam vários tipos de torcedores, porém, alguns conseguem se identificar e expressar sua preferência a alguns clubes mais do que outros. Fanático seria o nível mais extremo da relação torcedor e clube de futebol.” (Judson).

“O tipo ideal é o torcedor que se importa com seu time e consome seus produtos à medida que a sua situação financeira permite. O fanático é alguém que sente algo mais intenso pelo time do que a maioria dos outros torcedores. Há boas chances de serem muito envolvidos com o dia a dia do time. Isso é bom, mas também pode ser mal quando eles começam a pensar que podem mandar no time. Os torcedores brigões podem, ou não, serem fanáticos. Às vezes são marginais que usam o “amor pelo time” como desculpa para fazerem baderna e/ou cometer crimes.” (Leonardo).

“O torcedor ideal seria aquele que contribuísse de alguma forma para a existência do clube, sendo, primeiro, sócio com a mensalidade em dia, segundo, comprando os produtos oficiais do seu time e indo aos jogos em campo ou assinando pela TV os jogos, em canal fechado, na ocasião de não estarem sendo veiculados em TV aberta, os do seu time. Assim, ele estará contribuindo de maneira direta ou indireta para a reprodução do seu time. Já o fanático seria aquele que, além de contribuir com alguns (ou todos) dos itens acima citados, acompanha a “resenha”, discute no trabalho, nas ruas, nas redes sociais e tenta ter sempre razão na superioridade do seu clube em relação aos rivais, seja ela qual for – maior número de títulos, maior torcida, maior patrimônio, maior capital histórico, etc.” (Renato).

A partir das respostas do questionário sobre o tipo ideal do torcedor de futebol e reconhecendo a importância da mídia no cotidiano atualmente, até no processo histórico de construção social dos torcedores com a popularização do futebol, “não é mais possível referir-se ao esporte contemporâneo sem associá-lo aos meios de comunicação de massa” (BETTI, 2003, p. 33). O quadro abaixo representa o processo de tipologia dos torcedores de futebol, que será aplicado aos diversos tipos de abecedistas, onde se divide dois blocos: os torcedores que acompanham os jogos do seu time na íntegra e os que não acompanham, embora o universo futebolístico esteja presente em seu cotidiano. Dentre os torcedores que acompanham os jogos temos uma divisão: os torcedores que acompanham no estádio (*in loco*) e os torcedores de “poltrona”, que acompanham através do rádio,

da TV (em domicílio próprio e/ou no bar) e pela internet (tipo de torcedor que só será citado, pois não tivemos fôlego nesta pesquisa para realizar um estudo aprofundado sobre este tipo de torcedor). No caso dos abecedistas, na matriz estádio encontram-se os abecedistas: torcedor-símbolo, “comum”, da Torcida Organizada Garra, da Torcida Organizada Camisa 12 e da Torcida Organizada Movimento 90. Na matriz “poltrona” encontram-se os abecedistas: “torcedor ouvinte”, “teletorcedor caseiro” e “teletorcedor de barzinho”.

Explicando melhor o quadro que representa uma estrutura atual de tipos de torcedores de futebol, os quais são afetados pela midiática espetacularizada do futebol: os torcedores de futebol que acompanham com maior assiduidade as partidas de seu clube, hoje, pelas maiores opções de meios de transmissão das partidas, tendem a se caracterizar por uma maneira de torcer mais específica ao tipo de acompanhamento das partidas de seu clube, escolhidas segundo seu gosto ou comodidade. Portanto, identificamos os torcedores que acompanham de forma mais assídua pelo estádio (*in loco*) e pela esfera midiática, o que também indica que existam torcedores que migrem nessas duas matrizes, embora consideremos aqueles que tenham maior frequência numa dessas duas categorias-macro.

Dentro de cada matriz, percebemos tipos específicos de torcedores: na matriz do estádio encontramos os torcedores comuns, que são a maioria e se situam em todos os espaços do estádio (cadeiras, arquibancada, camarote, e alguns dentro das torcidas organizadas, embora não tenham vínculos), os torcedores-símbolo, que se destacam e são conhecidos por todos, e os torcedores das torcidas organizadas, que têm seu território demarcado dentro do estádio. Já na matriz midiática, encontramos os torcedores que acompanham pela TV, pelo rádio e pela internet. E, por fim, observamos uma categoria que não será abordada na presente pesquisa, que são os espectadores.

De certa forma, podemos considerar o espectador como um tipo de torcedor, porque ele tem fascinação pelo futebol e se relaciona com imagens simbólicas no seu cotidiano ou durante as partidas a que assiste, embora não possua um pertencimento clubístico ou nacional, no caso da seleção, nem os demais torcedores os considere enquanto torcedores de futebol. O motivo de não o utilizarmos nesta pesquisa é que observaremos os abecedistas, ou seja, indivíduos torcedores que são interdependentes da torcida do ABC, não cabendo a um tipo de categorização

que não se inclui neste contexto de pesquisa, embora tenhamos percebido em algumas partidas do ABC a presença de turistas que não têm relação com o clube, mas vivenciam a experiência de assistir uma partida de futebol no Brasil, seja por fazer parte de um roteiro turístico ou para conhecer o estádio feito para a Copa do Mundo 2014, o Arena das Dunas, ou para ter maior contato cultural com o potiguar.

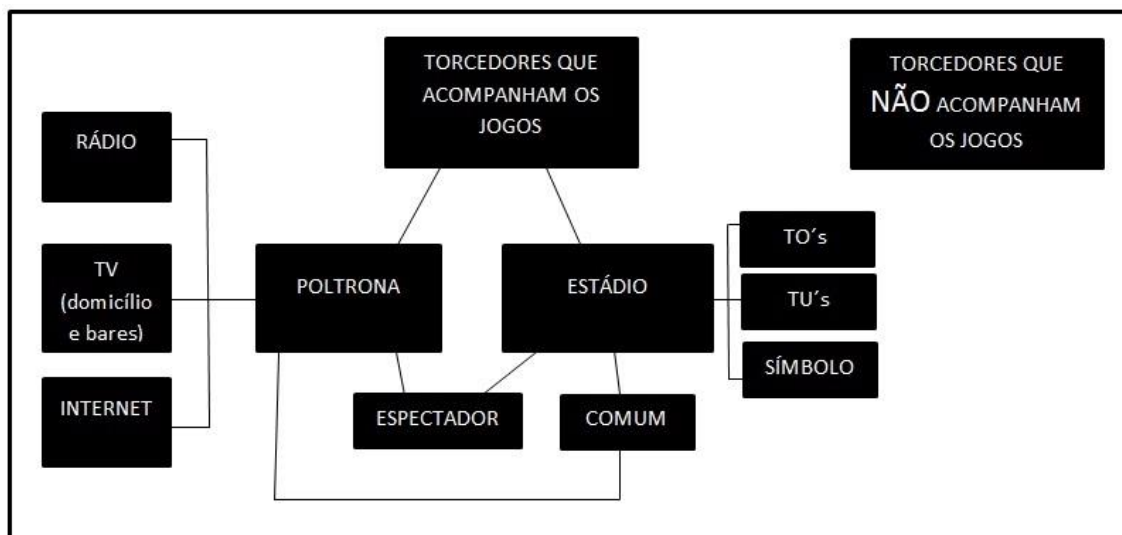


Figura 10. Organograma da tipologia dos torcedores na atualidade.

A partir do quadro de matrizes criado a partir de um tipo ideal de torcedor, observando a forma dos abecedistas de acompanhar os jogos do ABC e a importância da mídia neste processo, construímos uma tipologia dos abecedistas na atualidade:

### 5.3.1 Abecedistas torcedor-símbolo

Os torcedores-símbolo são aqueles reconhecidos como pessoas que se envolveram com o time de forma a se distinguirem. O termo “torcedor-símbolo” vem de períodos em que os times eram associados ao nome das pessoas que compunham as tradicionais charangas que acompanhavam seus clubes com as baterias e ritmos estonteantes. Toledo (1996) afirma que, nos anos de 1940, os torcedores-símbolo representavam toda a torcida do time e tinham o prestígio da imprensa. Neste sentido, na negociação simbólica da produção de significados, os torcedores-símbolo são indivíduos que possuem uma distinção por um “capital” simbólico, que é identificado e socializado pelos demais torcedores. Atualmente o torcedor-símbolo é aquele torcedor que tem estreita relação com o clube, é

conhecido pelos demais torcedores e tem na sua própria vida cotidiana a representação simbólica do seu clube do coração. No caso dos abecedistas, identificamos Deusinha, Bora Porra e Padre Murilo, indivíduos que são abecedistas e que têm fortemente cristalizadas as características essenciais da construção social do torcedor de futebol espetacularizado: a fascinação pelo ABC, pertencimento ao clube e a torcida, além de produzirem, reproduzirem e se apropriarem de diversas imagens simbólicas.

Deusinha<sup>47</sup>, 68 anos, funcionária pública municipal e nascida em Santana do Mato-RN, é uma abecedista desde a sua chegada a Natal, enquanto criança. Além de ser conhecida por todos os abecedistas, quando ela vai ao estádio alguns torcedores gritam seu nome por onde ela passa. Além de conselheira do clube e sócio-torcedora que não perde as partidas do ABC, Deusinha ainda compra ingresso para ajudar o ABC. “Eu nem como nem durmo quando o ABC vai jogar”, afirma a torcedora-símbolo. Ela ainda diz que tanto faz o ABC perder ou ganhar, pois considera ter uma paixão doentia, porém, boa, a ponto de querer mais bem ao ABC do que aos filhos e querer ser enterrada dentro do ABC quando morrer, pois não sabe como surgiu este amor, apenas o tem como eterno. De suas diversas histórias, Deusinha conta que: “Pra você ter uma ideia, meu pai morreu num dia de jogo do ABC. Me ligaram para avisar e eu disse que se precisasse enterrar, podia enterrar, porque eu só ia depois que o jogo acabasse... assisti o jogo, o ABC ganhou, peguei um táxi e fui para o interior.” (*Sic*).

Roberto Luís, o vulgo “Lili”, é abecedista desde o final dos anos 60, mais conhecido como “Bora Porra” desde a série C de 2007, quando o mesmo gritava “Bora Porra, descruza os braços!” para outros torcedores na arquibancada do Frasqueirão, numa tentativa de motivar o ABC. No mesmo ano, ele ficou reconhecido como torcedor-símbolo pela Torcida Paixão Alvinegra. “Bora Porra” já fez de tudo pelo ABC, como frequentar quase todos os jogos, pular alambrado para “puxar uma reza” junto à trave, comer grama, beijar os pés dos jogadores Odilon e Danilo Menezes, até mastigar vela por motivo de uma orientação espiritual.

Outro torcedor-símbolo é o Padre Murilo, da Paróquia Nossa Senhora de Fátima de Parnamirim/RN, quem os demais abecedistas o têm como uma figura emblemática, por representar a fé que tem o torcedor abecedista. O dia do

---

<sup>47</sup> Sobre Deusinha veja o vídeo: <http://www.eiplus.com.br/play/75398/ganhando-ou-perdendo-ela-ama-mais-o-seu-clube-que-os-seus-filhos/fanaticos-deusinha-do-abc-.html>

centenário do ABC é comemorado no dia 29 de junho, dia de São Pedro, e pelo fato de os parâmetros litúrgicos serem vermelhos (cor do principal rival, o América) o Padre Murilo celebra a missa de aniversário do ABC de branco com uma túnica preta e branca (além da camisa do ABC por baixo) feita por ele, especialmente, para a ocasião não só desta data, assim como de outras comemorações. Desde menino, Padre Murilo se considera abecedista, especialmente depois de ter sido levado por seu pai ao jogo ABC e Flamengo, em 1968, com Garrincha presente naquele time do Flamengo, o que resultou a partir dali na paixão pelo ABC que só cresceu. Ele marca as missas de acordo com os jogos do ABC, recomenda ao indivíduo que vem com a camisa do América para ir pedir a bênção a outro Padre, tem uma meia do ABC da sorte (apesar de ter cuidado por fazer alusão à superstição e não incentivar as pessoas a isso) desde o título de Campeão Brasileiro da Série C, em 2010, quando verificou que as vitórias do ABC coincidiam com os dias em que utilizava a meia do ABC.



Figura 11. Borra Porra<sup>48</sup>

<sup>48</sup> Fonte: <http://www.nominuto.com/noticias/esporte/estadual-borra-porra-um-torcedor-simbolo-do-abc/51591/>. Acessado em: 27/01/2015.



**Figura 12. Padre Murilo<sup>49</sup>**

### 5.3.2 Abecedistas comuns

Jhonatas Leandro, 22 anos, estudante, descreve uma das características dos abecedistas, na qualidade de um torcedor comum:

Algumas coisas são bem características de todos os torcedores, como ser “corneteiro”, apaixonado pelo time independente da divisão, presente nos jogos... mas uma característica marcante nos abecedistas é ter orgulho de suas origens, independente da classe social, ele se caracteriza como o “torcedor do povão”, ou seja, se orgulha de se misturar na hora do jogo e ser chamado de frasqueira. Eu ia muito a jogos do ABC com meu pai, mas o que me atraiu de verdade foram os ídolos que o ABC sempre teve dentro de campo e como eles se relacionavam com sua torcida, que gritava e reconhecia o valor deles sempre. Outro ponto, talvez o mais forte, é quando o estádio canta o hino do clube, eu sempre choro quando diz: “eu me orgulho ser da terra potiguar, quando vou para o gramado ver o ABC jogar”.

Ele é sócio torcedor e vai constantemente aos jogos, acompanha pelo rádio, pela TV, pelas redes sociais, vai aos treinos, protesta no clube quando o time não vai bem e apoia muito durante os jogos. O ABC faz parte da sua vida e da sua família. Dia de jogo do ABC, para ele, é compromisso importante, e só falta se não puder ir por motivos de força maior. Ele possui camisas, pôsteres, bandeira, quadros, copos, canetas e guarda as imagens de Wallyson duas vezes: na final do campeonato estadual de 2007 e quando ele fez o gol de acesso no mesmo ano. Ele se considera “muito apaixonado em todos os sentidos, mas também tenho consciência que os outros torcedores são seres humanos iguais a mim, assim sei reconhecer quando meu time não tá bem e que não posso fazer tudo pelo ABC, já

<sup>49</sup> Fonte: <http://www.eiplus.com.br/play/26246/fanatismo-a-flor-da-pele-/fanaticos-abc.html>. Acessado em: 27/01/2015.

que nem sempre os que estão na presidência do clube me respeitam como torcedor.” (Sic).

### 5.3.3 Abecedistas da torcida Garra Alvinegra

Verlânio Tobias da Silva, 27 anos, vice-presidente da Torcida Organizada Garra Alvinegra inicia sua fala explicando a relação da Garra com a antiga Torcida Organizada Gang Alvinegra:

A Gang Alvinegra surgiu na Rua Princesa Isabel, no centro da Cidade Alta, onde um grupo de vendedores ambulantes quem fez. A torcida Gang Alvinegra foi Rau. Rau é uma pessoa que quando começou a Gang Alvinegra era só um grupo de vinte pessoas, e a torcida começou a crescer, na medida de meses e anos. Quando chegou aos dez anos, a torcida Gang Alvinegra já era mais de mil pessoas. No ano de 2005 a Gang Alvinegra foi extinta, aí foi mudado pra a Torcida Garra Alvinegra, porque teve uma briga na Bernardo Vieira no ano de 2005, hoje em dia é conhecida como Garra Alvinegra, a gente temos mais de dois mil componentes... muito antes da torcida Gang Alvinegra já tinha a Garra Alvinegra... aí como a gente foi extinta, a gente foi lá no rapaz que fez a Garra, aí ele foi lá no cartório, registrou tudo e tudo deu certo!... A torcida organizada para mim é a segunda paixão do clube, primeiro o ABC e segundo é a torcida organizada... a torcida organizada é pra vim para o estádio pra incentivar o clube aos 90 minutos, cantar os 90 minutos, não pra fazer badernas, brigas na rua, é pra incentivar os 90 minutos mermo que perca de 5x0, mas sempre estar ali cantando aos 90 minutos. (Sic)

Os torcedores da Garra Alvinegra são um público de classe baixa, em que a maior concentração de torcedores é da Zona Norte. Eles fazem ações sociais de doação de sangue, alimentos, brinquedos, sempre buscando ajudar ao próximo e também fazem caravanas para os jogos do ABC, segundo Verlânio. O mesmo está na Garra desde o ano de 2004, quando começou a frequentar os jogos no ano de 2002, com seu tio, mas se considerava neste período apenas abecedista, ficando explícito que ser de torcida organizada é ser mais que um torcedor “comum”. O vice-presidente da torcida já pediu dinheiro emprestado a diversas pessoas para ir a uma final entre ABC e Ituiutaba, em Uberlândia/MG, passando seis dias em viagem. Ele acabou, inclusive, um namoro de dois anos e um mês, porque a namorada pediu que ele amasse mais a ela, e ele respondeu: “Você me conheceu indo pra jogo do ABC... Você pode me trair um dia, mas o ABC nunca irá me trair e sempre vai estar comigo me trazendo muita felicidade.” (Sic). Para o abecedista:

Hoje em dia o ABC me fascina muito, muito! Hoje em dia eu tenho

mais roupa do ABC do que própria roupa normal, porque eu respiro ABC 24 por 48 horas... porque pra mim eu me sinto feliz quando venho pro estádio, jogos, viagens, caravanas... que me sinto feliz. Pra mim o essencial é sempre acreditar no ABC, como no ano de 2004 e 2006 o ABC só jogava o estadual e fechava as porta, só era 4 meses de calendário... o ABC é superação, tudo é difícil para o ABC, mas nada é impossível. (Sic).



**Figura 13. Verlânio e a Torcida Garra Alvinegra.**

#### 5.3.4 Abecedistas da torcida Camisa 12

Artur Fernandes Queiroz, 25 anos, vice-presidente da Torcida Organizada Camisa 12 descreve o surgimento da Torcida Organizada Camisa 12:

A camisa 12 na verdade tem 33 anos, ela passou um bom período desativada porque começou outras torcidas organizadas, com violência nos estádios, meio que o pessoal se afastou, aí em 2010 a diretoria me chamou pra conversa... alguns torcedores antigos do ABC... eu tenho 25 anos, mas eu digo que sou antigo porque desde de pequeno eu sou torcedor do ABC, meu pai é conselheiro há mais de 20 anos, então eu tou aqui no ABC há mais de 20 anos... aí chamou alguns pessoal conhecido e quiseram fazer outra torcida. Mas a gente meio que botou a ideia de reativar essa torcida porque a gente sabia já do carisma que ela tinha antigamente, que a Camisa 12 atingiu um público que a gente se diz povão, que hoje em dia no Frasqueirão a gente se coloca no modulo 2, que é o povão mesmo, aquele pessoal humilde que ia no tempo na Frasqueira no Machado, que gostava de charanga, essas coisas. A gente reativou isso pra não ficar só naquele monopolismo de só a Garra, aquele negócio, alguns são violentos, outros não, mas a gente reativou mais por causa disso, para o povão interagir junto ao jogo... aos poucos fomos crescendo, crescendo, hoje em dia, dependendo do jogo, de 100 a 1000 pessoas, mas depende do jogo... meu fanatismo eu acho que deve ser muito grande, porque em dia de clássico geralmente minha semana para. Eu trabalho, faço faculdade, mas quando eu

chego em casa, geralmente é ajeitando as coisas da torcida mesmo, porque a gente se reúne dois dias, até mais quando tem papel picado... cortando quilos e mais quilos de papel picado, também conseguimos alguns rolos de papel higiênico e bobinas, essas coisas de festa de arquibancada mesmo. (Sic)

Os torcedores da Camisa 12 são heterogêneos, contam com indivíduos do interior (Ceará-mirim, João Câmara, etc.), e eles possuem a característica de terem dois torcedores que estão presentes em todos os jogos. Em linhas gerais, o abecedista torcedor da Camisa 12 é popular, com muitos estudantes, e formam amizades a partir da socialização da torcida. Em relação aos bairros, não existem torcedores específicos, encontram-se em toda Natal/RN. Artur se tornou abecedista da seguinte forma:

Eu me tornei mesmo por causa do meu pai, acho que não tinha como eu não ser, pai tem 52 anos e mais de 30 anos ele tá no ABC e mais de 20 anos ele é conselheiro, então eu frequento isso aqui mais de 20 anos, meu pai foi o primeiro torcedor a colocar caravana de viagem pra outros estados, então eu conheço o Nordeste todo e até alguns cantos do Brasil através disso, né. A gente tem várias amizades com torcedores de fora, de outros estados, mas por causa disso, de viajar constantemente, de ir ao jogo, de gostar de pregar paz, geralmente a gente faz isso não e de violência nada e acho que não tem como não ser abecedista por causa disso, foi mesmo por causa do meu pai mesmo e minha família, aliás, todos são abecedistas, às vezes aparece um ou outro que é americano, mas 90% da minha família é abecedista. (Sic)

Para o torcedor abecedista da camisa 12, o que predomina é um tipo de confraternização, mesmo que não sejam amigos inicialmente, mas com o tempo se tornam. Na semana de clássico, para Artur, “o torcedor que é torcedor, de organizada, aquele que realmente integra a torcida, a semana dele é uma continuação do final do dia, porque um jogo, como poucas pessoas sabem, o jogo começa antes, bem antes, às vezes uma semana antes.” (Sic). Para eles, o que importa é que a festa fique mais bonita que a dos outros, vencer dentro e fora de campo, sem violência e que todos lembrem a vitória da batalha simbólica.

Hoje eu tenho dois momentos, um de 99, o ABC campeão estadual que era um time, Sergio Alves, Robgol e Schumacher... Eu lembro de Schumacher porque a camisa de goleiro naquele ano quando o ABC ganhou ele me deu, quando acabou o jogo a gente foi pro vestiário e ele me deu aquela camisa que eu tenho até hoje e até hoje eu visto. E a segunda imagem que eu tenho é de 2007, do acesso que eu acho que a torcida em um só se uniu... eu acho que foi o único, no tempo que eu acompanho a torcida organizada... foi o único tempo que eu vi um estádio inteiro cantando um pai nosso, rezando um pai nosso, eu acho que isso é emblemático pro resto da vida de qualquer

um, né? E tem um terceiro, que é 2010, o título brasileiro, mas pra mim essas duas imagens são as mais impactantes mesmo, eu me lembro pro resto da minha vida. (Sic)



**Figura 14. Artur e a Torcida Camisa 12.**

#### *5.3.5 Abecedistas da torcida Movimento 90*

Rodrigo Mendonça de Oliveira, 22 anos, diretor de marketing da Torcida Organizada Movimento 90 diz:

O Movimento 90 ele foi fundado ano passado depois de um jogo aqui no Frasqueirão, se não me engano foi ABC e Joinville. Foi o primeiro jogo do segundo turno ano passado. O ABC fez o gol no último lance, eu acho. E, naquele dia, o Frasqueirão tava completamente lotado, ninguém ouvia nada, parecia um cemitério na verdade, aí acabou o jogo, aí foi eu mais três amigos. A gente foi indo pra casa conversando, pô! A gente podia fazer alguma coisa pra mudar, ninguém canta, ninguém faz festa... Aí passou, depois de dois dias a gente recebeu um Whatsapp. Entrou mais duas pessoas, aí ficaram cinco pessoas. Aí a gente fez a reunião lá no Midway pra decidir o que a gente ia fazer. A princípio a gente decidiu fazer o movimento pra ajudar as duas torcidas. A Gang e a Camisa 12, de primeira foi isso, só que aí foi chegando mais gente. A gente fez um grupo no Whatsapp e foi chegando mais gente, dez, quinze, a gente ficou no grupo de vinte pessoas.... aí a gente fez faixa só por fazer, e ficou com esse pensamento, vamos pro jogo, vamos com a Garra e com a Camisa 12, vamos ajudar os caras no que os caras precisar. Foi quando teve os lance dos mosaicos que a gente chegou juntos com os cara, foi nosso primeiro projeto assim, foi os mosaicos do ano passado. Aí a gente tinha aquela vontade de virar uma torcida, mas não uma torcida que nem todo mundo conhece... a gente queria virar uma barra, estilo Sul Americano, que o objetivo dos cara é não parar. O ABC pode tá ganhando de um a zero, ou perdendo de dez a zero, a gente vai tá cantando do mesmo jeito. Se tiver perdendo a gente vai cantar até mais. Michel era diretor da Camisa 12 no final do ano

passado, aí ele saiu da camisa 12 e ele tem muita influencia aqui no ABC... ele chegou com a gente e falou, rapaz vamos botar o projeto pra frente? Bora pra arquibancada? Bora criar? A gente trocou uma ideia e começamos a divulgar. Aí começamos a divulgar, de 20 foi pra 30, pra 40 e pra 50, e hoje temos 4 grupos no Whatsapp, todos com 100 pessoas. Nosso primeiro jogo foi lá em Ceará-Mirim, no 1º jogo do 1º turno esse ano, no estadual fora de casa. A gente fez uma caravana, deu umas 20 pessoas... não seria de estranhar mesmo, foi contra Palmeiras de Goianinha... e assim foi o ponta pé inicial pra gente, porque depois que a gente veio aí só encheu de elogios, a gente foi gostando, gostando, gostando, e foi se profissionalizando. Hoje posso dizer que deixou de ser um projeto, deixou de ser brincadeira e virou realidade. (Sic)

Os abecedistas da Torcida Organizada Movimento 90 se caracterizam como os loucos do módulo 3, pois para os mesmos não importa o que aconteça, independentemente de chuva e sol, do placar da partida, eles não param um só minuto. Eles atingem todas as classes e a faixa etária é a mais jovem, um público entre 16 e 25 anos, cuja juventude ajuda a manter o ritmo característico do torcer da Movimento 90, além de ter torcedores de todas as zonas de Natal (norte, sul, leste e oeste).

O que fascina na verdade só quem é torcedor de verdade entende. Porque você deixar sua família de lado, você sofrer preconceito até dentro de casa porque todo mundo que é da torcida organizada é marginal... e a gente sabe que não é isso, todo mundo aqui da movimento 90 trabalha, todo mundo estuda, isso aqui é um lazer nosso, a gente muitas vezes deixa algumas coisas de lado pra estar no ABC... no fim de semana vem logo cedo pra organizar nossos materiais, passa o dia todo no Frásqueirão... só sabe o que é isso é quem é torcedor de verdade. (Sic)



Figura 15. Rodrigo e a Torcida Movimento 90.

### 5.3.6 Abecedistas ouvintes

O senhor Eduardo, vulgo Seu Dudu, 70 anos, representa muito bem os torcedores abecedistas que acompanham as partidas do ABC, sejam com o mando de campo no Frasqueirão ou em outro estado brasileiro. Podemos observar que o intitulado abecedistas ouvintes tem como características o fascínio pela emoção do jogo narrado, o imediatismo do fato ocorrido, a aversão à dita violência no estádio de futebol e também a falta de acesso às partidas do ABC na televisão aberta e de transporte para o estádio, tendo em vista a escassez de transporte público no horário de algumas partidas, já que a maioria destes torcedores é de classe baixa ou de zonas rurais do interior do estado do Rio Grande do Norte.

Verificamos isso quando acompanhamos a partida entre ABC e Portuguesa, no estádio Dr. Oswaldo Teixeira Duarte, em São Paulo, pelo Campeonato Brasileiro da série B de 2014: *Chegando à casa do Seu Dudu às 19h, meia hora antes do início da referida partida, encontramos o torcedor abecedista (neste momento de pesquisa não tínhamos definido a categoria torcedor ouvinte) sentado numa cadeira de balanço, vestido com a camisa do ABC e o rádio (pequeno porte) próximo ao ouvido, como se estivesse fazendo uma ligação de celular, sozinho na área de visitas de sua casa. Ao perceber nossa chegada, Seu Dudu pediu para sua mulher nos receber, pois o mesmo estava ouvindo a resenha sobre o campeonato, sobre o time, e diversas informações... Sentamos-nos ao lado de Seu Dudu durante a partida, e observamos a maior parte do tempo, claro, além de torcer pelo ABC, pois o abecedista esboçava uma introspecção na audiência da partida, mesclado com momentos de angústia, alegria e desespero, tendo em vista que a partida terminou sem gols... O momento que tivemos de conversa foi durante o intervalo da partida, sem tanta atenção de Seu Dudu, apesar de sua hospitalidade em nos receber. E, ao término da partida, ressaltamos que durante toda a conversa, Seu Dudu desligou o rádio, intitulado por ele carinhosamente de “radinho do Mais Querido”, e ligou o som de sua casa, para ouvir a resenha da partida enquanto conversava conosco... Por fim, partimos uma hora após o término da partida porque estava escuro e a maior parte do caminho de volta era de barro.*

Só o rádio realiza de maneira ampla a cobertura antes e após as partidas, o que torna imprescindível a presença de parte das equipes esportivas nos estádios, *in loco*, observando a movimentação dos torcedores, a chegada ou a saída dos

times, os problemas e fatos variados que acontecem em torno da partida, que igualmente fazem parte do espetáculo.

### 5.3.7 Abecedistas teletorcedores: “caseiro” e “de barzinho”

Neste tópico descreveremos dois tipos de abecedistas que estão ligados a um objeto midiático de poder em nossa sociedade contemporânea: A televisão. Esta é o meio de transmissão para as partidas do ABC, principalmente em canal fechado porque as emissoras locais de TV geralmente transmitem as partidas dos ditos times de grande porte, que possuem mais torcedores e, conseqüentemente, mais telespectadores para o IBOPE televisivo, gerador de renda que é convertida para os clubes nos direitos de imagens pagos no início das temporadas esportivas. Embora os abecedistas teletorcedores estejam ligados à TV, existe uma diferenciação na maneira de torcer e de sociabilidade no espaço específico da casa e do bar. Ainda que pensemos que os torcedores abecedistas estejam sozinhos porque estão distanciados do espaço geográfico, eles não se sentem sozinhos devido ao ambiente em que estão dispostos e se sentem agregados ao coletivo, à torcida do ABC, conforme explana Araújo (2006) sobre o sentido do pertencimento no tele-espetáculo esportivo, concepção que utilizamos por analogia para a dimensão do rádio.

Nilvan Guedes, 48 anos, se considera um abecedista teletorcedor. Considera-se porque primeiramente torce pelo ABC e segundo porque admite ser um torcedor caseiro, gosta de assistir às partidas em casa, na sua poltrona confortável, com todo aparato da TV fechada, embora considere que “a mídia tem uma relação apenas capitalista com o futebol, considerando que ela mesma não está preocupada com a arte futebolística, mas com o lucro que advém deste esporte”, aproveitando-se do poder de fascínio que o futebol exerce sobre as pessoas, o que para o abecedista é incontestável. Nilvan admira o ABC há aproximadamente 40 anos, sendo orgulhoso de seus títulos e como a maioria dos abecedistas, floresceu seu sentimento de pertencimento ao ABC na ida ao estádio de futebol, no seu caso, o antigo Machadão. De certa forma, ele representa um grande grupo de abecedistas que preferem assistir às partidas do ABC pela TV, principalmente com o mando de campo fora de casa. Segundo Betti (2003), a televisão tornar os espectadores “autoridades” potenciais em assuntos esportivos, pois possibilita acompanhar eventos, personalidades e equipes em detalhes; ajuda a

disseminar estatísticas e indicadores de *performance* para um público enorme; produz a melhor visão do evento esportivo e permite o *replay*, que gera controvérsias artificiais.

Já os abecedista teletorcedores que acompanham as partidas no bar têm uma figuração interessante de ser observada, pois eles mesclam elementos do estádio pelo número de indivíduos com o aparato que a televisão proporciona em casa. Neste âmbito, podemos perceber elementos como as relações jocosas, abordadas por Edison Gastaldo (2010, p. 314):

As relações jocosas futebolísticas conectam-se intimamente ao que se denominou “homossociabilidade”, forma lúdica de interação entre participantes de um mesmo sexo, no caso, homens. A sociabilidade entre homens pode por vezes derivar para formas bastante agressivas de interação — que trafegam no estreito limite do que possa ser efetivamente chamado de “brincadeira”. Tais relações ocorrem em uma base de reciprocidade — quem “sacaneia”, “goza”, “toca flauta” ou “corneta”, hoje, aceita de modo tácito a possibilidade de ser a vítima de amanhã...

O bar de Vanilson, vulgo Cabeção, que tem o prazer de intitular seu bar de “Vem quem quer”, é mais um dos típicos estabelecimentos do interior do estado do Rio Grande do Norte, próximo à parte asfaltada, no centro do Cobé, distrito de Vera Cruz/RN, com estilo arquitetônico externo que lembra os antigos botecos, anexado a sua casa, e tem no quintal uma área coberta onde assistem às partidas, principalmente em canal fechado, porque a maioria dos torcedores de futebol do lugar é de classe popular.

Trata-se, no entanto, de um bar com características peculiares e consiste num estabelecimento popular. Fato constatável pelos elementos visíveis presentes, mobília, sem cardápios, o preço, sem a presença de garçom, onde os clientes em sua maioria se servem, sem cuidados na estética. Na partida entre ABC e Vasco, pelas quartas-de-finail da Copa do Brasil de 2014, embora a maioria dos torcedores presentes fosse de abecedistas, aos poucos se observava outros torcedores além dos vascaínos e americanos. O convívio dentro do bar antes da partida era de um estabelecimento qualquer, mesas repletas de torcedores, bebidas sendo servidas, alegria e expectativa externadas de modo mais explícito pelos abecedistas. Mas à medida que o jogo passava, ficava evidente que alguns torciam e outros, no máximo, apenas assistiam.



**Figura 16. Fachada do Bar do Vanilson.**



**Figura 17. Parte interna do Bar do Vanilson.**

A TV é telepresença, o objeto é apresentado (e não mais representado) em tempo real - daí o sensacionalismo da "transmissão ao vivo". O esporte molda-se perfeitamente à forma desta nova linguagem das imagens; tudo é instantaneidade, ação e velocidade... A televisão seleciona imagens esportivas, e as interpreta para nós, propõe um certo "modelo" do que é "esporte" e "ser esportista". Mas, sobretudo, fornece ao telespectador a ilusão de estar em contato perceptivo direto com a realidade, "como se estivesse olhando através de uma janela de vidro". (BETTI, 2003, p. 37).

Sobre os torcedores que acompanham os jogos do seu time na íntegra e os que não acompanham, ainda que o universo futebolístico esteja presente em seu cotidiano, temos o depoimento de Isis Maria, 50 anos, mestre em economia:

A questão de hoje é que eu não sou a abecedista que eu era antigamente, embora eu ame o ABC. Mas eu reconheço que eu não sou nem eu pratico mais do jeito que eu era antes, porque assim, eu já fui de torcida organizada, eu fazia parte da camisa 12. Então era daquelas que, mesmo sem condições, arranjava aqueles papéis picados e saía e distribuía, assim... que o povo ficava me olhando, né? Uma mulher, assim, tá entendendo? No campo de futebol daquela época, tipo, coisa, vamos dizer assim, de 30 anos já era um absurdo. Ainda mais sair lá no meio do povo distribuindo aqueles papéis, eu juntava aqueles papéis picados pra ir distribuir... com umas, sabe, fazia uma cotinha. Saía nas cidades pedindo dinheiro pra comprar aquele pó que soltava assim, aquele pó químico que era branco e preto. Aí saía nos hotéis, onde sabia que tinha um abecedista, a gente ia lá e pedia, justificava que vai ter um jogo, não sei o que, fazia uma mundiça danada naquela época... hoje, assim, quando começou a violência lá nos estádios em São Paulo, aí também eu casei, meus filhos muito pequenos, eu comecei a ficar com medo de ir pra os estádios... faz muito tempo que não vou a um estádio. É uma coisa bem antagônica, né, porque você parte de uma camisa 12, assim, de uma torcida organizada, assim, pra você simplesmente deixar de ir. Mas assim, eu continuo amando o ABC. (Sic)

Isis Maria, além de gostar muito de esportes e, principalmente, de futebol e de automobilismo, conta sua história de se tornar abecedista como uma narrativa engraçada, porque em sua casa o pai, a mãe e dois irmãos torciam para o América e ela e o irmão torceram para o ABC. O marido é abecedista e os filhos foram nascendo e eles foram se tornando abecedistas também. “Todo aniversário que tem na família, na família, minha e o do meu marido, todo aniversário que tem que a gente canta os parabéns pra você, aí canta: parabéns pra você, ABC! nessa data querida, ABC! Aí depois canta o hino do ABC todinho. Então tem pertencimento ainda.” (Sic).

Pra você ser um abecedista ... eu acho que você tem, antes que mais nada, você tem que se identificar com o clube. Se identificar com o ABC. Não é com o técnico, não é com o dirigente, é com o clube em si, a instituição, entendeu? Nós estamos fazendo 100 anos, se não me engano, este ano. É uma instituição fantástica, 100 anos não é pra todo mundo. Então assim, você acreditar naquilo ali, o dirigente vai passar, o técnico vai passar, mas o time fica. É isso que eu acho que pra ser um bom torcedor, deve acreditar na instituição. É uma coisa de amor, que vem de dentro, não adianta você dizer que vai me dar 100 mil reais, pra você ser americana, mas eu não vou ser. Eu não ganho nada para ser abecedista, mas o amor pelo ABC não tem preço. São anos de glórias, vitórias e derrotas, uma

relação é construída aí. Eu me lembro como se fosse hoje, um jogo ABC e américa, na época silva e marinho, a dupla dinâmica. Tava nos 40 minutos e eu fui embora, o ABC tava perdendo de 1 a 0, ai eu fui pegar o ônibus pra ir pra casa, quando tava passando na roleta ouviu o gol do ABC. Eu desci do ônibus e voltei correndo pro Machadão. (Sic)

A torcedora abecedista assiste à partida tanto televisionada quanto pelo rádio, embora mais esporadicamente. “O ABC vem da raiz... eu não frequento ao estádio, mas continuo torcendo... o padre da minha paróquia é americano. Aí eu brinco, que transfiro o meu dizimo lá pra outra paróquia, lá pra padre Murilo,”. (Sic). Para Isis Maria o futebol está presente em nosso cotidiano e é como metáfora da vida, aprendemos com o futebol: “particularmente no dia a dia, a vida é assim, uma relação com respeito, com compreensão, não adianta você cobrar, cobrar e cobrar, pra quê tudo isso? Trazer pra nossa vida, eu creio que é a mesma coisa”.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A que resultados chegamos depois de leituras e pesquisas de campos a fim de encontrar respostas para a problematização inicial? Primeiramente, vale ressaltar que confirmamos a hipótese de que o universo simbólico do futebol supera largamente os fatos sociais ocorridos nos estádios, porque o futebol transcende a partida em si tornando-se uma prática em diversos aspectos da vida cotidiana dos torcedores de futebol, neste caso, os abecedistas. Estes últimos, em cada tipo descrito na pesquisa, mantêm vínculos singulares com o universo futebolístico em seu cotidiano, embora constituam uma relação de interdependência com a torcida do ABC. Sendo assim, o futebol espetacularizado, na dimensão de esporte moderno a partir de uma secularização e racionalização, permite aos torcedores de futebol uma dimensão no sentido de jogo como elemento cultural de natureza simbólica, em que o modo de ação dos indivíduos em práticas cotidianas se reveste de fundamental importância para as relações sociais.

A vida cotidiana implica num contínuo movimento através de fronteiras e limiares e fornecem a ocasião para diferentes tipos de ação social, ou para uma ação social particularmente intensa, como foi visto nos diversos tipos de abecedistas. A brincadeira é um espaço em que os significados são construídos pela participação dentro de um lugar partilhado e estruturado, ritualmente demarcado como diferente da ordinariedade da vida cotidiana, em que os jogadores podem abandonar sem perigo a vida real e se envolver numa atividade que é significativa em seu excesso governado por regras. Roger Silverstone (2011) releva a importância da mídia na cultura e na sociedade contemporâneas em sua presença constante, da qual já não podemos escapar. Ao apresentar argumentos que colocam a mídia no cerne das experiências diárias dos seres humanos em sociedade, essas reflexões possibilitam uma leitura das práticas socioculturais.

Os torcedores de futebol se envolvem com a mídia como seres sociais de diferentes maneiras e lugares. As estruturas de dentro das quais eles veem e ouvem, definem-se, em parte, por onde estão no mundo, ou seja, em que lugares sociais se encontram. Os espaços do engajamento com a mídia, os espaços da experiência da mídia, são tanto reais como simbólicos, como percebemos no surgimento dos torcedores de futebol na modernidade e uma análise cronológica até suas novas significações com a presença do rádio, da TV e, possivelmente, numa

perspectiva da internet. As rotinas que marcam as realidades do movimento e da estase em nossas vidas diárias. Sentados em frente da tela ou ao lado do rádio.

A seguir quero, portanto, explorar essas questões fixando-me nas três entrelaçadas dimensões, ou níveis mesmo de ação e mediação: lar, comunidade, globo. Cada uma oferece uma oportunidade não só para considerar as características objetivas da vida e da comunicação no espaço social e midiático: para investigar a política e a cultura da casa, da vizinhança ou do sistema global. Mas oferece também uma oportunidade de explorar cada uma como um imaginário: como um lugar cujo significado e cuja importância são construídos como parte da cultura nos sonhos e narrativas da mídia e da vida cotidiana. (SILVERSTONE, 2011, p.134).

Quando realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre a história do surgimento e constituição dos torcedores de futebol (escassa no contexto local do Rio Grande do Norte, mais especificamente os abecedistas, e não só dos torcedores, mas também do futebol como um todo), observamos uma evolução linear e cronológica, em que, de início, o surgimento do futebol estava atrelado à prática esportiva (educação e saúde do corpo) e um possível surgimento de espectadores da elite que, ao futebol iniciar sua popularização, influenciada primeiramente pelos manuais e pela imprensa esportiva, foram esboçados os primeiros torcedores que se envolviam com um dos clubes que se enfrentavam, optando por “torcer” por um dos competidores, a ponto de criar vínculos. Com a construção de estádios que abrigavam os torcedores de classes populares e a consolidação da acessibilidade do rádio (surgimento do rádio portátil e de valor razoável) a quase todas as classes sociais, o futebol já era um espetáculo, em que os dirigentes e jornalistas influenciavam na produção das primeiras torcidas uniformizadas (constituindo um universo simbólico futebolístico, com escudos, bandeiras, hinos, torcidas, etc.) e iniciava seu processo de manifestação midiática e crescimento de popularidade em grande escala. Este processo foi identificado com o advento da televisão e concomitantemente ao surgimento das torcidas organizadas, os torcedores tinham uma relativa autonomia em relação ao seu clube. Com a popularização da TV, as transmissões ao vivo (via satélite) e a forte presença da indústria publicitária, o futebol tornou-se globalizado, assumindo de vez o status de fenômeno social de importância significativa na atual sociedade contemporânea, por ser o esporte mais popular do mundo, chegando a fazer com que quase metade da população do planeta (3,2 bilhões de telespectadores) assistisse à final da Copa do

Mundo da África do Sul, em 2010<sup>50</sup>. Em linhas gerais, observamos que, em cada contexto histórico, a presença da mídia foi de suma importância para a espetacularização e popularização do futebol, afetando diretamente os torcedores de futebol e suas maneiras de torcer, embora não tenhamos levado em conta a análise dos torcedores na internet, fiando uma perspectiva futura de estudo emergente. O esclarecimento do papel da mídia na vida cotidiana é possibilitado justamente pela percepção de que o mundo em que vivemos, que em parte construímos e que se baseia na experiência e em nossa tentativa de representá-la ou distorcê-la, já é mediado. Nessa visão, a ação em si é um tipo de mediação.

Com esse breve estudo e com uma análise empírica dos abecedistas, concluímos que existem três características elementares no processo de construção social dos torcedores: a fascinação, o pertencimento e as imagens simbólicas. Estas características estão interligadas e presentes na construção social dos torcedores abecedistas, pois elas se complementam independentemente do grau de evidência. A partir de Araújo (2006), sobre o sentido do pertencimento, descobrimos na investigação que os abecedistas “teletorcedores” e “ouvintes” vivem uma experiência prazerosa de pertencer ao conteúdo transmitido de maneira compartilhada e experimentada em comum, como fundamento que liga essencialmente os próprios torcedores. Por isso, ao construirmos a tipologia dos diversos tipos de abecedistas na atualidade a partir de uma matriz midiática e uma matriz do estádio, consideramos como resultado que há uma necessidade lúdica cotidiana do torcer no futebol, desde o possível surgimento histórico-social dos torcedores de futebol e seu desenvolvimento e que a mídia significa dinamicamente a singularidade dos torcedores e suas maneiras de torcer, podendo constituir futuramente uma nova tipologia dos torcedores de futebol no ciberespaço (incluindo os abecedistas, principalmente ao que concerne a presença da internet e redes sociais), podendo a vir se tornar mais um tipo de torcedor ou uma nova matriz que afetará as demais ou caminhará para uma construção social diferenciada?

---

<sup>50</sup> Fonte: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2011/07/copa-da-afrika-do-sul-foi-vista-por-32-bilhoes-de-telespectadores.html>. Acessado em: 11/09/2014.

## REFERENCIAS

**ANTUNES**, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *“Com brasileiro, não há quem possa!”: Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: UNESP, 2004.

**ARAÚJO**, Flávio. *O rádio, o futebol e a vida*. São Paulo: SENAC, 2001.

**ARAÚJO**, Allyson Carvalho de. *Um olhar estático sobre o telespetáculo esportivo: contribuições para o ensino do esporte na escola*. Natal/RN: UFRN, 2006.

**AZAMBUJA**, Celso Cândido de. *O Futebol como metáfora da vida: Reflexões sobre filosofia e futebol*. In: *Filosofia e Futebol: troca de passes*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

**BETTI**, Mauro. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papirus, 2003.

**BOURDIEU**, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. *Campo de poder, campo intelectual*. Buenos Aires: Montessor, 2002.

**CAILLOIS**, Roger. *Os jogos e os homens. A máscara e a vertigem*. Lisboa: Cotovia, 2001.

**CAMPOS**, Priscila Augusta Ferreira. *Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão*. Belo Horizonte/MG: UFMG, 2010.

**CARDOSO**, R. C. L. (org.). *A Aventura Antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

**CASSIRER**, Ernst. *Ensaio Sobre o Homem. Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

**CERTEAU**, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

**CÉSAR**, Iram Hermenegildo. *A violência no Futebol: facções de torcidas organizadas no Estádio Machadão em Natal/RN*. Monografia em Ciências Sociais. Natal, 2006. 49f.

**CÉSAR**, Iram Hermenegildo; **CORREIA SOBRINHO**, José. *Torcidas organizadas de futebol: metamorfoses de um fenômeno de massa*. Revista eletrônica Inter-legere. Nº.03, jul/dez-2008.

**DAMO**, Arlei Sander. *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores*. Dissertação de mestrado, UFRGS, 1998.

\_\_\_\_\_. *Do dom à Profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rithschild Ed., Anpocs, 2007.

**DUNNING**, Eric. *El fenómeno deportivo: estudios sociológicos en torno al deporte, la violencia y la civilización*. Barcelona: Paidotribo, 2003.

**ELIAS**, Norbert. *Processo Civilizador. Uma História dos Costumes. Vol.I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

**FOER**, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

**FRANCO JÚNIOR**, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

**GASTALDO**, Édison. *Uma arquibancada eletrônica: Reflexões sobre futebol, mídia e sociabilidade no Brasil*. Unisinos, 2005a.

\_\_\_\_\_. *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: uma experiência etnográfica*. Cadernos IHU Idéias (UNISINOS), São Leopoldo, ano 3, n.43, p. 1-13, 2005b.

\_\_\_\_\_. *Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas*. Esporte e Sociedade, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1-16, 2006a.

\_\_\_\_\_. *A recepção coletiva de futebol midiático: apontamentos etnográficos*. In: Nilda Jacks; Maria Carmem Jacob de Souza. (Org.). *Mídia e Recepção: televisão, cinema e publicidade*. 1ed. Salvador: EDUFBA, 2006b, v. 1, p. 122-137.

\_\_\_\_\_. *Estudos Sociais do Esporte: vicissitudes e possibilidades de um campo em formação*. Logos (UERJ. Impresso), v. 17, p. 7-15, 2010a.

\_\_\_\_\_. *As Relações Jocosas Futebolísticas: futebol, sociabilidade e conflito no Brasil*. Mana (UFRJ. Impresso), v. 16, p. 311-325, 2010b.

\_\_\_\_\_. *Huizinga e o Futebol*. In: *Filosofia e Futebol: troca de passes*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

**GONÇALVES**, Michelli Cristina de Andrade; **CAMARGO**, Vera Cristina Toledo. *A memória da imprensa esportiva no Brasil: A história (re) contada através da literatura*. In: V Encontro de Núcleos de Pesquisa da Intercom. Comunicação e esporte, 2005.

**GUERRA**, Márcio. *Rádio x Televisão: o jogo da narração. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor*. Intercom: Rio de Janeiro, 2006.

**GUMBRECHT**, Hans Ulrich. *Elogio da beleza atlética*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Perdido na intensidade da concentração: espectadores esportivos e estratégias de reencantamento*. Revista digital: Esporte e Sociedade, 2009.

**GUTERMAN**, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão*

*popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.

**HELAL**, Ronaldo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

\_\_\_\_\_. *O que é sociologia do esporte?*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

**HORNBY**, Nick. *Febre de Bola*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

**HUIZINGA**, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

**JOHNSON**, Allan G. *Dicionário de Sociologia: Guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

**MAGAZINE**, Roger. *Azul y oro como mi corazón: Masculinidad, juventude y poder en una porra de los Pumas de la UNAM*. México: Afinita Editorial, 2008.

**MARCONDES FILHO**, Ciro (org.). *Dicionário da Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2014.

**MARQUES**, Giovanna Lopes. *Quem nasce em Campina Grande é Campinense: futebol e sociabilidade na “rainha da Borborema” (1954-1965)*. Natal/RN: UFRN, 2011.

**MILLS**, C. Wright. *Do artesanato intelectual*. In: *A Imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

**MURRAY**, Bill. *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000.

**PRADO**, Decio de Almeida. *Seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

**SEBENELO**, Sonia Martins. *Futebol e Subjetividade*. In: *Filosofia e Futebol: troca de passes*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

**SILVERSTONE**, Roger. *Por que estudar a Mídia?*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

**SOARES**, E. *A Bola no Ar: o rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus, 1994.

**SOUZA NETO**, Georgino Jorge de. *A invenção do torcedor em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)*. Belo Horizonte/MG: UFMG, 2010.

**TOLEDO**, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/ANPOCS, 1996.

\_\_\_\_\_. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2002.

**VELHO**, Gilberto. *Observando o familiar*. In: NUNES, E. (Org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

**WACQUANT**, Loïc. *Corpo e alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

**WHYTE**, William Foote. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

**WISNIK**, José Miguel. *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

## ANEXO A – TABELAS E GRÁFICOS

**Posição entre os esportes mais disseminados**  
(Qual em sua opinião é o esporte mais disseminado no Brasil? Classifique.)

	Futebol	Vôlei	Automobilismo	Natação	Basquete	Artes marciais	Atletismo	Tênis	Outros
1ª	99%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
2ª	1%	65%	11%	4%	4%	8%	6%	1%	0%
3ª	1%	22%	20%	15%	16%	13%	10%	2%	1%
4ª	1%	7%	12%	23%	18%	14%	16%	7%	1%
5ª	1%	3%	8%	21%	14%	15%	14%	13%	10%

©2011 Deloitte Touche Tohmatsu. Todos os direitos reservados.

Tabela 1

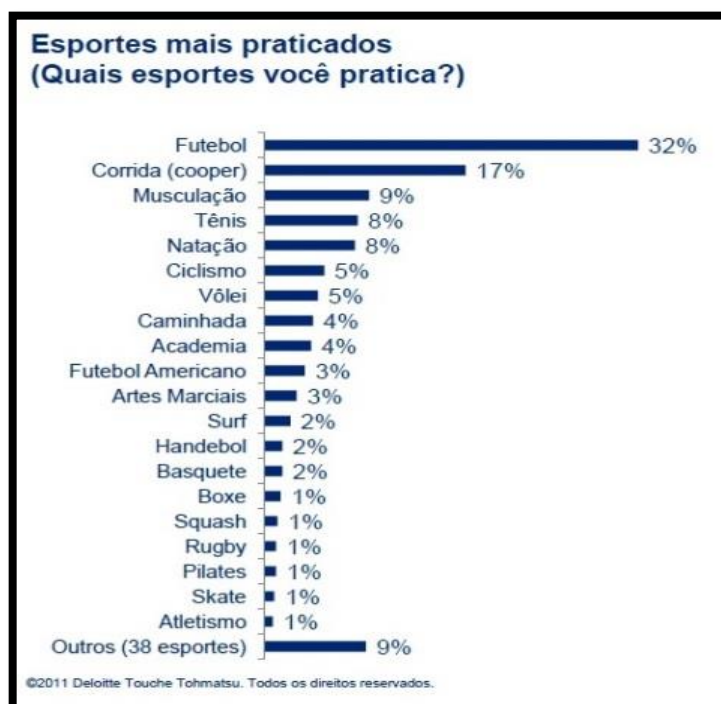


Gráfico 1



**Gráfico 2**

Esportes favoritos (Quais são seus esportes favoritos?)		
1	Futebol	78%
2	Vôlei	46%
3	Natação	24%
4	Tênis	19%
5	Basquete	16%
6	Automobilismo	15%
7	Corrida (cooper)	14%
8	Artes Marciais	12%
9	Handebol	7%
10	Futebol Americano	7%
11	Ciclismo	6%
12	Ginástica Artística	4%
13	Musculação	4%
14	Atletismo	3%
15	Surf	3%
16	Rugby	3%
17	Boxe	2%
18	Dança	2%
19	Tênis de mesa	2%
20	Skate	2%

©2011 Deloitte Touche Tohmatsu. Todos os direitos reservados.

**Tabela 2**



**TIME DE FUTEBOL DA POPULAÇÃO DE NATAL (ESPONTÂNEA)  
(NATAL – GERAL)**

Respostas	N A / F *	%
Flamengo	244	23,2
ABC	175	16,6
América	99	9,4
Vasco	71	6,7
Corinthians	59	5,6
São Paulo	47	4,5
Palmeiras	29	2,8
Botafogo	16	1,5
Santos	16	1,5
Fluminense	12	1,1
Alecrim	9	0,9
Sport Recife	5	0,5
Brasil	3	0,3
Grêmio	3	0,3
Internacional de Porto Alegre	2	0,2
Atlético Mineiro	1	0,1
Barcelona	1	0,1
Cruzeiro	1	0,1
IBIS	1	0,1
Náutico	1	0,1
Paisandú	1	0,1
Portugal	1	0,1
Santa Cruz (Recife)	1	0,1
Nenhum	86	8,2
Não sabe / Não respondeu	169	16,0
<b>Total</b>	<b>1.053</b>	<b>100,0</b>

\* N A / F: Número Absoluto / Freqüência. Fonte: Campo, abril de 2012

**Tabela 3**

**TIME DE FUTEBOL DA POPULAÇÃO DE NATAL (ESPONTÂNEA) X SEXO  
(NATAL – GERAL)**

Respostas	SEXO		Total
	Masculino	Feminino	
Flamengo	128	116	244
%	24,7%	21,6%	23,2
ABC	95	80	175
%	18,3%	14,9%	16,6
América	52	47	99
%	10%	8,7%	9,4
Vasco	41	30	71
%	7,9%	5,6%	6,7
Corinthians	29	30	59
%	5,5%	5,6%	5,6
São Paulo	30	17	47
%	5,7%	3,1%	4,5
Palmeiras	14	15	29
%	2,7%	2,8%	2,8
Botafogo	10	6	16
%	1,9%	1,1%	1,5
Santos	9	7	16
%	1,7%	1,3%	1,5
Fluminense	8	4	12
%	1,5%	0,7%	1,1
<b>Total</b>	<b>518</b>	<b>535</b>	<b>1.053</b>

Fonte: Campo, abril de 2012



**Tabela 4**

**TIME DE FUTEBOL DA POPULAÇÃO DE NATAL (ESPONTÂNEA)  
X FAIXA ETÁRIA (NATAL – GERAL)**

Respostas	FAIXA ETÁRIA					Total
	15 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 44 anos	45 a 59 anos	60 anos e mais	
Flamengo	71	67	45	46	15	244
%	32,4%	27%	18%	18,7%	16,4%	23,2
ABC	30	30	44	50	21	175
%	13,6%	12%	17,6%	20,4%	23%	16,6
América	21	25	17	24	12	99
%	9,5%	10%	6,8%	9,7%	13,1%	9,4
Vasco	11	16	22	19	3	71
%	5%	6,4%	8,8%	7,7%	3,2%	6,7
Corinthians	15	21	10	11	2	59
%	6,8%	8,4%	4%	4,4%	2,1%	5,6
São Paulo	14	13	12	6	2	47
%	6,3%	5,2%	4,8%	2,4%	2,1%	4,5
Palmeiras	8	10	4	5	2	29
%	3,6%	4%	1,6%	2%	2,1%	2,8
Botafogo	4	1	8	2	1	16
%	1,8%	0,4%	3,2%	0,8%	1%	1,5
Santos	7	2	4	3	0	16
%	3,1%	0,8%	1,6%	1,2%	0%	1,5
Fluminense	1	5	1	3	2	12
%	0,4%	2%	0,4%	1,2%	2,1%	1,1
<b>Total</b>	<b>219</b>	<b>248</b>	<b>250</b>	<b>245</b>	<b>91</b>	<b>1.053</b>

Fonte: Campo, abril de 2012

**Tabela 5**

Instrução 	Analf/ Pri I (%)	Pri C/ 2GI (%)	1GC/ 2GI (%)	2GC/ SUPI (%)	SUPC (%)	Global (%)
Time de futebol que você torce 						
Flamengo	15,7	24,7	35,5	26,2	16,2	25,6
Vasco	7,2	12,2	9,7	9,5	13,8	9,7
Corinthians	6,3	7,2	10,4	10,1	9,9	8,8
ABC	11,2	8,4	6,1	6,2	17,4	8,0
América de Natal	5,9	5,5	4,5	6,1	10,1	5,7
São Paulo	3,9	1,9	3,1	8,5	4,9	4,9
Fluminense	1,7	3,3	0,7	1,5	5,0	1,8
Botafogo	1,8	1,9	2,1	1,1	4,0	1,8
Palmeiras	1,8	2,8	1,4	1,6	---	1,8
Santos	2,0	1,9	0,9	1,5	---	1,5
Grêmio	---	---	---	0,4	---	0,1
Outros	1,8	---	---	0,5	---	0,6
Nenhum/ Não Sabe/ Não Respondeu	40,7	30,2	25,6	26,8	18,7	29,7
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

**Tabela 6**



Renda Familiar 	Até 1,0 SM (%)	De 1,01 a 2,0 SM (%)	Mais de 2 SM (%)	Global (%)
Time de futebol que você torce 				
Flamengo	21,9	30,9	22,8	25,6
Vasco	7,1	9,2	14,0	9,7
Corinthians	7,2	10,8	8,5	8,8
ABC	8,6	8,1	6,8	8,0
América de Natal	6,0	4,7	7,1	5,7
São Paulo	3,2	4,5	6,9	4,9
Fluminense	2,3	1,7	1,4	1,8
Botafogo	1,1	1,0	4,0	1,8
Palmeiras	3,0	1,0	1,4	1,8
Santos	2,2	1,0	1,3	1,5
Grêmio	---	---	0,5	0,1
Outros	0,6	0,4	0,7	0,6
Nenhum/ Não Sabe/ Não Respondeu	36,8	26,7	24,6	29,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Tabela 7



Sexo/ Idade 	Masculino (%)	Feminino (%)	16/24 (%)	25/34 (%)	35/44 (%)	45/59 (%)	60 ou mais (%)	Global (%)
Time de futebol que você torce 								
Flamengo	26,2	25,1	42,7	26,7	26,6	19,4	12,9	25,6
Vasco	13,8	5,9	16,1	8,4	10,6	6,9	7,7	9,7
Corinthians	8,4	9,2	14,1	11,3	6,0	8,0	3,8	8,8
ABC	11,6	4,7	1,5	4,2	8,1	12,8	14,2	8,0
América de Natal	7,4	4,2	1,8	5,7	5,6	8,2	6,5	5,7
São Paulo	6,8	3,2	8,0	6,2	4,8	4,6	---	4,9
Fluminense	2,0	1,6	---	2,9	0,7	3,4	1,3	1,8
Botafogo	2,2	1,3	---	1,4	1,6	2,1	3,9	1,8
Palmeiras	2,2	1,3	---	2,1	3,3	0,8	2,6	1,8
Santos	1,6	1,4	---	1,4	0,9	1,4	3,9	1,5
Grêmio	0,3	---	0,7	---	---	---	---	0,1
Outros	1,2	---	---	0,7	0,9	---	1,3	0,6
Nenhum/ Não Sabe/ Não Respondeu	16,5	42,1	15,1	29,0	30,9	32,4	41,9	29,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Tabela 8

## ANEXO B - IMAGENS DO ABC



Bandeira Oficial do ABC. Fonte: [www.abcfc.com.br](http://www.abcfc.com.br).



Mascote Oficial do ABC. Fonte: [www.abcfc.com.br](http://www.abcfc.com.br).



Estádio Frasqueirão. Fonte: <http://terradoxelita.com/2014/10/02/abc-quer-jogo-no-frasqueirao/>.

## ANEXO C – MATÉRIAS NA INTERNET SOBRE ABECEDISTAS



Fonte: <http://globoesporte.globo.com/rn/noticia/2014/09/fanatico-coloca-nome-do-filho-de-abclino-nao-podia-abc.html>.



Fonte: <http://globoesporte.globo.com/rn/noticia/2014/09/torcedor-tatua-costas-com-escudo-gigante-e-hino-completo-do-abc.html>.



Fonte: <http://www.nominuto.com/noticias/esporte/estadual-bora-porra-um-torcedor-simbolo-do-abc/51591/>.

# APÊNDICE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

## FASES DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE



### 1) ANTES DE IR A CAMPO, ANÁLISE DE:

1.1 LOCAL DE JOGO (ESTÁDIO, TV OU RÁDIO);

1.2 CAMPEONATO;

1.3 PARTIDA;

1.4 DIA DA SEMANA;

1.5 HORÁRIO DA PARTIDA;

1.6 DIVULGAÇÃO MIDIÁTICA.

### 2) IDA AO CAMPO, ESCOLHA DE:

2.1 TIPO DE TORCEDOR;

2.2 CARACTERÍSTICAS SOCIAIS DO GRUPO;

2.3 DESCREVER MANEIRA DE TORCER;

### 3) TRABALHO DE CAMPO:

3.1 ANOTAÇÕES EM CADERNO;

3.2 GRAVAÇÕES DE REFLEXÃO SOBRE AFETAÇÃO DA PESQUISA;

3.3 FOTOGRAFAR TORCEDOR (“EFEITO LUPA”) E TORCIDA (“EFEITO TELESCÓPIO”);

3.4. FILMAR FORMAS DE TORCER;

## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO



**TÍTULO DA DISSERTAÇÃO:** Futebol espetacularizado e cotidiano: a construção social dos torcedores do ABC F.C. de Natal/RN na atualidade

**Sou Thiago Melo e estou realizando uma pesquisa que faz parte de um projeto de mestrado em Ciências Sociais/UFRN/PPGCS. Esta pesquisa visa entender como se constrói socialmente os torcedores de futebol.**

Gostaria de dizer que se trata de um questionário de suma importância para clarear algumas das minhas indagações e incertezas da pesquisa, tendo em vista seu gosto pelo futebol e seriedade nas respostas, principalmente por seu vasto conhecimento do universo futebolístico que você está inserido simbolicamente. **Escreva as respostas em vermelho (e fique a vontade em relação às laudas).**

### PARTE 1 – DADOS PESSOAIS

- Nome completo:
  - Idade:
  - Estado civil:
  - Gênero:
  - Escolaridade:
  - Endereço:
  - Profissão:
  - Classe econômica:
- 

### PARTE 2 – RELAÇÃO COM O FUTEBOL

- Gosta de futebol?
  - Pratica futebol?
  - O que é um torcedor de futebol para você?
  - O que o torna torcedor?
  - Cite algumas características que você considera importante para sua construção enquanto torcedor:
- 

### PARTE 3 – RELAÇÃO COM O SEU CLUBE

- Qual seu time do coração?
- Qual sua relação com ele?
- Há quanto tempo torce?
- Como começou torcer por ele?
- Qual importância do seu clube na sua vida?
- Como acompanha os jogos dele?
- Quais as imagens (mentais e materiais) que você tem do seu time do coração? Por

gentileza anexe fotos suas que represente isto.

---

#### PARTE 4 – QUESTÕES AVULSAS

1. Para você, qual seria o tipo ideal de torcedor de futebol? Fale sobre o fanático.
2. Você considera um espectador, um tipo de torcedor de futebol? Fale sobre um espectador que não torce por nenhum time, porém goste de futebol.
3. Existem tipos de torcedores? Usando o exemplo do seu clube, quais tipos você definiria.
4. Qual a importância da mídia no futebol profissional? Fale sobre o torcedor que si diz torcedor de um clube, mas não acompanha os jogos do mesmo.
5. Para você, quais características você elencaria para um torcedor de futebol?
6. Para você, qual necessidade humana responder ser torcedor de futebol?
7. Por fim, você acredita que o futebol pode fascinar alguém? Caso sim, o que te fascina no futebol? Em que grau de intensidade\*?

\*Parâmetro: De 5<sup>51</sup> a 10<sup>52</sup>.



---

<sup>51</sup> Espectador que gosta de futebol, porém não torce por nenhum time, a não ser pelo espetáculo da partida em si.

<sup>52</sup> Torcedor fanático, que acompanha os jogos do clube, apropria imagens simbólicas, tem um sentimento de pertencimento clubístico, que o futebol extrapola o jogo como elemento do não-sério que foge a realidade da vida cotidiana num tempo e espaço específico da partida de futebol, para um cotidiano de seriedade.

## APÊNDICE C – ENTREVISTA INFORMAL



### PERGUNTAR:

- 1) Para você, quais são as características dos abecedistas?
- 2) Como você tornou-se abecedista?
- 3) Como você torce pelo ABC?
- 4) Qual sua relação de pertencimento com o ABC?
- 5) O que te fascina no futebol e no ABC?
- 6) Quais são as imagens materiais que você tem do ABC (camisa, pôster, toalha, etc.) e as mentais (importantes em sua memória, simbólicas)?

### OBSERVAR:

- A) Uso de vestimentas e acessórios do ABC.
- B) Gestos e expressões corporais (*intensidade*) ao falar do ABC.
- C) A relação do ABC no cotidiano do torcedor.

TELEFONE (WHATSAPP): \_\_\_\_\_

FACEBOOK: \_\_\_\_\_

E-MAIL: \_\_\_\_\_